

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA  
PORTUGUESA

**Estudo diacrônico da função e dos valores  
semânticos dos sufixos -ança/-ença, -ância/-ência  
no português**

Andréa Lacotiz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro

São Paulo  
2007

# **DEDICATÓRIA**

**A Antonio Lacotiz que, não sendo meu pai, o foi.**

**A Maria Aparecida Lacotiz que, com sua coragem, permitiu a vida.**

## AGRADECIMENTOS

À condescendência daqueles que contribuíram para a consolidação deste trabalho:

Ao Grupo de Morfologia Histórica do Português, cuja existência proporcionou o contato com discussões oportunas e enriquecedoras ao trabalho de pesquisa; em especial, a Mônica Yuriko Takahashi e Érica Santos Soares de Freitas, que enviaram listas de palavras com acepções análogas aos sufixos por mim estudados, exemplos dos quais me servi ao longo do texto; a Nilsa Areán-García, por sua intervenção inesperada, mas que apresentou sugestões de maneira sábia e experiente, em momento oportuno; a Zwinglio O. Guimarães-Filho e Leandro Mariano, do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, pela elaboração de planilhas, gráficos e *softwares* de varredura eletrônica que muito auxiliaram a pesquisa, pelo tempo e esforço poupados.

Àqueles que estiveram ao meu lado durante a realização deste trabalho ou, de alguma forma, dele participaram: Carlos Eduardo Pereira, pela configuração do texto e impressões realizadas ou pelo simples companheirismo, em bons e maus momentos; Edina Marlene de Lima, amizade perene, pelo apoio constante, desde o início de minha vida acadêmica.

Às docentes da área de Filologia e Língua Portuguesa, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Elis de Almeida Cardoso Caretta e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Valéria Gil Condé, pela participação no exame de qualificação, com sugestões sábias e pontuais, que auxiliaram o esboço do caminho a ser seguido.

Ao amigo e orientador, Mário Eduardo Viaro, pela confiança e paciência demonstrados, pelo comprometimento assumido, ao apontar falhas e sucessos, ao sugerir e aceitar direções, atitudes sem as quais nada seria possível.

À Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e à Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo – Região Leste 3, pelos meses de financiamento desta pesquisa.

À convivência com Cláudio William de Oliveira Santos (*in memoriam*), pelas conversas que, ocorridas na adolescência, resultaram em minha trilha das Letras.

## RESUMO

O percurso histórico de derivações sufixais é muito pouco estudado, pois é lugar-comum concentrarem a análise de formação de palavras sob a ótica sincrônica. O presente trabalho constitui-se de um estudo calcado em diacronia sobre as ocorrências dos sufixos *-ançal/-ença*, *-âncial/-ência*, em suas funções transcategorial e semântica. Em manuais de gramática normativa, afirma-se, comumente, que esses sufixos se prestam apenas a transpor a classe gramatical de uma palavra, de verbo a substantivo abstrato, e acrescentam à base um significado superficial. Os modelos gerativos de estudo morfológico, por sua vez, embora reconheçam a polissemia dos sufixos, instituem regras de derivação sufixal que não abrangem a total possibilidade formativa, encontrada no processo histórico dos sufixos abordados. O objetivo de nossa pesquisa tratava-se de precisar dados etimológicos encontrados no *Dicionário Houaiss*, para com isso investigar os valores semânticos variáveis no percurso diacrônico dos sufixos, avaliar a tendência formativa transcategorial, desde o latim clássico, e verificar a relação que os substantivos derivados estabelecem com seus verbos e adjetivos cognatos. Com base em um *corpus* de 250 palavras usuais formadas por esses sufixos, investigamos a etimologia dos vocábulos, utilizando-se de dicionários de latim, clássico e medieval, inglês, francês, espanhol e italiano, confrontando os dados encontrados com aqueles fornecidos pelo *Dicionário Houaiss*. Descrevemos os valores semânticos dos sufixos em forma de paráfrases, discernindo os prototípicos daqueles advindos de empréstimos ou por extensão de sentido. Averiguamos a cognação desses substantivos derivados entre adjetivos em *-nte* e verbos, no português atual. Dessa forma, pudemos concluir que esses sufixos se revestem de variáveis valores semânticos, prototípicos e adquiridos em seu percurso diacrônico; prestam-se à criação de substantivos majoritariamente abstratos, pois há ocorrências de substantivos concretos, e possuem a tendência de formar derivados a partir de bases adjetivais e verbais, ainda que, ao longo da história, desde o latim, tenham existido formações com outras categorias.

Palavras-chave: derivação, morfologia, morfologia histórica, semântica, sufixos derivativos.

## ABSTRACT

The historical trajectory of suffixal derivations is too little studied, since it is a commonplace to concentrate the analysis of words formation under a synchronical point of view. The present work deals with a study set in the diachronical perspective of the suffixal occurrences of Portuguese suffixes *-ança/-ença*, *-ância/-ência*, in their transcategorical and semantical functions. In normative grammar manuals, it is used to affirm that these suffixes are useful in order to cross over the grammatical class of a word, from a verb to an abstract noun, and to add it on the basis of a superficial meaning. The generative models of Morphology, in their turn, recognize even though the polysemy of the suffixes and establish suffixal derivation rules that do not embrace all formative possibilities, found in the historical process of the broached suffixes. The purpose of this research was specify etymological data found in the *Dicionário Houaiss*, to, hereby, investigate the changeable semantic values in their suffixal diachronic trajectory, evaluate their transcategorical formative tendency, since the Classic Latin, and verify the relation that the derivative nouns establish with their verbs and cognate adjectives. Based on a *corpus* of 250 usual words formed by these suffixes, we investigate the etymology of the terms, consulting dictionaries of Classic and Medieval Latin, English, French, Spanish and Italian, confronting the found data with those supplied by the *Dicionário Houaiss*. We describe the semantical values of the suffixes in the form of paraphrases, discriminating the prototypical one from those occurred by loans or by meaning extensions. We inquire the cognation of these derivative nouns among adjectives in *-nte* and verbs, in the current Portuguese. This way, we could conclude that these suffixes resemble themselves with changeable semantical values, prototypical and acquired in their diachronical trajectory; they are useful to the creation of nouns mainly the abstract ones, because there are occurrences of concrete nouns, and have the tendency to form derivatives from adjectival and verbal bases, although, alongside the history, since the Latin, formations with other categories have also existed.

Keywords: derivation, morphology, historical morphology, semantics, derivative suffixes

## LISTA DE ABREVIATURAS

- DCECH** - *Diccionario Critico Etimologico Castellano e Hispânico*, Juan Corominas & José A. Pascual;
- DEI** - *Dizionario Etimologico Italiano*, de Carlo Battisti & Giovanni Alessio
- DELI** - *Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*, de Manlio Cortelazzo & Paolo Zolli
- DLF** - *Dictionnaire Latin-Français*, de Félix Gaffiot
- GLL** - *Glossary of a Later Latin*, de Alexander Souter
- LPLR** - *Lexique de la prose latine de la Renaissance*, de René Hoven
- LPR** - *Le nouveau Petit Robert* de Josette Rey-Debove & Alan Rey (ed.)
- OED** - *The Oxford English Dictionary - Introduction, Supplement and Bibliography of a New English Dictionary on Historical Principles*, de Bradley, H., Craigie, W. A. & Onions C. T. (ed).
- VPL** - *Vocabulario Portuguez e Latino* , de Rafael Bluteau

# SUMÁRIO

Introdução .....	09
Capítulo 1 – O que sabemos sobre os sufixos .....	14
1.1. A usual visão das gramáticas normativas .....	14
1.2. A legitimidade semântica dos sufixos.....	17
1.3. A contribuição dos dicionários .....	18
Capítulo 2 – Formar palavras: regra ou processo?.....	25
2.1. O tema da formação de palavras.....	25
2.2. O modelo gerativo de análise sufixal .....	27
2.3. Bloqueio, produtividade e necessidade comunicativa.....	28
2.4. A complexidade semântica dos sufixos .....	32
Capítulo 3 – O surgimento de <i>-ntia</i> e sua distribuição nas línguas neolatinas...	36
3.1. A origem latina.....	36
3.2. A presença de <i>-ntia</i> nas línguas derivadas do Romance.....	39
3.3. A tendência formativa do sufixo em seu percurso histórico.....	44
Capítulo 4 – Novas propostas etimológicas.....	46
4.1. A investigação etimológica das palavras.....	46
4.2. A etimologia equivocada do Dicionário Houaiss.....	47
4.3. Os casos de etimologia opaca.....	66

Capítulo 5—Análise semântico-categorial dos sufixos – <i>ançal/-ença,-âncial/-ência</i> .....	76
5.1. As classes semântico-categoriais.....	76
5.1.2. Classe ESS ( <i>nomina essendi</i> ).....	81
5.1.3. Classes TRS e RES ( <i>nomina actionis</i> ).....	83
5.1.4. Simultaneidade das classes TRS, RES e ESS.....	85
5.1.5. Classe LCA.....	86
5.1.6. Classe QNT ( <i>nomina quantitatis</i> ).....	87
5.1.7. Classe RES+.....	88
5.2. A genealogia semântica dos sufixos.....	88
Capítulo 6 – O processo derivacional no latim e no português.....	93
6.1. A cognação entre verbos, adjetivos e substantivos no latim.....	93
6.2. A independência dos sufixos em relação a verbos e adjetivos.....	95
6.3. A cognação entre verbos, adjetivos e substantivos no português.....	97
6.4. A função semântico-categorial dos sufixos.....	100
Conclusões.....	103
Referências Bibliográficas .....	109
Anexos.....	114



## INTRODUÇÃO

Não existe nenhuma língua do mundo que não opere com termos abstratos. A abstração faz parte do pensamento lógico, discursivo, além de expressar sentimentos sobre aquilo que circunda o homem. Essas afirmações parecem óbvias do ponto de vista de quem analisa a língua tal como ela se encontra hoje. Mas encontrar termos que dessem conta em exprimir certas idéias nem sempre foi fácil. A única solução encontrada era formar palavras.

As palavras, por sua vez, não nasceram todas ao mesmo tempo: a linguagem humana é muito antiga para se pensar assim. De umas formaram-se outras; uma dada língua tomou emprestado da outra; recorreu-se às origens latinas para se expressar determinados conceitos, em se tratando das línguas românicas, do inglês e outras línguas européias.

Embora muitas palavras sejam constituídas de elementos decomponíveis em unidades mínimas, para o Estruturalismo, toda palavra é segmentável. O Gerativismo adotou em parte esse princípio e, partindo dos próprios pressupostos, dentre os quais falantes nativos de uma determinada língua são capazes de reconhecer essas unidades e fazer uso delas, procurou engendrar uma teoria que permitisse compreender os complexos liames da linguagem, na formação de palavras. Portanto, dissecar os elementos que as compõem e observar a regularidade dessas composições bastariam para se chegar aos “*modelos formativos*” e aos “*tipos formativos*”<sup>1</sup>.

Na aplicação do método criado, surgiram as inconveniências: eram muitas as exceções, porque, ao proceder a segmentação de palavras, muitos elementos semânticos e fonológicos tornam-se obscuros, explicáveis, muitas vezes, somente pela perspectiva histórica. No entanto, a teoria não foi abandonada nem reformulada, pois a diacronia não é normalmente utilizada, uma vez que são preponderantemente estudos sincrônicos. O objetivo da morfologia gerativa era lidar com a língua que interessava ao falante, o qual não conhecia as etapas

---

<sup>1</sup> Para maiores detalhes sobre a morfologia gerativa, vide Aronoff (1976), Basílio (1987).

anteriores de uma língua, portanto, para eles, o elemento diacrônico era injustificável.

Ainda hoje, muitos termos ou expressões possuem etimologia opaca, palavras carentes de estudo teórico, o que fomenta a publicação de afirmações fantasiosas, de seriedade duvidosa sobre o assunto. Quantos vocábulos ainda causam estranheza, ao compararmos sua etimologia ao seu uso contemporâneo? Como foram empregados ao longo dos tempos? Na análise desse uso, certamente se encontram muitas das respostas que buscamos. Um caso evidente é o estudo dos sufixos, cujo percurso diacrônico é enigmático, pelo fato de haver poucos estudos da derivação sufixal calcados num século específico.

Segundo Viaro (2003), os sufixos não vêm tendo a atenção necessária, pois as gramáticas históricas descrevem sua polissemia e produtividade sem se aterem a um século específico. Isso significa não reconhecer o léxico como um organismo vivo, sujeito à reelaboração de muitas gerações que nele colaboraram.

A polissemia de um sufixo é facilmente detectada quando se comparam vocábulos formados por uma mesma terminação. Apesar disso, nem todas as nuances ocorreram em todas as épocas, nem todas as possibilidades se confirmaram: as gramáticas, normativas e históricas, apenas apontam sua classificação semântica e as categorias por ele formadas, isto é, substantivos, adjetivos, advérbios, verbos, o que se transforma numa lacuna dos estudos morfológicos.

A gramaticologia do português informa que os sufixos *-ança/-ença*, *-âncial/-ência* significam “ação ou resultado da ação” e “estado” e se prestam a formar substantivos abstratos deverbais. Quanto ao significado, intuitivamente, torna-se difícil reconhecer esses valores para o sufixo em vocábulos como *adolescência*, *infância*, *inocência*, etc. Sobre a procedência verbal, não encontramos verbos, no português, para *elegância*, *fragrância*, *substância*, entre outros.

Por sua vez, os exemplos citados acima também permitem entrever as incongruências encontradas na teoria gerativista sobre formação de palavras, pois

a direcionalidade formativa encontrada para esses sufixos seria a de verbos formarem substantivos, o que é possível em muitos casos, mas existem muitas exceções. É preciso admitir que *adolescência*, *infância*, *inocência*, *elegância*, *fragrância* e *substância* são advindas do latim clássico, o que, obviamente, é informação descartável ao Gerativismo, por ser diacrônica. Além disso, nem sempre as lacunas se preenchem na recorrência ao latim: etimólogos que se ocupam do assunto na elaboração de dicionários, por vezes, deixam entrever os percalços de suas pesquisas.

O Dicionário Houaiss (2001) registra a datação de entrada das palavras no português, com indicação da fonte onde ocorreram. Para este trabalho, conforme Mauro de Salles Villar, as principais fontes de abonação foram o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, datações colhidas pelo Prof. José Alves Fernandes, da Universidade Federal do Ceará, e a obra editada pela Fundação Casa de Rui Barbosa, intitulada *Índice do Vocabulário Português Medieval*, de Antônio Geraldo da Cunha. O Setor de Filologia da Casa de Rui Barbosa também proporcionou aos lexicógrafos a consulta ao fichário completo de Antonio Geraldo da Cunha, que procedeu a transcrição de 170.000 fichas com base em mais de 100 textos medievais. Para o leitor interessado especialmente nesses aspectos, outras informações são encontradas na bibliografia do dicionário.

Embora o campo da datação revele um trabalho apurado por parte dos realizadores do Houaiss, procedimento semelhante não ocorre no campo da etimologia. Muitos vocábulos, altamente freqüentes, formados pelos sufixos *-ança/-ença*, *-ância/-ência*, não encontraram sua origem, porque é comum, por parte de lexicógrafos, registrarem, no campo etimológico de um substantivo, um verbo de datação posterior à de que seria seu derivado: *exorbitância* (1543) vem de *exorbitar* (1770); ou *superintendência* (1688) deriva de *superintender* (1696). Estudar os processos de derivação, *a priori*, significa distinguir o que veio antes e o que veio depois.

Assim, é muito comum também, no Houaiss, preferirem o apontamento de um verbo, mesmo que posterior, em detrimento da existência do conceito, e seu

respectivo signo lingüístico, em outras línguas, com datação anterior. Apenas limitam-se a apontar a influência de uma dada língua, como no caso de *independência* (1660), sobre a qual admitem influxo do francês, *indépendance* (1610). Existem casos em que a direcionalidade derivacional fica comprometida pela própria afirmação do dicionário, quando este informa um adjetivo como base de criação do substantivo, como nos substantivos *onisciência*, *proficiência* e *saliência*.

Como podemos entrever, os estudos morfológicos concernentes à derivação sufixal revestem-se de lacunas, devido à abordagem normativa, que nega o significado do sufixo ou o minimiza; ao procedimento das teorias gerativistas, demasiado preso a regras de formação; e ao abandono de estudos diacrônicos, que compõem a essência da derivação, pois a etimologia muitas vezes reconstitui a base de uma palavra derivada.

A fim de preencher parte dessas lacunas, o presente trabalho trata de um estudo de diversas etapas sobre as ocorrências dos sufixos *-ança/ -ença, -âncial - ência*, formadores de substantivos abstratos. Na primeira delas, arrolamos as mais freqüentes, dentre um total de 1060 verbetes, extraídos do Dicionário Houaiss. Para estabelecer a freqüência, consultamos as 1060 palavras na página de *Internet* do *Google*, fonte de pesquisa *online* que registra o número de sítios nos quais a palavra é utilizada, tomando uma base de mais de 500 milhões de ocorrências. Nosso *corpus*, dessa maneira, constitui-se de 250 palavras.

Na segunda etapa, as palavras que compõem nosso *corpus* foram consultadas em dicionários etimológicos do espanhol, do italiano, do francês, do inglês e em dicionários do latim. O objetivo da consulta constituía-se em verificar a datação, a etimologia dada, os sentidos registrados e compará-los com o registro das mesmas palavras no Dicionário Houaiss, a fim de considerar se os vocábulos são provenientes do latim ou foram empréstimos de outras línguas.

A terceira etapa englobou a abordagem de vocábulos formados por esses sufixos, com o objetivo de analisar os valores semânticos de suas terminações, de acordo com o registro das acepções fornecidas pelo Dicionário Houaiss, e

deles extrair uma paráfrase, isto é, verificar os significados que os sufixos em questão acrescentavam a suas bases. De acordo com as paráfrases obtidas, os substantivos foram divididos por classes semânticas.

Na última etapa, verificamos no latim e no português a existência de verbos e adjetivos cognatos ao substantivo, de modo a cotejar a transcategorização, no cerne das línguas românicas e no português. Assim, seria possível verificar se, na prática, se comprova a teoria segundo a qual, historicamente, os substantivos em questão, sendo deverbais, se relacionam a verbos latinos e adjetivos de terminação *-nte* no português.

Com os procedimentos acima mencionados, procuramos descrever os sufixos estudados em seus diferentes estados, indicando como e em que língua surgiu cada palavra; quando surgiu, o que significava; ao entrar no português, que sentido possuía. Quanto aos sufixos, observar a variação semântica ao longo do tempo, discernindo os significados protótipos e os acrescidos. Por fim, avaliar como isso tudo pode ter contribuído para o significado de sufixos tal como os usamos hoje.

# 1. O QUE SABEMOS SOBRE OS SUFIXOS

## 1.1. A usual visão das gramáticas normativas

Em todo e qualquer livro de gramática normativa, encontra-se um capítulo dedicado à formação de palavras, o qual pretende lançar as bases pelas quais o léxico é alimentado. Uma subdivisão desse capítulo trata das formações obtidas pela derivação, basicamente o acréscimo de afixos, isto é, prefixos e sufixos. É comum haver nesses livros um breve comentário teórico a respeito do processo derivativo em evidência e uma lista dos principais prefixos e sufixos utilizados no português. Qualquer leigo ou iniciante no estudo da gramática se espantará com a quantidade de sufixos presentes na língua portuguesa.

No português, os sufixos *-ança/-ença*, *-ância/-ência* alternam-se entre si para formar substantivos. Fizemos um levantamento das informações sobre esses sufixos e a respeito do processo de derivação em diversos livros de gramática do português; tais informações serão por nós expostas e comentadas em seguida.

Silveira Bueno (1944:89) argumenta que os sufixos e prefixos, independentes, nada significam, isto é, que ganham significado apenas quando apostos ao tema das palavras. Obviamente, não há registro de emprego dos sufixos salvo combinados a bases; mas situação semelhante não ocorre com os prefixos, que se relacionam semanticamente com as preposições. Contudo, afirmar que nada significam, exceto quando combinados às bases, tanto no caso dos prefixos quanto dos sufixos, constitui-se uma opinião extremada, a ser discutida mais adiante. Em relação aos sufixos em questão, encontramos em Silveira Bueno apenas o registro de *-ência*, com o respectivo e único significado de 'estado'.

Rocha Lima (1962) demonstra possuir idéias bastante contraditórias a respeito da função dos sufixos e as expõe de maneira ambígua. Em seu subcapítulo sobre derivação sufixal, afirma:

“Ao contrário dos prefixos que, como vimos, guardam certo sentido, com o qual modificam, de maneira mais ou menos clara, o sentido da palavra primitiva, **os sufixos, vazios de significação, têm por finalidade formar séries de palavras da mesma categoria gramatical.**” (1962:192 , grifos nossos)

No parágrafo seguinte, o autor explica, utilizando como exemplo o sufixo -ez, que sua função seria apenas formar substantivos abstratos a partir de adjetivos: *altivo / altivez; estúpido / estupidez; malvado / malvadez*, etc (*ibidem*).

Não encontramos em Rocha Lima sequer a menção sobre a existência dos sufixos *-ança/-ença, -ância/-ência*. Entretanto, com o que foi exposto, sabemos que o autor não considera os sufixos como uma unidade mínima de significado. Porém, quando o autor afirma que os sufixos "*têm por finalidade formar séries de palavras da mesma categoria gramatical*", podemos deduzir que os sufixos não alteram a classe gramatical das palavras, ou ainda que um sufixo, como se percebe pelo exemplo dado, forma, a partir de uma única classe gramatical, uma outra única classe gramatical. De qualquer maneira, ambas as afirmações não se comprovam, pois sabemos que muitos são os casos de alteração da categoria gramatical, apesar de ela por vezes não ocorrer; assim como certos sufixos formam mais de uma categoria gramatical, a saber, o sufixo *-nte*, que compõe substantivos, tais como *emigrante, navegante, combatente, pretendente*, e adjetivos, *semelhante, tolerante, doente, resistente*.

Quanto à afirmação dos autores sobre a vacuidade de sentido dos sufixos, por razões primeiramente intuitivas, discordamos absolutamente de tal assertiva. Vejamos casos em que existem formas paralelas de derivação, advindas da mesma base, como *observância/ observação, aparência/ aparição*. Sobre *-ância/-ência* e *-ção*, as gramáticas assinalam o sentido de ‘ação ou resultado dela’. Se os verbetes forem consultados no dicionário, saber-se-á que eles não têm o mesmo significado, sendo que a diferença formal entre as palavras é apenas o sufixo. Dessa maneira, percebemos que os sufixos possuem significado autônomo; além disso, desconfiamos se entre *-ância/-ência* e *-ção* perpassam significados idênticos.

Tais fatos mostram que os sufixos fazem mais do que alterar a classe gramatical de um termo. Faz-nos ver fortes indícios de que os sufixos carregam em si uma carga semântica, variável, que é acrescida à base. Sobre isso, Sandmann (1989:30) demonstra o equívoco existente na gramaticologia portuguesa, citando como exemplo contra-argumentativo, o sufixo *-ada*, o qual não tem o mesmo significado em formações como: *martelada*, ‘golpe de martelo’, *facada*, ‘pontada com a faca’. Acrescentamos a esses exemplos, *laranjada*, ‘suco de laranja’, *goiabada*, ‘doce de goiaba’, *goleada*, ‘grande quantidade de gols’, dentre outros sentidos que o sufixo pode adquirir, em certas situações de uso.

Cunha & Cintra (1985: 84) afirmam que a palavra derivada por meio do uso de prefixos e sufixos mantém uma relação de significado com sua base, o que nos parece autêntico. Ainda, os autores expõem que, sincronicamente, os substantivos formados pelos sufixos *-ança/-ença*, *-ância/-ência* são deverbais e possuem basicamente os significados de ‘ação ou resultado dela, estado’. Quanto à origem, mencionam que são semi-eruditos e que “*aparecem em palavras de criação recente e modeladas sobre o latim*” (1985: 97, grifos nossos).

Os dados acima mostram-se extremamente vagos, já que explicar a existência de palavras com base na recorrência ao latim clássico ou em sua modelagem, sem investigar a fundo as transformações históricas da linguagem humana, acaba por tornar-se um axioma. Além disso, não se explicita se a afirmação de que os sufixos são deverbais é feita, tomando por base a análise do latim ou do português.

Para Bechara (2001:338), os sufixos mudam a classe gramatical do radical, ainda que a mudança possa não ocorrer, e relacionam o derivante a “(...) *nomes aumentativos ou diminutivos, nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc*”; por isso, possuem uma função morfológica. A afirmação do autor estaria plenamente correta, caso ele não mencionasse, mais adiante, que: “*Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa(...)*”. Páginas seguintes, o autor se contradiz, ao declarar:



"Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, **revestem-se de múltiplas acepções** e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma (...)" (1987: 357, grifos nossos)

## 1.2. A legitimidade semântica dos sufixos

Afora a incoerência apresentada sobre os sufixos em geral, ao buscarmos informações a respeito de *-ança/-ença*, *-ância/-ência*, fica a impressão de que esses sufixos se prestam apenas a alterar a classe gramatical de um vocábulo – de verbo a substantivo; que acrescentam, à base, um superficial significado, ação, resultado e estado, já que se mantém a idéia característica dos verbos; e, finalmente, que o uso de um ou outro sufixo seria aleatório.

Entretanto, estudos recentes mostram que nem sempre o sufixo altera a classe gramatical de um vocábulo, assim como carregam em si uma forte carga semântica, variável, que é acrescida à base. Basílio (1987:8) escreve que atribuir ao sufixo a função de mudar a classe gramatical de uma palavra não é suficiente, mesmo porque existem processos de derivação sufixal em que não há alteração da classe de palavras, citando como exemplo o caso dos diminutivos – *mesa / mesinha*, *sapato / sapatinho*, etc. Segundo a autora, os motivos que norteiam a formação de palavras constituem : *“a utilização da idéia de uma palavra em uma outra classe gramatical; e a necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica”*; aos quais se agrega o princípio de economia da língua, centrado na eficiência do processo comunicativo (1987: 9-10).

No que diz respeito ao processo comunicativo, Vilela (1994:54) aponta que a motivação para a formação de palavras permeia *“as mudanças constantes operadas no mundo que circunda o homem”*. Desse modo, *“(...) o processo natural e normal de responder a todas as solicitações do extralingüístico – porque o mais econômico – é o que foge à arbitrariedade e ao meramente convencional: a formação de palavras (...). Em cada palavra formada, há algo de novo e algo de já conhecido, decomponível apesar das alterações sofridas no percurso derivativo...”*.

Levando em consideração as premissas, podemos intuir que, se as solicitações extralingüísticas se alteram em seu decurso, os fenômenos lingüísticos igualmente surgem em decorrência delas, ou seja, a produtividade desses sufixos será distinta, caso seja feito um estudo diacrônico, assim como seus valores semânticos – nem todas as acepções ocorreram em todas as épocas. Tais fatos nos levam a crer que a escolha de um ou outro sufixo não é aleatória como se pode pensar, ao consultar os livros de gramática.

### 1.3. A contribuição dos dicionários

Excetuando a coleta de dados em base documental específica de cada século, outra forma de obter informações a respeito de sufixos é recorrer aos dicionários. Fizemos um levantamento das entradas de *-ança/-ença*, *-ância/-ência* em dicionários representativos, do séc. XVIII ao XXI, com o objetivo de saber se haveria registro de sua produtividade, da etimologia, bem como de alterações semânticas. Dessa forma, seria possível comparar os resultados com as informações constantes dos livros de gramática, de modo a investigar até que ponto a abordagem normativa abarca a gama de possibilidades de formação lexical.

Expomos, abaixo, as informações obtidas nos dicionários, organizados em ordem cronológica de edição, e consideramos pertinente um comentário geral sobre os resultados da análise. Tal postura se justifica pelo objetivo do presente estudo, o qual visa a investigar o possível registro das nuances semânticas dos sufixos. Abstemo-nos de julgamento técnico em relação à organização das obras consultadas.

a) Antonio Moraes e Silva: Dicionario da lingua portugueza. 2ª ed. 1813.

"-**ança**, s.f. suf. (do lat. *-antia*) para designar acção ou resultado de acção: *esperança, lembrança, temperança*, etc."

"- **ância**, suf. designativo de acção ou resultado de acção: *abundância, relutância, circunstância*."

"-ên<sup>ç</sup>ia, sufixo de formações nominais, sinónimo de *ença*: *maledicên<sup>ç</sup>ia, falên<sup>ç</sup>ia, aparên<sup>ç</sup>ia, prudên<sup>ç</sup>ia.*"

**Obs.:** não há entrada para o sufixo *-ença*.

Em Moraes e Silva, encontramos tratamento a esses sufixos idêntico ao das gramáticas, isto é, com o sentido de “ação ou resultado da ação”, sem constar ainda o significado de “estado”.

b) Laudelino Freire: Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa. 1ª ed. 1940

"-ANÇA, suf. Lat. *antia*. Elemento que se junta a radicais verbais para formar substantivos que designam ato (*mudança*), resultado de ato (*usança*), estado de espírito ligado a um ato (*confiança*), objeto sobre que recai a ação (*criança*), coletividade (*vizinhança, mestrança*), aumento (*festança*)."

"-ÂNCIA, suf. Lat. *antia*. Forma que toma nas palavras de origem erudita ou literária o suf. *ança*. Como este, forma substantivos verbais, com os mesmos significados que ele, a que ajunta uma idéia geral de persistência ou habitualidade: *vigilância, elegância*, etc. Encontra-se em palavras tomadas ao latim, pelo que aparece alguma vezes com radical vernáculo e outras com radical latino: *tolerância* (lat. *tolerare*, port. *tolerar*), *vigilância* (lat. *vigilare*, port. *vigiar*)."

"-ENÇA, suf. Lat. *entia*. Contr. do suf. *ên<sup>ç</sup>ia*."

"-ÊNCIA, suf. O mesmo que *ença*: *violên<sup>ç</sup>ia, falên<sup>ç</sup>ia, prudên<sup>ç</sup>ia*. "

Laudelino Freire traz novidades a respeito do significado e da regularidade do processo de formação desses sufixos. Em relação a *-ança*, acrescenta os sentidos de “coletividade”, “aumento” e “objeto sobre que recai a ação”. Quanto a *-ância*, cita que as palavras criadas são deverbais e que as derivadas mantêm o significado dos verbos dos quais provêm, acrescentando-se “*uma idéia geral de persistência ou habitualidade*”. Para Freire, *-ância* trata-se de uma forma paralela de *-ança*, sendo a primeira usada quando a palavra for erudita ou literária. Sobre a base à qual se junta o sufixo, existe a menção de que ela seria variável, advinda

por vezes do latim, como no caso de *vigilância*, cujo radical seria do latim *vigilare*; ou oriunda do próprio português, caso de *tolerância*, do português *tolerar*. Nesse último exemplo, é ignorado o fato de existir, já no latim clássico, a forma nominativa *tolerantia*, que teria gerado diretamente o vocábulo *tolerância*, no português. Sobre *-ença* e *-ência*, existe somente a afirmação de que o primeiro é uma contração do segundo, não havendo sequer referência aos outros sufixos, *-ança*, *-ância*.

c) Caldas Aulete: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. 2ª ed. Brasileira. 1964.

"...**ANÇA**, *suf. subst.* f. o mesmo que ...*ância*, de que é contração: *esperança*, *privança*, *temperança*, *bonança*, etc. // F. lat. ...*antia* [V. a nota de ...*ância*]. "

"...**ÂNCIA**, *suf. subst.* derivado dos partic. ou adj. terminados em ...*ante*. Designa duração, continuação, ação contínua, estado permanente, qualidade duradoura: *abundância*, *arrogância*, *instância*, *distância*, *vigilância*, etc. // F. lat. ...*antia* [Nota: Propriamente, o *a* pertence ao tema e o sufixo provém de *nt*, sufixo latino dos participios presentes, com a junção de *ia*. Portanto: *ncia*, do latim *ntia*. Cp. *indolência*, etc. cujo sufixo é o mesmo e a vogal temática é a do tema de que provém.] "

"...**ENÇA**, *suf. contr.* de ...*ência*: *diferença*, *parecença*, *crença*, *licença*, *doença*. // F. lat. ...*entia*. "

"...**ÊNCIA**, *suf. s. f.* que é o mesmo que ...*ância* ou ...*ança* e deriva de adjetivos acabados em ...*ente*: *desinência*, *suficiência*, *magnificiência*. [Contraí-se em ...*ença*] // F. lat. ...*entia*. "

Já em Caldas Aulete, os sufixos *-ança*, *-ância*, *-ença*, *-ência* são apontados como provenientes do participio presente latino ou de adjetivos terminados em *-nte*, com adição do sufixo *-ia*, o que constitui-se um dado relevante, pois percebermos que os sufixos em estudo neste trabalho são, eles próprios, uma composição. Para *-ância*, o verbete aponta os significados de "duração", "continuação", "ação contínua", "estado permanente", "qualidade

*duradoura*”, cuja novidade é o sentido de continuidade, de duração, afora o habitual mencionado pelas gramáticas.

d) Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2ª ed.: 1986.

"-**ança** [Do lat. *-antia*.] Suf. nom. = ‘ação’ ou ‘resultado da ação’, ‘estado’: *esperança* (<lat. *sperantia*), *matança*, *vingança*. [Equiv. : -*ância*: *observância* (<lat. *observantia*), *tolerância* (<lat. *tolerantia*); e (raríssimo) -*anço*: *habitanço*). "

"-**ância**. V. -*ança*. "

"-**ença**. [Do lat. *entia*.] Suf. = ‘ação ou resultado da ação’, ‘estado’: *diferença* (<lat. *differentia*), *parecença*, *querença*. [Equiv.: -*ência*: *ocorrência* (<lat. *occurentia*), *dolência* (<lat. *dolentia*). ] "

"-**ência**. Equiv. de -*ença*. "

No Aurélio, é citada uma forma variante, “raríssima”, -*anço*, mas há um único exemplo e não há referência de data. O dicionário informa que os sufixos são equivalentes entre si, no que se refere ao significado.

e) Antonio Houais: Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa. 2001.

"-**ança**. das orig. da língua, formador de subst. abstratos oriundos de v. da 1ª conj. (numa relação exatamente conforme com o lat.; p.ex., o v. *abundáre*, cujo part.pres. era *abundans,tis*, tinha o subst. *abundantia*: donde a conexão 1ª conj.: rad. do part.pres.: subst. em -*antia*); a evolução para o port. dá -*ança*, mas a f. culta -*ância* passou tb. a ser us. a partir do Renascimento, daí gerando-se uma situação em que, *a priori*, é impossível ao usuário saber qual a que se impôs pelo uso, ocorrendo, em consequência, não raro, casos em que os dois suf., com o mesmo sentido, concorrem (*constança/constância*): *abastança*, *aliança*, *andança*, *aventurança*, *calhança*, *chegança*, *chibança*, *chupança*, *circunvizinhança*, *cobrança*, *confinança*, *criança*, *desvairança*, *duvidança*, *ensinança*, *esperança*, *esquivança*, *estança*, *festança*, *fiança*, *folgança*, *ganhança*, *governança*, *herdança*, *hospedança*, *inventariança*, *lambança*,

*lembrança, liança, liderança, livrança, maridança, matança, medrança, melança, mestrança, militança, molhança, mornança, mudança, naturança, ordenança, papança, parança, perseverança, pitança, poupança, prestança, privança, provança, quebrança, raspança, lembrança, retornança, segurança, semelhança, sobrepujança, tardança, temperança, tubança, tumbança, usança, vereança, vingança, vizinhança* (já não como suf., mas como term. em que houve convergência fonética, *-ança* aparece em umas quantas pal., que serão consideradas na etimologia respectiva); de form. humorística conexa com f. canônicas em *-ança* ou *-ância*, há uma term. *-anço* em vocábulos como *crianço* (de *criança*), *engrimanço* (de *engrimância*), *estiranço* (de *estirança*), *habilitanço* (de *habilitância*), casos que se estendem a f. menos motivadas, como *recuanço* (contra p.ex., *recuo* e *recuação* e tb. *recuância* e *recuança*), *ervanço*, *espetanço*, *herdanço*, *mimanço* (id., *mutatis mutandis*), *ningrimanço*. "

"**-ância**. formador com o suf. *-ia* de subst. abstratos oriundos de v. da 1ª conj. a partir do Renascimento, em alternância com **-ança** (ver, onde se diz de sua orig.): *abundância, ajudância, alternância, ambulância, arrogância, assonância, beligerância, capacitância, claudicância, concordância, consonância, constância, culminância, discordância, discrepância, dissonância, distância, dominância, entrância, equidistância, estância, exorbitância, extravagância, exuberância, fragrância, fragrância, fulgurância, ignorância, iluminância, implicância, importância, insinuância, instância, intolerância, jactância, lactância, mandância, mendicância, militância, observância, obstância, ondulância, periclitância, permeância, portância, predominância, preponderância, protuberância, radiância, rascância, recalcitrância, redundância, relevância, relutância, repugnância, ressonância, resultância, retumbância, rutilância, sibilância, significância, sindicância, tolerância, vacância, variância, vigilância*; modernamente, sobretudo na linguagem da física, vem sendo us. fora do padrão formador original: *absortância, absorvância, admitância, brisância, condutância, eletromotância, emitância, impedância, indutância, inertância, susceptância, transadmitância, transmitância, turbidância*. "

"-**ença**. das orig. da língua, formador de subst. abstratos oriundos de v. outros da 1ª conj.; como no caso de **-ança** (ver), ocorreu o desenvolvimento da f. culta paralela **-ência** (ver), gerando por vezes divergentes (tipo *pertença:pertinência*): *atença, avença, benquerença, conheença, convalescença, crença, crescença, desavença, descreença, detença, diferença, doença, fervença, malquerença, nascença, pareença, reconheença, renascença, sabença, tença, valença*; há casos em que a form. é esta ainda, mas obliterada a relação com o v. (*licença, presença, pertença*). "

"-**ência**. formador de subst. abstratos oriundos de v. outros que da 1ª conj.; como no caso de *-ância* e *-ança*, este é a f. culta paralela de *-ença*, que, a partir do Renascimento, se difunde de tal arte que de certo modo estanca a fecundidade de *-ença*: *abnuência, abrangência, absorvência, abstergência, abstinência, acedência, acrescência, aderência* etc.; numa relação de 455 pal. com esse *-ência* (já em explícita relação com verbos da língua, já em relação a f. latinas em que essa relação está obliterada, caso, p.ex., de *excelência, magnificência, reverência*), há sempre esse suf.; ver **-ância**. "

No Houaiss, dicionário em que surge uma maior preocupação com a origem dos vocábulos, a gama de informações aumenta. Segundo os verbetes, esses sufixos formam unicamente substantivos abstratos, procedentes do particípio presente latino de verbos da 1ª conjugação, os quais, primeiramente, transformaram-se em *-ança*. Sobre *-ança*, o dicionário informa que muitas terminações podem se confundir com o sufixo, por convergência fonética. A esta forma seguiu-se a variante culta *-ância*, a partir do Renascimento, não sendo possível saber qual das duas se sobressai. Interessante notar que *-ância* adquiriu a função de formar termos de áreas técnicas, sobretudo, na Física. O surgimento de *-ência* ocorre da mesma maneira que o de *-ância*, entretanto há a afirmação de que sua difusão é predominante, até o ponto de estagnar as formações em *-ença*. Quanto à variante *-anço*, diz-se tratar de formações nas quais os vocábulos adquirem uma nuance humorística.

f) Outras obras consultadas, nas quais não se encontraram entradas para os sufixos:

- Rafael Bluteau: Vocabulario Portuguez e Latino (1712 – 1728)
- Frei Domingos Vieira: Grande dicionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza. (1871-1874)
- Antenor Nascentes: Dicionário da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras. (1976).
- José Pedro Machado: Grande Dicionário da Língua Portuguesa. 10ª ed. (1980).

Como podemos observar, ao contrário do que se dá nas gramáticas, a polissemia e a produtividade dos sufixos é atestada pelos dicionários, numa simples verificação de seus registros. No entanto, faz-se necessário um estudo diacrônico dos dados, para que seja traçado o percurso desses sufixos, considerando as alterações semânticas e a sua produtividade ao longo dos séculos.

Mesmo ignorando dados históricos, não é preciso buscar outras teorias para que muitas das afirmações comumente encontradas sejam postas em dúvida. Basta atermo-nos a palavras como *substância*, *ciência*, das quais sincronicamente, no português, não se extrai nenhum verbo. Ou percebermos como seria nebuloso afirmar que em *corpulência*, *infância*, o sufixo tem o sentido de "ação ou resultado dela, estado".

É preciso efetivar-se uma nova visão do estudo sufixal voltada para a questão do fenômeno lingüístico, o qual se dá por necessidade comunicativa e, por isso, prevalece às regras. Se, no português atual, compararmos vocábulos formados por um mesmo sufixo, veremos que não possuirá o mesmo significado em todas as derivações.



## 2. FORMAR PALAVRAS: REGRA OU PROCESSO?

### 2.1. O tema da formação de palavras

O tema da formação de palavras é importante para a compreensão do léxico e dos processos pelos quais surgem novos vocábulos. O léxico de uma língua não se trata de um sistema fechado, previa- e inteiramente construído, do qual o homem apenas se serviu ao longo de sua existência. Dessa forma, tornou-se imprescindível à Morfologia, desde os primórdios, desenvolver um conhecimento sistemático que abarque suas categorias, permita a ordenação e classificação minuciosas de seus elementos e destrinche suas relações.

Com o objetivo de suprir a carência de fundamentos teóricos que abrangessem o assunto, de modo diferenciado da gramática tradicional, o Estruturalismo, na década de 50 do século XX, criou hipóteses teóricas, segundo as quais toda palavra pode ser segmentada. Posteriormente, o Gerativismo reconheceu tal postulado, incorporando a ele o fato de que todo falante nativo tem consciência da língua que fala, portanto pode julgar as questões de agramaticalidade.

Nessa perspectiva, as hipóteses teóricas adotadas por essas correntes voltam-se para a competência lingüística do falante, o qual, *a priori*, não sabe a origem histórica das palavras. Por ele não conhecer esse percurso histórico, não há como se basear nele para criar novas palavras. Desse fato, os autores buscaram compreender os mecanismos lingüísticos que possibilitam tal competência aos usuários da língua. Com isso, pretendiam dissecar os modelos nos quais os falantes nativos se baseiam para formar novas palavras. Dessa forma, justifica-se a abordagem sincrônica atual do léxico, para se perceber a relação existente entre palavras derivadas e suas bases.

Os gerativistas procuraram explicar a chamada "produtividade" apontando os princípios e processos verificados na formação de novas palavras, analisando regras e regularidades na combinação de morfemas. Assim, verificaram as

condições morfológicas dessas criações, para delas extrair as "regras formativas" (RFPs), ou seja, a continuidade dos elementos que constituem as palavras (bases e afixos). Segundo Vilela (1994:63), a inferência das regras baseou-se em uma lista finita de itens lexicais (bases) e uma lista finita de afixos, cuja combinação resulta uma lista finita de regras de derivação.

Desse modo, a formação de palavras é vista como processo, no qual a classificação das palavras é feita em termos de derivação - sufixação, prefixação, parassíntese, composição, conversão e encurtamento. No caso de processos em que há a adição de um morfema derivativo, podem ou não existir alteração da categoria gramatical e mudança semântica.

Nas vezes em que há alteração da classe gramatical, alcançaram os "*modelos formativos*", que se trata da "*orientação tomada pela derivação quanto ao ponto de partida e ponto de chegada*" (ibidem). Isso significa dizer, por exemplo, que de um adjetivo formam-se substantivos abstratos, como falso / falsidade, novo / novidade, ocioso / ociosidade; ainda, que essa combinação de adjetivo + -idade repete-se a ponto de constituir ao falante uma RFP.

Quando ocorre mudança semântica, chegaram aos "*tipos formativos*", isto é, "*o modelo semântico unitário dentro do modelo morfológico*". Assim, teríamos, por exemplo, o morfema derivativo *-ada*, cuja acepção 'golpe' teria permitido ao falante formar substantivos a partir de outros substantivos, tais como: *chicote / chicotada, cotovelo / cotovelada, faca / facada, guarda-chuva / guarda-chuvada, martelo / martelada*. Nos exemplos, não houve alteração da classe gramatical, o que não significa que ela não possa ocorrer concomitante à mudança semântica.

Portanto, de acordo com as premissas adotadas pelo Gerativismo, a intuição do falante que possui internalizadas essas regras formativas capacita-o a produzir e compreender palavras formadas a partir do acréscimo de afixos e serve de base aos autores para a postulação das RFPs (regras de formação de palavras) e as RAEs (regras de análise estrutural). E assim se alimentaria o léxico.

## 2.2. O modelo gerativo de análise sufixal

Rocha (1998) descreveu uma das RFPs, com o objetivo de propor um modelo de análise sufixal, baseado em morfologia gerativa. Para tal, serviu-se do sufixo *-eiro* e explanou as condições de produtividade, que se trata de uma regra potencial sobre bases especificadas e cuja combinação resulta derivações morfológicamente possíveis; e as condições de produção, que permeiam a produção efetiva de um vocábulo relacionada às restrições lexicais.

A regra específica, selecionada dentre muitas, constituiu-se de examinar a formação de substantivos derivados de outros substantivos, com a utilização do sufixo *-eiro*, quando este representa a idéia de agente humano, como em *leiteiro*, *verdureiro*, *motoqueiro*, etc. Segundo o autor, o objetivo seria o de verificar se todo e qualquer substantivo serviria à regra. Para tal, selecionou aleatoriamente uma lista de 150 substantivos.

Aplicada a regra, concluiu que nem todos serviam de base à criação “substantivo formado por *-eiro* agentivo”, porque era preciso delimitar as subcategorias das bases substantivais, dentre as quais, por exemplo, próprio, comum, concreto, abstrato, estático, dinâmico, etc. Dessa forma, compilou as características necessárias que promoveriam essa regra.

Rocha aponta que a RFP estudada não se aplica quando as bases são substantivos abstratos, porque, dentre sua lista, as palavras *mentira*, *mania*, *ódio*,  *fingimento*, etc, não possuem um derivado agentivo em *-eiro*. Apesar da afirmação do autor, encontramos no Dicionário Houaiss o substantivo *mentireiro*. Curioso é que, no parágrafo seguinte, aponta substantivos abstratos, poucos, segundo ele, em que foi possível tal aplicação: *cambalacho/ cambalacheiro*, *manota/ manoteiro*, *boato/ boateiro*, *biscate/ biscateiro*. Para “explicar” os casos, Rocha afirma:

“(...) *Trata-se, porém, de casos restritos. É preciso lembrar que ‘gramática não é matemática’, ou seja, o que se deve levar em consideração são as tendências, as linhas gerais.*” (1998: 133)

Parece-nos que, mesmo não constando de sua lista, o autor não checkou o léxico, pois, intuitivamente, reconhecemos a existência de substantivos abstratos como *fofoca* (que gerou fofoqueiro), *trambique* (que gerou trambiqueiro). Antes de ser uma exceção à regra postulada, a derivação de substantivos formados por –*eiro* a partir de substantivos abstratos é um fato, atestado pelo léxico.

O autor encontrou outras restrições: a de que –*eiro* não se junta a bases que designam agentes/ indivíduos, assim como em *mãe*, *mulher*, *apóstolo*, *mártir* não formam substantivos formados por –*eiro*; e que o sufixo não se junta a palavras compostas, caso de *pé-de-moleque*, *pára-raio*, *guarda-roupa*, entre outros.

Estamos longe de querer dizer se essas últimas restrições não se confirmam, porque, para isso, deveríamos checkar o léxico, atitude que não tomamos no momento pelo fato de o sufixo –*eiro* não ser nosso objeto de estudo<sup>2</sup>. Mas não podemos deixar de apontar o equívoco que existe por parte do autor, e da teoria postulada, em tomar como *regra* uma *tendência*. As regras induzem, porém a tendência é obtida apenas por dedução.

### **2.3. Bloqueio, produtividade e necessidade comunicativa**

As mesmas RFPs, conseqüentemente, impediriam, ao usuário da língua, de formar uma palavra de valor igual ao de uma já existente. Sandmann (1991:75-81) trata em sua obra dos bloqueios pertinentes à formação de palavras, ao discutir as condições de lexicalidade de vocábulos da língua. De acordo com o autor, vários são os impedimentos responsáveis pela ausência de palavras. Em geral, a existência de uma palavra, na língua, impede o surgimento de outra de valor igual; embora o sistema possibilite uma forma nova, o uso promove e privilegia a já existente. O autor delinea os seguintes casos de bloqueio<sup>3</sup>:

---

<sup>2</sup> O Dicionário Houaiss fornece exemplo de palavras compostas acrescidas do sufixo –*eiro*: guarda-roupa-velheiro, roupa-velheiro, chá-de-vara-de-marmeleiro, são-joaneira, burro-burreiro, guarda-soleiro etc.

<sup>3</sup> O termo “bloqueio” foi criado por Aronoff, fato mencionado por Sandmann e encontrado em ARONOFF (1976).

- a) bloqueio por derivados com sufixos de função igual: trancamento/ \*trancação; tombamento/ \*tombação; avaliação/ \*avaliamento, dentre outros;
- b) bloqueio de formas complexas por formas simples ou outras formas complexas: ridículo(subs.)/ \*ridiculeza ou \*ridiculidade; ladrão/ \*roubador; silêncio/ \*silenciosidade; valia/ \*valiosidade.

Por outro lado, Sandmann também cita dois casos de "*insubordinação às regras*" de produtividade lexical; o primeiro é produto da força estilística, através da qual o conteúdo daquilo que se quer transmitir seja feito com mais eficiência; o segundo, insere-se na linguagem infantil, já que a criança tem internalizados os mecanismos lexicais, mas não os gramaticais. O autor não menciona em que idade a criança não sofreria os bloqueios pertinentes à formação de palavras nem cita exemplos de insubordinação às regras por ela cometidos.

Entretanto, postuladas as regras, são muitas as exceções. Os próprios autores reconhecem seus limites, diante da complexidade da linguagem. Vilela (1994:65), diz:

*"(...) a inserção numa teoria demasiado presa a regras e a fórmulas, como é a GTG, ou a qualquer outra teoria demasiado arrumada e remetida para os grandes princípios de conteúdo e/ou forma, deixaria a apresentação dos afixos formativos do português, muito incompleta e reduzida à amostragem, (...)"*

Isso ocorre porque, na visão sincrônica, entender por que novas palavras são formadas equivale à análise de neologismos, criados em situações específicas, sejam elas estilísticas, literárias ou discursivas<sup>4</sup>. Nesses casos, a teoria funciona perfeitamente, mas não é o que acontece ao analisar palavras desde muito pertencentes ao léxico. Tal fato diz respeito à história das palavras, ignorada por esses autores com a alegação de que a abordagem diacrônica combinada com a sincrônica traria resultados conflitantes. Vejamos o porquê.

---

<sup>4</sup> Cf. Alves (1990).

Segundo as teorias postuladas, toda palavra é segmentável e suas partes obedecem intuitivamente uma orientação, o que daria ao lingüista os "*modelos formativos*", citados anteriormente. Segundo Sandmann (1992:15), essas segmentação e orientação são obtidas apenas sincronicamente, pois em muitos casos a diacronia compromete a "*direcionalidade do processo de formação de palavras*".

Assim, o sufixo *-ência*, formador de substantivos abstratos deverbais, teria a seguinte orientação: *agir + -ência / agência; divergir + -ência / divergência; gerir + -ência / gerência; interferir + -ência / interferência*. No entanto, ao verificarmos as datas registradas pelo Dicionário Houaiss, veremos que, em todos esses casos, o verbo é posterior ao substantivo: *interferir* (1873), *interferência* (1836); *gerir* (1890), *gerência* (1542); *divergir* (1873), *divergência* (1783); *agir* (1839), *agência* (1589).

Ao nosso ver, a direcionalidade em processos de derivação não constitui a orientação da forma, mas derivar significa, *a priori*, o que vem antes e o que vem depois, o que é primitivo e o que é derivado. A partir desse conceito, sabe-se que o português, o francês, o italiano, o espanhol e o romeno são línguas derivadas do latim. A língua dos romanos sofreu inúmeras transformações, ao longo dos tempos - por esse motivo muitos pesquisadores se debruçaram a catalogar regras de mudança sonora que permitissem perceber os vínculos formais e semânticos das palavras.

Em pesquisas de cunho científico, não se pode incorrer no equívoco que comete o professor da escola fundamental, ao procurar fazer compreender a seus alunos a cognação das palavras, ou família de palavras, como costumam chamar. Aos alunos, em idade pueril, basta-lhes entender a relação existente entre *pedra/ pedreiro/ pedregulho, ferro/ ferreiro/ ferroada*, por isso o professor não possui o cuidado de checar, na história do léxico, o que veio antes ou o que veio depois.

Portanto, rechaçar a diacronia em estudos morfológicos e afirmar que os substantivos formados por *-ência* são exclusivamente deverbais (conceito teórico), como o quer a abordagem sincrônica, seria prender-se excessivamente a

regras. Não seria tomar uma postura dedutiva, mas sim anticientífica, que trataria os fenômenos da linguagem considerando apenas o português, como se esta língua tivesse tido uma trajetória completamente autônoma e desvinculada dos contextos sócio-culturais que a envolveram, numa situação surreal em que falantes do português morassem numa ilha, na qual ninguém entrou e da qual ninguém jamais saiu.

Isso não significa dizer que a postura sincrônica seja descartável. Através dela é possível perceber a cognação existente entre inúmeras palavras. Entretanto, essa postura preocupa-se em demasia com o tipo de enfoque (sincrônico ou diacrônico) a ser adotado, em detrimento de uma pesquisa aprofundada, a qual aponte as reais condições de criação de uma palavra, especialmente em casos nos quais as bases são opacas, tendo em vista o português.

Sandmann (1992:17-19) deixa entrever as limitações da abordagem sincrônica, ao dizer que esta efetua a segmentação dos elementos que compõem a palavra, com base em regularidades semânticas e fonológicas que sustentam as unidades morfológicas. Daí conclui, à maneira de autores como Bloomfield, que em palavras como: *aduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *induzir*, *produzir*, *reduzir* e *seduzir*, pode-se afirmar que *-duzir* é um morfema, pois existe regularidade comportamental em suas derivações.

Difícil seria afirmar que um falante nativo, desprovido de conhecimentos teóricos, seria capaz de julgar regras de agramaticalidade, nesses casos, reconhecendo a base e suas respectivas preposições em derivações como as citadas pelo autor e desse reconhecimento se serviria para novas formações. Por isso o autor admite que, nas criações acima, a inexistência do verbo simples "*duzir*" torna obscura a apreensão dos derivados (Sandmann, 1992:20). O único primitivo aceitável, do ponto de vista morfológico, precisa ser buscado no verbo latino *ducere*.

Não é só em casos de bases opacas ao português que encontramos problemas na teoria corrente. A postura sincrônica, em busca de regularidades

para deduzir suas regras, simplifica demasiadamente a compreensão da formação de palavras: basta apontar que determinado sufixo forma substantivos a partir de verbos, tais como *-ância: abundar/ abundância, concordar/ concordância, ignorar/ ignorância*.

Ao nos depararmos com outras palavras formadas pelo mesmo sufixo, não encontraremos, no português, essa correspondência. Vejamos os casos de:  $\emptyset$  / *elegância*,  $\emptyset$  / *infância*,  $\emptyset$  / *petulância*,  $\emptyset$  / *substância*; nos quais não existem meios de se apontar o primitivo verbal já que, no português, não há verbos correspondentes.

Considerando que uma língua se transforma no decorrer dos séculos, não podemos aceitar que os estudos históricos sejam postos de lado, pois isso seria o mesmo que centralizar os estudos lingüísticos na norma padrão, o que configuraria um comportamento distante da investigação real da linguagem humana. A História nos mostra que a formação do léxico no português é multidimensional, composto de latinismos, arcaísmos, neologismos, estrangeirismos, regionalismos e vulgarismos, portanto, o pesquisador precisa verificar todas essas variantes e não só a etapa sincrônica atual.

#### **2.4. A complexidade semântica dos sufixos**

Segundo Barbosa (1981:264), a derivação sufixal é neológica “*quando resulta de uma combinatória inédita de signos*”. Podemos dizer, então, que essa “*combinatória inédita de signos*” resulta do sistema virtual da língua, o qual, por sua vez, se desvia da norma padrão. Dessa forma, o falante pode ou não intuir esses processos, com base no uso cotidiano de palavras lexicalizadas.

Sobre esse ponto, Bréal<sup>5</sup> (1987:45) denomina irradiação certos fenômenos lingüísticos que fazem elementos materiais de um signo contribuírem para com a apreensão do elemento formal. Embora ele não deseje entrar na discussão se ambos os elementos pertencem à mesma origem, quer “*somente mostrar que ela*

---

<sup>5</sup> Para estudos históricos, é importante mencionar que a primeira edição da obra de Michel Bréal foi publicada em 1897.



*pode nos levar a considerar como pertencente ao ‘elemento formal’ letras ou sílabas tomadas a partir do ‘elemento material’”.*

Assim, segundo o autor, certos afixos podem não possuir em sua origem o significado que têm hoje. Como exemplo, cita o sufixo latino *-inus,a,um*, formador de adjetivos, mas desde o latim não raro substantivado, situação que perdurou nas línguas neolatinas. Em português, o resultado é expresso através de *-inho/-zinho*, formadores de diminutivos, os quais não possuíam, no latim, a idéia de diminuição. Sobre tal fato, Bréal acrescenta que, a partir do momento em que o sentido diminutivo foi acrescido, inúmeros vocábulos foram criados. A *irradiação*, portanto, agrega significados especiais, o que promove a propagação dessa nova nuance. Atualmente, o sufixo *-inho/-zinho* pode ser acrescido a substantivos, *sapato / sapatinho*; adjetivos, *baixo / baixinho*; advérbios, *pouco / pouquinho*. Na linguagem informal, aos exemplos acrescentariam-se outras classes gramaticais: pronome, *tudo / tudinho, todo / todinho*; interjeição, *adeus / adeusinho, oi / oizinho*, etc.

No português, ao checarmos alguns verbetes no Dicionário Houaiss, encontraremos a junção de *-ança* a bases variadas, como em *amigança, amigo* (substantivo) + *-ança*; *igualança, igual* (adjetivo) + *-ança*; *tardança, tarde* (advérbio) + *-ança*. *Amigança* e *igualança* possuem diacronismo antigo e foram substituídas, respectivamente, por *amizade* e *igualdade*; *tardança*, apesar de rara, não encontrou substituta. O importante é percebermos que essas palavras possuem significado abstrato análogo ao de outras formadas pelo sufixo *-ança*, desde o latim clássico, como em *perseverança, temperança*, apesar de que o sufixo não se agregou a verbos, como o querem os gerativistas.

Assim, podemos inferir que a reunião de significados a um termo, ou à parte dele, surge por necessidade extralingüística ou por irradiação. A etimologia sustenta parte dessa significação, podendo permanecer como núcleo sólido, primitivo. Essas idéias reforçam a necessidade de verificação do percurso diacrônico, de modo a averiguar o que pode ter influenciado o surgimento de certas palavras e o desenvolvimento de certos sufixos.

No caso da sufixação, há um processo aditivo, ou seja, a associação de um sufixo a uma base. Para perceber a relação semântica estabelecida entre as unidades, é preciso distinguir a significação convencionalmente adotada à palavra de sua formação derivacional sistêmica. Isso significa dizer que o significado inicial de uma palavra pode ser acentuadamente distante de quando observamos o seu momento de criação.

Vejamos o caso de *dolentia*, étimo da palavra *doença*, no português. *Dolentia*, no latim, significava dor, física e espiritual. No português, ao checarmos o Dicionário Houaiss, várias são as acepções da palavra, tais como: a) "alteração biológica do estado de saúde de um ser (homem, animal etc.), manifestada por um conjunto de sintomas perceptíveis ou não; enfermidade, mal, moléstia"; b) "alteração do estado de espírito ou do ânimo de um ser"; c) "devoção excessiva; mania, obsessão, vício"; d) "ofício laborioso".

A palavra *fluência*, no português, adquiriu o sentido figurado de "característica do que é natural, espontâneo", aplicado, em geral, ao domínio de uma língua não materna (em alguns contextos atuais, usado também no caso da língua materna, como "português fluente"). No latim, *fluentia* possuía apenas o significado de correr, escorrer, derramar. Interessante notar que, no caso de expressar a faculdade de uma língua não materna, poderia ser usada a palavra *eloquência*, que significa "capacidade de falar e expressar-se com desenvoltura", mas situações pragmáticas pressupõem e privilegiam o conceito metafórico de "escorrer, derramar palavras e frases".

Isso se dá pelo fato de o processo não se restringir ao acréscimo de um significado (sufixo) a outro significado já existente (base). A delimitação da regra de formação de palavras observada em cada vocábulo não esgota sua complexidade semântica. De acordo com Rio-Torto (1998:99), existem diversos níveis de significação em cada palavra derivada. São eles:

a) nível de significação sistêmico, apreendido do sistema de formação de palavras de uma língua;

- b) nível de significação convencional, tomado das especificações da palavra, uso restrito de determinados campos, como os terminológicos;
- c) nível de significação enunciativo-pragmático, por vezes incorporado ao significado convencional;
- d) nível de significação figural, que se trata dos usos metafóricos e metonímicos do léxico.

A análise dos vocábulos, trabalho da autora, procede ao levantamento das regularidades derivacionais observáveis entre palavras e seus constituintes. Do sufixo, por ser este equivalente a uma realização frástica<sup>6</sup>, compõe-se uma paráfrase, a qual representa, de modo simplificado, o significado geral de cada palavra fornecido pelos dicionários. Entretanto, é preciso distinguir o *significado da palavra* do *significado do sufixo*. A palavra pode adquirir, com o tempo e o uso, outros níveis de significação. Resta avaliar e discutir se a alteração semântica da palavra produz novos significados ao sufixo e se estes novos valores produzem uma regularidade derivacional.

---

<sup>6</sup> Cf. Barbosa (1981:264 s.)

### 3. O SURGIMENTO DE *-NTIA* E SUA DISSEMINAÇÃO NAS LÍNGUAS NEOLATINAS

#### 3.1. A origem latina

Os sufixos *-ança/-ença*, *-ância/-ência*, em português, procederam de *-antia/ -entia* latinos. No latim, *-antia/ -entia* originaram-se de uma forma verbo-nominal denominada particípio presente, acrescida do sufixo *-ia*, o qual possuía existência autônoma no latim. Formavam-se, assim, os pares: *confidens / confidentia*, *haerens / haerentia*, *credens / credentia*, *licens / licentia*, *abundans / abundantia*, *constans / constantia*, *elegans / elegantia*; isto é, do particípio presente derivavam-se substantivos abstratos deverbais. Se o sufixo *-antia/ -entia* é, por si só, uma derivação do particípio presente, faz-se necessário conhecermos o percurso desse particípio, desde o latim até as línguas românicas.

O tema do particípio presente proveio do infinitivo presente que, por sua vez, variava apenas na terminação que se lhe acrescia, conforme a conjugação do verbo. Sintaticamente, ora possuía sua noção substantiva reforçada, ora atuava com valor verbal, podendo ser transitivo ou intransitivo. Desse modo o particípio presente, que se forma a partir do infinitivo naquela língua, possui esse nome, *participium*, por participar da natureza do verbo e da natureza do nome. Sua singularidade é seu aspecto inconcluso (*infectum*), assinalando uma relação de concomitância, seja temporal, seja modal, e ocupa, no latim, o lugar de oração circunstancial.

Declina-se como os adjetivos de 2ª classe, isto é, pelo paradigma da 3ª declinação e, desde o latim, alguns particípios presentes tornam-se verdadeiros adjetivos, além de poderem determinar um nome, sendo transcategorizados em substantivos. Entretanto, segundo Tekavčić (1972:60), não se pode falar de um sufixo *-ans/-ens/-iens* em latim, pois sua formação é romance. Dessa forma, nas línguas neolatinas, gerou diretamente adjetivos e substantivos com a terminação *-nte*.

Do mesmo modo, de acordo com Maurer Jr. (1951:99) , no latim, já existe a propensão de reduzir o particípio presente a adjetivos ou substantivos, que "(...)se evidencia pelo fato de admitir freqüentemente um complemento no genitivo, mesmo quando de um verbo transitivo (...)". O autor ainda salienta que, no latim vulgar, o uso de *-ans/-ens* para formar substantivos e adjetivos deverbais não se encontra documentado, portanto não se pode afirmar sua existência. Entretanto, diz que há evidências de sua origem no latim literário, já que não há registro desse sufixo no romeno, exceto pela palavra "*ferbinte*" (ou seja, *fervens*, que já é adjetivo no latim clássico); há registros de adjetivos e substantivos formados por esses sufixos no latim baixo e no latim medieval; e pelo fato de o particípio presente ter seu uso postergado pelo emprego do ablativo do gerúndio, o qual passou a exercer as mesmas funções sintáticas. Dessa maneira, o autor afirma que, nas línguas românicas, o sufixo do particípio presente perde completamente sua função verbal.

Conforme Maurer Jr (1951:101), os numerosos adjetivos e substantivos formados por esse sufixo são de origem culta, latina, sendo que, por vezes, nem ao menos existe verbo correspondente a eles no romance. Em português e espanhol, línguas nas quais o particípio não chegou a ser empregado como verbo, existem menos casos de verbos correspondentes. Por outro lado, no francês e no italiano, salienta-se a correspondência entre verbos e esses sufixos.

Além da formação verbo-nominal, atuando simultaneamente como verbo e adjetivo, do particípio presente procederam substantivos de terminação *-ia*, esta encontrada também dentre as terminações dos adjetivos de 2ª classe. Segundo Tekavčić (1972:62-63), *-ia* conservava-se como sufixo na consciência lingüística dos falantes do latim, tanto que forma substantivos a partir do particípio presente e de outras bases. Cita como exemplo *miser-ia*, *inop-ia*, *sollert-ia*, vocábulos de etimologia latina, presentes no italiano. O autor explica, então, o reconhecimento como sufixo de toda extensão *-ntia*:

*Nell'evoluzione ulteriore il participio di simultaneità si acosta del sistema verbale diventando sempre piú un aggettivo; l'evoluzione fonetica, dal canto suo, riduce la / i / di / -IA da vocale a semivocale, la quale, a sua volta,*

*palatalizza la consonante precedente. In seguito a questi fenomeni il sufisso /\_IA si perde, diventa irricognoscibile, sicché nell'ambito della formazione delle parole nelle lingue neolatine va interpretato come sufisso l'intero segmento -ANTIA, -ENTIA e, nel tardo latino parlato, /antsja/, /entsja/.<sup>7</sup>*

Maurer Jr. (1951:102) acrescenta que se, em princípio, os sufixos *-antia*, *-entia* eram derivados do particípio presente, já no latim adquiriu existência de certa forma autônoma. Por isso, explica o autor, há registro de palavras com esses sufixos no romeno (*dorință*, *putință*, *credință*, etc), que o emprega em derivados de verbos da segunda e da terceira conjugações, embora, como vimos, nessa língua não haja palavras derivadas do sufixo do particípio presente. Tal fato permite atestar a existência de *-antia*, *-entia* no latim vulgar.

Quanto ao uso desses sufixos no latim vulgar, o autor menciona ser idêntico ao emprego latino na língua clássica e em autores arcaicos. Já no baixo latim e no latim medieval, o sufixo proveio da tradição literária, e não do uso vulgar. Maurer Jr. cita que "*O estudo do sufixo no latim e nas línguas românicas dá-nos a impressão de que ele tem maior vitalidade na língua culta medieval do que no romance, e que a esta tradição literária principalmente devem as línguas do Ocidente a maior vitalidade do mesmo*". Assim, as formas cultas do sufixo foram reintroduzidas na Romênia, prevalecendo sobre a forma antiga, provindas da influência literária (1951: 103).

Väänänen (1985: 159) expõe que *-entia* conheceu grande difusão no baixo latim, sobretudo nos autores cristãos; *-antia* possui manifestação mais rara. De acordo com o autor, isso se deve à repetição da inter-relação dos pares particípio presente/ substantivo abstrato, no latim: *benevolens/ benevolentia*, *malevolens/ malevolentia*, que permitiu a *-entia* uma existência independente dos particípios-adjetivos.

---

<sup>7</sup> Numa evolução posterior, o particípio presente se afasta do sistema verbal, tornando-se mais um adjetivo; a evolução fonética, por outro lado, reduz o *i* do *-ia* de vogal a semivogal, a qual, por sua vez, palataliza a consoante precedente. Em seguida a esse fenômeno, o sufixo *-ia* se perde, torna-se irreconhecível, de modo que no âmbito da formação de palavras nas línguas neolatinas, interpreta-se como sufixo o segmento inteiro *-antia*, *-entia*, e no latim tardio falado, */antsja/*, */entsja/*. (tradução nossa)

### 3.2. A presença de *-ntia* nas línguas derivadas do Romance

Yakov Malkiel, nos anos 40 do século XX, publicou o artigo "*Development of the Latin suffixes -antia and -entia in the Romance languages, with special regard to Ibero-romance*", no qual dispunha a seus leitores suas conclusões prévias a respeito da distribuição desses sufixos latinos nas línguas derivadas do Romance. Segundo o próprio autor, seu trabalho estaria inconcluso porque ele continuou a coletar material documental, nem sempre tão acessível, e suas descobertas lhe traziam respostas a muitas dúvidas, assim como o surgimento de outros problemas, na demonstração de sua teoria. Seu objetivo era possibilitar pesquisas posteriores que desfizessem os nós por ele encontrados.

O ensaio é dividido em duas partes. A primeira parte é composta de quatro seções: a) seção introdutória, b) dispõe sobre o surgimento dos sufixos e seu processo derivativo no latim; c) investiga o desenvolvimento dos sufixos apenas nas línguas derivadas do Romance, incluindo os dialetos da Península-Ibérica; d) discorre sobre os problemas especiais do Ibero-Romance, a fim de reconstruir o contexto do Romance pré-literário. A segunda parte traz listas de palavras pesquisadas no latim, no francês, no espanhol e no português antigos, além de listas especiais de dialetos espanhóis e do catalão.

Ao apresentar o surgimento do sufixo no latim, o autor menciona que, desde o princípio, *-entia* foi mais produtivo que *-antia*, o que, segundo ele (1945:44-45), ocorreu por três razões. Primeiramente, existe uma maior produtividade de *-entia* porque palavras formadas por esse sufixo remontam a verbos em *-ēre*, ideais para a formação do particípio presente, por serem, predominantemente, intransitivos e imperfectivos. A segunda razão, segundo o autor, seria a conexão entre *-entia* e adjetivos em *-(ul)entus*. O falante do latim emprega *fraudentia* frente a *fraudentus*, por analogia a *concordia* (*concordius*), *infamia* (*infamus*), *miseria* (*miseritus*), *perfidia* (*perfidus*), o que só é possível devido ao reconhecimento de toda extensão *-ntia* como sufixo.

Por último, a existência de um tipo especial de formação em *-entia*, que o Cristianismo adotou com força a partir do séc. III e se encarregou de propagar.

Palavras abstratas designativas de penitência, disciplina, obediência, castidade, perdão, e divina providência, tais como: *abstinentia, clementia, essentia, indulgentia, innocentia, intellegentia, neglegentia, oboedientia, poenitentia, providentia, reverentia, vehementia, violentia* .

De qualquer forma, Malkiel (1945:46) cita que há um consenso entre estudiosos do latim antigo, segundos os quais a ampliação do vocabulário, particularmente no que se refere a nomes abstratos, se deu mediante a tradução de autores teológicos e filosóficos gregos, além da busca por termos equivalentes na tradução da Bíblia do grego ao latim. Essas traduções são fartas em palavras formadas por *-ntia*, maiores do que com outros sufixos formadores de abstratos. Isso ocorre devido à natureza sintática e semântica do sufixo, que proporciona a formação de palavras revestidas de qualidades morais e espirituais, na expressão de certos estados ou atividades.

No capítulo dedicado ao mundo do Romance, o autor cita que, com exceção do romeno, os sufixos apresentam um triplo desenvolvimento (1945:51-76). Chama de "*perpetuação orgânica*", a forma pela qual os sufixos se propagam em termos de imitação e não de expansão territorial, concomitante à extinção de variedades do sufixo e de palavras derivadas no protótipo do latim. "*Migração*" designa empréstimos em larga escala da forma do sufixo (quando há um contraste entre a forma nativa e a forma estrangeira) e de palavras formadas. Ainda, o "*conflito entre as variedades vernáculas e cultas*", que se trata da coexistência de formas semi-eruditas e intermediárias do sufixo e do fato de existirem poucas línguas nas quais o conjunto das quatro terminações (variantes cultas e vernáculas de *-antia, -entia*) ter sido preservado fielmente.

Em romeno, não há registro de palavras formadas por *-antia*, o que prova ser seu desenvolvimento no Ocidente posterior ao século V. No caso de *-entia*, o sufixo se estendeu a raízes de toda origem (*conțință, credință, sămînță, știință*, etc), inclusive eslavas e húngaras. Após a separação da România Ocidental, as formações com *-entia* são maiores e o sufixo possui, habitualmente, o significado de "ação" ou "resultado de uma ação" e, eventualmente, "qualidade" ou "lugar".



No provençal, formações deverbais eram representadas por *-ensa*, enquanto na "*langue d'oïl*" o sufixo utilizado era *-ance*. No que se refere a *-entia*, entre o romeno e o provençal não existem diferenças fundamentais; já no caso de *-antia*, o provençal apresenta sua produtividade a partir da segunda metade do primeiro milênio. A situação em provençal pode se resumir da seguinte forma: abundantes formações em *-ensa*, *-ansa*; conservação de *-encia*, *-encie*; ausência de *-ancia* e resistência aos influxos franceses.

No norte da França, textos antigos testemunham a substituição de *-ence* por *-ance*, conseqüência do desenvolvimento do gerúndio e do participio presente, *-ent* > *-ant*, e a tendência a simplificar a flexão do verbo. Pode-se falar da generalização de *-ance* nos séculos IX e X. O crescimento de *-ance* como sufixo para derivar abstratos de verbos em *-are* constituiu-se um processo comum, nos anos 400 e 700, quando o francês e o provençal tiveram um desenvolvimento concomitante, após a desintegração do Império Romano. O sufixo *-ance* irradiou-se na segunda metade do século XII, constituindo o principal fenômeno da "migração" de que fala o autor, seguiu propagando-se durante a Idade Média e o Renascimento, porém seu uso diminuiu consideravelmente no século XVII.

No caso do romanche, *-antia* encerrava-se num só sufixo, *-auntza*, salvo suas variantes dialetais. O sufixo *-entia* possuía duas formas, uma antiga, *-entscha*, e outra moderna, *-enza*; além disso, predominava sobre *-antia*, em contraste com o francês. As palavras em *-a(u)ntza* são em sua maior parte inovações tardias.

Em Ibero-romance, a questão é mais complexa devido à influência do francês. Com exceção de poucas palavras, exemplo de *anyoransa* e *dubdança*, no catalão, a maioria das formações em *-ança* das línguas peninsulares são empréstimos pirenaicos. Por outro lado, devem ter existido formações analógicas, ainda que seja difícil distinguir quais delas procederam por analogia e quais seguiram a introdução dos galicismos. Uma nova prova da contribuição francesa está no catalão, onde há muito mais palavras em *-ança* que em espanhol ou português.

Coexistente ao antigo *-ança*, segundo o autor, extinto no séc. XV ou princípio do século XVI, há a forma culta *-ancia*, que se tornou mais importante com a latinização do léxico peninsular. Um nova onda de latinismos ocorreu no léxico do espanhol depois de 1350, atestada em algumas obras literárias. Quanto a *-entia*, perpetuou-se em português, galego e catalão; sobreviveu em aragonês até 1400; desapareceu em 1250 de Castilha e Navarra, mas deixou restos esporádicos no antigo leonês. Outras circunstâncias parecem ter influenciado a questão: a linguagem de Castilha era mais vulgar que a de Portugal, Leão ou Catalunha. Entre os anos 700 a 1050, por carecer de uma cultura urbana, chegou a ser mais refinada, mais permeável à infiltração de latinismos referidos a conceitos abstratos, em seu esforço por desenvolver uma cultura nova, nos séculos XII e XIII.

O desenvolvimento de *-antia* foi diferente em muitas ocasiões do de *-entia*. Somente há casos excepcionais que nos permitem conhecer a existência de derivados vernáculos espanhóis em *-ança* antes da influência francesa, a qual se fez sentir extraordinariamente entre 1050 e 1250. Nessa época, haverá que aditar os galicismos, melhor que pensar em uma hipótese, segundo a qual as formas galo-romances e as ibero-romances tiveram uma base comum do latim vulgar, no período que precede as invasões germânicas. Em conjunto, o espanhol foi menos afetado pelos galicismos *-ansa* (atual *-ance*) e *-ensa* que o italiano, porém, mais que o médio holandês e o médio alto alemão.

Em italiano moderno, os derivados são *-anza* e *-enza*; falta *-anzia*, enquanto *-enzia* alterna-se como forma poética com *-enza*. Os derivados *-anza*, *-enza* são galicismos, cuja difusão se viu favorecida pelo poderio carolíngio, o estabelecimento dos normandos na Sicília e o influxo dos trovadores.

No que diz respeito aos dialetos peninsulares e americanos, para o autor, os sufixos *-anza*, *-ancia* e *-encia* não têm sido fecundos nos últimos séculos. Para isso, pode existir uma razão de tipo sintático: os derivados produzidos por meio desses sufixos estão associados com o particípio presente em *-ante*, *-(i)ente* e não se prestam facilmente à expressão do *nomen actionis passivum*, em contraste com *-miento*, *-cion*. Um substantivo deverbal que designe o efeito ou

resultado de uma ação, nesse caso, indica não o processo em si, mas o produto entendido em consonância com certa ação, o que se torna mais aceitável do ponto de vista da linguagem popular, a qual necessita de que termos abstratos assumam um tom mais concreto (1945: 84).

Para percebermos o quão profunda foi sua pesquisa, digna de menção são suas considerações a respeito da produtividade de *-antia* e *-entia* em relação a outros sufixos nas línguas hispânicas (1945:80):

*"(...) Superabundance of derivatives is as characteristic a feature of medieval word formation as is the trend toward segregation, differentiation, or elimination of the superfluous in modern times."*<sup>8</sup>

Confirmam suas considerações a seguinte lista de palavras com *-ança*, formadas no espanhol antigo, com suas respectivas concorrentes: **-miento**: *ayuntança*; **-ía**: *alegrança, mejorança*; **-çion**: *acusança, demonstrança, desesperança, imaginança, tribulança*; **-dad** e **-tad**: *egualança, lealtança, omildança, segurança, viltança*. E a formação de substantivos a partir de verbos: em **-a**: *demandança, dubdança*; em **-o**: *amparança, espantança, governança, olvidança, rogança*; em **consoante**: *perdonança* (ibidem).

Em suas pesquisas, Malkiel apontou nos dialetos do português uma tendência de substituir o *-ença* pelo *-ência* bem maior do que a que ocorreu na língua padrão, particularmente no sul do Brasil onde, de acordo com o autor, há vestígios de um substrato espanhol. Tal fato apresenta certos contrastes no significado de palavras entre o português brasileiro, "*querência, paradeiro onde habitualmente o gado pasta ou onde foi criado*", e o português europeu, "*querença, sítio preferido pelos animais, lugar onde se criam os falcões*" (1945:85).

No caso de *-ança*, o autor menciona os dialetos regionais (sem especificá-los) como responsáveis pelo acréscimo de significado ao sufixo. Em certas

---

<sup>8</sup> A superabundância de derivativos tem como característica tanto a função da formação de palavras medievais quanto possui a tendência de uma segregação, diferenciação ou até da eliminação do supérfluo nos tempos modernos. (tradução nossa)

palavras, estendidas ao léxico padrão, o sufixo apresenta o significado de coletividade, como em *mestrança*, na acepção medieval, "dignidade, ofício do mestre", posteriormente entendida como "conjunto do melhores mestres". Especificamente no Brasil, formações com *-ança* são numerosas e demonstrariam a produtividade do sufixo após 1500. O autor refere-se ao sufixo acrescido a radicais diversos, como em *pajelança*, cuja base é a língua indígena, ou *lambança*, que são formações do português brasileiro.

### 3.3. A tendência formativa dos sufixos em seu percurso histórico

Em princípio, no latim, o processo de derivação pertinente aos sufixos *-ança/-ença*, *-ância/-ência* aponta para a existência de um verbo, do qual deriva um particípio presente, que gera um substantivo abstrato, a partir da posposição do sufixo *-ia*. Os derivados possuem tanto motivação morfológica quanto semântica, compondo o grupo verbo / particípio-adjetivo / substantivo abstrato: *haereo, -ere / haerens,-ntis / haerentia,ae*; *credo, -ere / credens, -tis / credentia,ae*; *ignoro, -are / ignorans, -tis / ignorantia,ae*; *intellego, -ere / intellegens, -tis / intellegentia,ae*.

Entretanto, ocorrem dois processos paralelos que interferem na derivação desses substantivos: a perda do valor verbal dos particípios e o reconhecimento da extensão *-ntia* como sufixo autônomo. Tais fatos pressupõem a formulação de novas hipóteses quanto ao processo de derivação concernentes a *-ntia*, ou seja, na consciência lingüística do falante do latim não era preciso o trâmite de um verbo (particípio) para a criação de um substantivo, o que contribui para ampliar as possibilidades de formação de nomes - categoria gramatical extremamente necessária à comunicação.<sup>9</sup>

Ao nosso ver, os dados históricos comprovam a irregularidade no processo de derivação e põem em xeque os modelos gerativistas que consideram a linguagem apenas em seu estágio sincrônico. Daí resultam as lacunas, por eles

---

<sup>9</sup> Lembremos que os gerativistas procuram investigar os mecanismos lingüísticos que facultam ao indivíduo o domínio da linguagem. Contudo, baseiam-se em modelos, postulam regras e regularidades que não dão conta da complexidade da linguagem, ao ignorarem dados históricos como esses.

mesmas citadas, conseqüentes de regras (RFPs e RAEs) formuladas em dados inconsistentes, porque não abrangem todas as etapas evolutivas de uma língua. Convencer-se de que sufixos, como é o caso de *-ança/-ença*, *-ância/-ência*, habitual e sincronicamente pospostos a verbos, juntaram-se, ao longo da história, a outra categoria gramatical compromete a direcionalidade do processo de formação de palavras.

Entretanto, a direcionalidade do processo de formação de palavras fica de qualquer forma comprometida, porque os sufixos possuem significado e não apenas transportam a palavra de uma classe a outra. A gama de significados presente nos sufixos e sua propriedade de equivaler a uma realização frástica proporcionam vasta possibilidade produtiva, autônoma em relação à gramática e necessária ao processo comunicativo. Nesse ínterim, toda derivação é, *a priori*, neológica em sua criação, por ser novidade. À medida que aumenta seu uso nas mesmas situações pragmáticas, perde seu caráter de novidade e entra para o léxico comum da língua.

## 4. NOVAS PROPOSTAS ETIMOLÓGICAS

### 4.1. A investigação da etimologia das palavras

A palavra “etimologia” origina-se do grego, formada por uma composição com o adjetivo *étymos*, que significa, antes de mais nada, “verdadeiro”. Assim, relacionado aos estudos morfológicos, o sentido passa à busca da origem formal e semântica de uma palavra. Como lidamos com palavras derivadas pelo processo da sufixação, investigar sua etimologia significa, primeiramente, deduzir o que veio antes e o que veio depois.

Certamente, ao remontar à origem de uma palavra, não só entramos em contato com o latim clássico, mas também com outras etapas processuais de um sistema (ou vários sistemas) em constantes transformação e comutação. Daí, torna-se imprescindível a investigação nas línguas neolatinas, especialmente as que historicamente tiveram maior influência sobre o português. Sob esse ponto de vista, até o inglês, língua germânica, porém imbuída de latinismos, pode ser um vasto campo de inquirição.

Com o objetivo de reconstruir as etapas por que passaram, selecionamos, dentre os vocábulos de terminação *-ança/-ença*, *-ância/-ência*, presentes no Dicionário Houaiss, 250 palavras de elevada frequência, verificada por meio do *Google*, buscador *online* que compila cerca de 500 milhões de páginas em português na *internet*, nas quais há determinada palavra ou expressão. Dessas 250 palavras, foram escolhidas 26 com *-ança*; 9 com *-ença*; 45 com *-ância*; e, finalmente, 170 com *-ência*. Feita a seleção, as palavras foram consultadas em dicionários representativos do latim clássico e medieval e de outras línguas, a saber: o inglês, o francês, o italiano e o espanhol.

Como nosso primeiro critério de seleção foi a frequência dos vocábulos, de nosso *corpus* constava a palavra *bonança* (séc. XIII). O substantivo está presente no português e no espanhol, *bonanza*, cujo étimo, para Corominas & Pascual (1991), se trata de uma herança do latim vulgar, que o formou por decalque do grego *malakia*. Encontramos, outrossim, as seguintes informações (1991:620):

“(…) *Malacia se halla em César y em textos de la baja época. ALLG VII, 270-1, 596-7. M.L., ALLG VII, 445, fué quien indicó esta etimología, admitiendo que del it. bonaccia pasó el vocablo a los demás romances y al alban. bunazze. Los autores del Diz. di Mar. de la Academia Italiana han opinado posteriormente que bonaccia es um derivado puramente italiano de buono ‘bueno’, como los dialectales callacia ‘calor sofocante’, de callo ‘caliente’, o mollaccia de molle; esto sería posible em rigor, pero varios romances, tal formación, popular y moderna, es inverosímil, y es peferible partir de MALACIA, siendo asi que éste se halla documentado com el mismo sentido que el moderno bonanza.*”

No que concerne o português, parece-nos que *bonança* é uma palavra emprestada do italiano, *bonaccia*, que, por sua vez, adquiriu a nasalidade da vogal por etimologia popular. Mesmo no italiano, é difícil afirmar que se trate de uma derivação sufixal, pois não há motivação morfêmica nem semântica pertinentes aos sufixos analisados.

#### **4.2. Etimologia equivocada do Dicionário Houaiss**

Ao nos depararmos com a necessidade de expressar determinados conceitos, mais fácil que criar é recorrer ao que nos tornou conhecido pelo contato com outros universos culturais. Assim, se uma palavra já existe em outra língua, é mais admissível que ela se tenha disseminado para outras línguas do que aceitar que tenha havido a pura e simples coincidência, segundo a qual duas palavras, de idêntico processo formativo, foram criadas em momentos diferentes e lugares ou línguas distintos.

Por outro lado, caso uma palavra tenha sido documentada primeiramente numa dada língua, é possível que ela tenha passado a uma segunda e, a partir desta, tenha chegado ao português. Podemos intuir alguns casos extraídos de nosso *corpus*, a exemplo de *ricorrenza*, palavra criada no italiano, em 1640, a qual originou, no francês, *réurrence* (1842) e, no português, *recorrência*, cuja forma, em 1877, era *recurrência*, de acordo com informações do Dicionário Houaiss. No séc. XIX, a influência francesa é muito forte e presente na cultura

brasileira e na portuguesa; hipoteticamente, a palavra pode ter-se tornado conhecida pelos falantes do português através do francês.

Todavia, não temos a pretensão de reconstruir a trajetória de um vocábulo, práxis demasiadamente difícil, mas analisar seu momento de criação e alcançar o seu protótipo. Para tal, uma vez que a palavra não procedia do latim clássico, verificamos nos dicionários a língua cuja datação do vocábulo era a mais antiga e a tomamos como origem da palavra. Esse método promoveu descobertas fundamentais para a morfologia, pois possibilitou desvendar a etimologia de palavras cuja origem era, à primeira vista, obscura ou duvidosa e contribuiu para a compreensão da polissemia dos sufixos estudados, sobre a qual discorreremos mais adiante.

Os organizadores do Dicionário Houaiss se propuseram a incluir o elemento histórico na informação de seus verbetes, por isso a seleção dessa obra, e não de outro dicionário do português, foi considerada essencial aos propósitos de nossa pesquisa. Mauro de Salles Villar, na apresentação do dicionário, comenta que o processo de elaboração da obra fundamentou-se em três fases:

*“(...)levantamento de uma nominata abrangente cujas entradas ganhassem definições ancoradas nos estudos de nosso grupo de etimólogos; levantamento e análise minuciosa dos elementos mórficos da língua como base do estabelecimento de grandes famílias lexicais, e máximo esforço de datação das unidades léxicas a definir”.*

A observação atenta das informações trazidas pelo Dicionário Houaiss em confronto com os dados obtidos pela nossa pesquisa apontou inúmeras divergências etimológicas. Exemplo dessa divergência é o caso da palavra *concomitância*, datada em 1585, que tem como origem, nesse dicionário, o verbo *concomitar*, do qual não se encontra registro na mesma obra. Outro caso é o fato de a datação da primitiva ser posterior à da derivada: *exorbitância*, de 1543, teria originado de *exorbitar*, de 1770, fato empiricamente improvável.



Dentre as 250 palavras selecionadas, esses apontamentos somam 25,2% e são oriundos da abordagem sincrônica. Em relação aos sufixos estudados, há uma tendência, por parte dos lexicógrafos, de apontar o verbo como origem do substantivo, sem se ater ao fato de que o derivante é, muitas vezes, anterior ao derivado ou sem verificar se a palavra já existia em outra língua. No máximo, apontam influência de palavra estrangeira.

Assim, em conformidade com o resultado de nossa pesquisa, propusemos, neste trabalho, novas etimologias e as justificamos com dados por nós encontrados. Com relação a nossa proposta etimológica, ao final deste trabalho, anexamos tabela na qual é possível visualizar as datas de entrada do vocábulo em cada língua pesquisada.

Salientamos que, em muitas situações, as datações eram muito próximas, por exemplo, uma palavra ser datada, no francês, no final do século XIV e, ao mesmo tempo, ser documentada por obra que compila o léxico do latim medieval. Nesses casos, foram verificados os registros pertinentes aos dicionários das outras línguas pesquisadas, para se chegar a um veredicto.

De acordo com a seleção de palavras derivadas já mencionada, para o latim clássico, utilizamos a obra “*Dictionnaire Latin-Français*” (**DLF**), de Félix Gaffiot, e para o medieval, “*Glossary of a Later Latin*” (**GLL**), de Alexander Souter; e “*Lexique de la prose latine de la Renaissance*” (**LPLR**), de René Hoven, que se propõe reunir o léxico latino específico de autores do Renascimento. Além dessas, consultamos a obra de Rafael Bluteau, “*Vocabulario Portuguez e Latino*” (**VPL**).

No que se refere às línguas neolatinas, servimo-nos de dicionários do espanhol, do francês e do italiano, afora a língua inglesa, cujo léxico, como citamos, possui muitas palavras latinas. As obras foram consultadas com o propósito de verificar a datação, a etimologia dada, os sentidos registrados e compará-los com o registro das mesmas palavras no Dicionário Houaiss. Valemo-nos das seguintes obras: para o espanhol, “*Diccionario Critico Etimologico Castellano e Hispânico*” (**DCECH**), de Juan Corominas & José A. Pascual; para o

italiano, “*Dizionario Etimologico Italiano*” (**DEI**), de Carlo Battisti & Giovanni Alessio, e “*Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*” (**DELI**), de Manlio Cortelazzo & Paolo Zolli; para o francês, “*Le nouveau Petit Robert*” (**LPR**), de Josette Rey-Debove & Alan Rey (ed.); para o inglês, “*The Oxford English Dictionary - Introduction, Supplement and Bibliography of a New English Dictionary on Historical Principles*” (**OED**), de Bradley, H., Craigie, W. A. & Onions C. T. (ed).

Em relação à falta de padronização das datas, números arábicos ou romanos, seguimos os registros dos dicionários. Acrescentamos que, quando o verbete não trazia nenhuma datação, mencionamos a abreviação *s.d.*. A citação das obras de referência é feita quando a consideramos pertinente, por meio de abreviaturas, cuja lista se encontra neste trabalho.

Passemos à análise das palavras pesquisadas:

- **Advertência**

O dicionário aponta o latim, sem especificá-lo, como origem da palavra *advertência* (1535). A palavra latina *advertentia* ocorre no latim medieval (LPLR). Porém, registro anterior é encontrado no inglês, *advertence*, de 1370 (OED).

- **Agência**

A palavra possui os significados de “capacidade de agir”, primeiro registro da língua portuguesa, em 1589, e “estabelecimento de negócios”, acepção datada de 1858. Não encontramos registro no latim para a palavra *agência*, como o quer o Dicionário Houaiss. A primeira datação ocorre no italiano, *agenzia*, séc. XIV (DEI). O vocábulo, na língua italiana, primeiramente significava “*occupazione dell’agent*”; no séc. XVI, reuniu o significado de “*impresa che tratta affari altrui*”. No francês, a língua italiana também é apontada como étimo da palavra (LPR).

- **Alternância**

*Alternância*, datada de 1871, tem sua etimologia registrada no Dicionário Houaiss como sendo uma criação do português sob influxo do francês *alternance*, de 1830. Não existe registro do substantivo no latim, apenas do particípio presente, que originou, nas línguas românicas, o adjetivo. Por isso, no francês, é informado o adjetivo como étimo do substantivo *alternance* (LPR). O substantivo *alternanza* já existia no italiano desde o séc. XIV (DEI), como atestam as obras de Petrarca, portanto anterior à data no francês.

- **Andança**

O substantivo ocorre no português desde o séc. XIII, e o Dicionário Houaiss informa tratar-se de uma criação no português, a partir do verbo *andar*. No entanto, a palavra *andanza* ocorre no espanhol desde 1220 (DCECH).

- **Cobrança**

Datado de 1836, o substantivo, segundo o Dicionário Houaiss, procede de *cobrar*, do séc. XIII. Entretanto, o espanhol registra *cobranza* em 1275, formada a partir de *recobrar*, do qual se extraiu *cobrar* (DCECH).

- **Concomitância**

De acordo com o Houaiss, o substantivo, de 1585, proveio de *concomitar*, porém não há registro do verbo no dicionário, que contém apenas *concomitante*, posterior, de 1690. Desse modo, não há como afirmar a derivação no português. O vocábulo *concomitance* existe na língua francesa desde o séc. XIV (LPR) e o latim medieval *concomitantia* é sua origem (LPLR).

- **Concordância**

O substantivo, de 1650, deriva-se de *concordar* (séc. XIV), para o Houaiss. Contudo, a língua francesa registra o vocábulo *concordance* em 1160, mencionando o verbo derivante *concorde* (LPR).

- **Concorrência**

O Dicionário Houaiss aponta *concorrência*, de 1562, como derivado de *concorrer*, do séc. XV e admite a influência do francês para a criação do português. No francês, *concurrence* está presente desde 1370, derivado de *concurrent*, de 1119 (LPR). A palavra passou ao latim medieval, sob a forma *concurrentia*, no Renascimento (LPLR). Portanto, se não quisermos admitir o empréstimo proveniente do francês, é preciso reconhecer a existência da palavra no latim medieval, e não uma derivação no português.

- **Condescendência**

O Dicionário Houaiss menciona a derivação do substantivo *condescendência* (1698) a partir de *condescender* (séc. XIV). Porém, no espanhol, a palavra *condescendência* é registrada em 1493, data anterior a de todas as outras línguas pesquisadas (DCECH).

- **Conferência**

O latim medieval é dado como étimo do substantivo *conferência* (1538), no português. Entretanto, *conferentia* faz parte do léxico latino clássico (DLF).

- **Confiança**

Segundo o Houaiss, *confiança* (séc. XIII) procede de *confiar* (séc. XIII). O verbo *confiar* provém do latim clássico *confidere*, relacionado a seus respectivos particípio presente, *confidens*, e substantivo, *confidentia*. O substantivo latino gerou, no português, *confidência* (1540); no italiano, *confidenza* (séc. XIV); no inglês, *confidence* (1430); no espanhol, *confidencia* (séc. XVII); e no francês, *confidence* (1370).

No francês, do substantivo latino *confidentia* provém *confidence* e *confiance* (séc. XV), cuja grafia, no séc. XIII, era *confience* (LPR). Por isso, no português temos *confiança* e *confidência*; e no espanhol, *confianza* (1400) e *confidencia*. O italiano e o inglês não registram a forma alternada *confiance*, advinda do francês.

Importante notar que francês, espanhol e português assinalam significados distintos para *confiança* e *confidência*. *Confiança*, sinônimo de “crença em algo ou em alguém”. *Confidência* designa também uma comunicação particular, em segredo. No latim clássico, o substantivo era apenas sinônimo de *confiança*. O acréscimo semântico, confiar segredos, provavelmente se deve ao uso por parte da igreja, como sinônimo de confissão.

- **Consistência**

O Dicionário Houaiss registra como étimo de *consistência* (1661) o latim tardio *consistentia*. No latim medieval, é mencionado o substantivo *consistentia*, no período renascentista (LPLR). Entretanto, encontramos, no italiano, a palavra *consistenza*, datada do séc. XIV (DELI).

- **Convergência**

O substantivo *convergência* (1836), para o Houaiss, procede de *convergir* (1833). O vocábulo distribui-se por todas as outras línguas pesquisadas, sendo a datação mais antiga a do italiano, *convergenza*, de 1632 (DELI).

- **Correspondência**

Datada de 1542, a palavra *correspondência*, no Houaiss, tem seu étimo assegurado pelo verbo *corresponder* (séc. XV). Encontramos *correspondentia* no latim medieval (LPLR). Todavia, a língua francesa documenta a palavra *correspondance* no séc. XIV (LPR).

- **Decorrência**

O Dicionário Houaiss afirma que *decorrência* (1958) provém de *decorrer* (séc. XIV). De todas as línguas pesquisadas, a palavra só ocorre no português e no italiano, cuja datação, para *decorrenza*, é de 1812 (DELI).

- **Dependência**

A palavra *dependência*, datada no português em 1550, de acordo com o Houaiss, procede de *dependere* (séc. XIV). No latim medieval, a palavra *dependentia* é registrada no período renascentista (LPLR); porém encontramos a palavra *dependance* no francês, datada de 1339 (LPR).

- **Divergência**

De acordo com o Houaiss, *divergência* (1783) proveio do latim medieval *divergentia*. Porém, encontramos o substantivo *devergentia* no latim clássico (DLF).

- **Docência**

Para o Houaiss, *docência*, de 1916, originou-se da forma *doc(t)- + -ência*. Porém, encontramos a palavra *docentia* no latim medieval (GLL).

- **Estância**

O Dicionário Houaiss registra o verbete *estância* com os vários significados que o termo possui: “ação de estar”, “lugar onde se passa uma temporada”, “moradia”. Além dessas, registra também, como derivação por extensão de sentido, o significado de “grande propriedade rural” e “grupos de versos” ou “estrofe”. Ao mencionar a etimologia, o dicionário afirma que *estância* vem de *estar* e, por influxo do espanhol, adquiriu o significado de “estabelecimento rural”, e por influência do italiano, reuniu o sentido de estrofe.

Apesar de a base ser o verbo *estar*, ou *stare* no latim, os significados possuem percursos diferentes. *Estancia*, no espanhol, ocorre desde 1251 (DCECH). A palavra estendeu-se às outras línguas: no francês, *estancia* (1838), grafado como na língua de origem, tem seu étimo registrado no espanhol (LPR); no português, *estância* (séc. XIII); no italiano, *stanza* (séc. XIII).

No italiano, *stanza*, com a acepção de estrofe, ocorre desde 1525, procedente do latim medieval *stantia* (DELI):

“(...)periodo di versi costituente l’unità métrica della canzone (*stantia* ‘strofa’ nel lat. méd. Del Barberino, nel sign di ‘canzone’ (1525).”

Não encontramos registro para *stantia*, no latim medieval. Porém, no francês é registrada a palavra *estancia* (1838), do espanhol, e *stance* (1550), do italiano. Dessa forma, deveria haver duas entradas para o verbete nos dicionários de língua portuguesa.

- **Exorbitância**

Para o Dicionário Houaiss, *exorbitância* (1543) vem de *exorbitar* (1770), fato impossível, pois, se assim fosse, o derivado viria após o derivante. No latim medieval, registra-se *exorbitantia* (LPLR).

- **Festança**

O substantivo *festança* (1858) é registrado pelo Houaiss como derivado de *feita* (1154). Entretanto, a palavra encontra-se somente em duas das línguas pesquisadas, no italiano e no português. No italiano, *festanza* é do séc. XIII possui os mesmo valores semânticos do português (DEI).

- **Fiança**

O Dicionário Houaiss informa o francês *fiance* (1100) como étimo da palavra *fiança* (1181), no português. Porém, a datação no espanhol é mais antiga, *fianza* (antes, *fidanza*) é de 1095 (DCECH).

- **Governança**

O vocábulo *governança* (séc. XV) é derivado de *governar* (séc. XIII) para o Houaiss. Anterior à entrada no português, temos o substantivo no francês, *gouvernance*, datado do séc. XIII, mas usado à época com a forma



*gouvernement*, alterada apenas em 1478 (LPR). No espanhol, *gobernanza* é documentado no séc. XIV (DCECH).

- **Implicância**

Para o Houaiss, *implicância* (1635-1688) proveio de *implicar* (séc. XV). Em todas as línguas pesquisadas, as datas são anteriores a do português. No italiano, *implicanza* registra-se no séc. XVI (DEI).

- **Importância**

O Dicionário Houaiss registra *importância* derivada de *importar*, ambas as palavras de 1501. No latim medieval, já se encontra *importantia* (LPLR). Porém, a língua francesa documenta *importance* no séc. XIV (LPR).

- **Inadimplência**

Segundo o Dicionário Houaiss, *inadimplência* (séc. XX) proveio de *inadimplir* (séc. XX). O substantivo ocorre somente em duas das línguas pesquisadas, o italiano e o português. No italiano, *inadempienza* é do séc. XIX (DEI).

- **Incidência**

O Dicionário Houaiss fornece *incidentia*, do latim medieval, como étimo de *incidência* (1789), no português. O substantivo latino *incidentia* encontra-se registrado no latim medieval do período renascentista (LPLR), porém a datação da palavra francesa *incidence* é anterior, do séc. XIII (LPR).

- **Inconfidência**

A palavra *inconfidência*, datada de 1705 no português, seria, para o Houaiss, um vocábulo derivado por prefixação, ou seja, *in-* + *confidência*. Em nossa pesquisa, averiguamos que o substantivo também ocorre no italiano, *inconfidenza* (séc. XVI), e no inglês, *inconfidence* (1626). Entretanto, *inconfidentia* faz parte do léxico latino medieval (LPLR).

- **Independência**

Datada de 1660, a palavra *independência*, para o Houaiss, é uma derivação por prefixação, *in-* + *dependência*. O substantivo passou ao léxico de todas as línguas pesquisadas no séc. XVII. No entanto, a datação mais antiga é a da língua francesa, que registra *indépendance* em 1610 (LPR).

- **Inerência**

O Dicionário Houaiss fornece o latim medieval *inhaerentia* como étimo de *inerência* (1713), no português. O substantivo latino registra-se no latim medieval (LPLR), mas a data do francês para *inhérence* é anterior, 1377 (LPR).

- **Insistência**

O verbo *insistir* (séc. XV) é, para o Houaiss, o derivante de *insistência* (1646). O substantivo existe em todas as línguas pesquisadas, porém é atestado anteriormente no latim medieval, *insistentia* (LPLR).

- **Lembrança**

O Dicionário Houaiss aponta o verbo *lembrar* (séc. XIII) como derivante de *lembrança* (1437). A palavra existe no italiano, *membranza* (séc. XIII) e no espanhol, *membranza* (1220-1250); portanto, seria difícil apontar em qual das duas línguas a datação é mais antiga. Entretanto, o substantivo ocorre na obra do autor italiano Petrarca (DEI) e, no espanhol, referenciam a obra de Gonzalo de Berceo, autor precedente ao italiano (DCECH).

- **Mendicância**

O substantivo *mendicância* (1772) provém de *mendigar* (séc. XIII), para o Houaiss. O dicionário é inconclusivo, pois também cita a opinião de outros etimólogos, a saber, José Pedro Machado, o qual cita o adjetivo *mendicante*, e Antenor Nascentes, para quem o adjetivo latino *mendicus* teria originado o substantivo no português.

O substantivo é encontrado no inglês, *mendicancy* (1790), e no italiano, *mendicanza*, cujo registro é o mais antigo, do séc. XIV (DEI).

- **Militância**

O Dicionário Houaiss registra como derivante do substantivo *militância* (s.d.), e de sua variante *militança* (1881), o verbo *militar*. O vocábulo pertence ao léxico do francês, *militance* (1938), e do inglês, *militancy*, que ocorre desde 1648 (OED).

- **Ocorrência**

Para o Houaiss, *ocorrência* (1682) vem de *ocorrer* (séc. XV). Porém encontramos *ocurrence* na língua francesa, documentado desde 1440 (LPR).

- **Onisciência**

O tratamento dado ao substantivo *onisciência* (1858) pelo Dicionário Houaiss é o de um derivado de *onisciente*, adjetivo composto por *oni-* + *sciente*. Nem substantivo nem particípio existiam no latim clássico e não se trata de conceito engendrado pelo latim vulgar. Porém, o substantivo ocorre em todas as línguas pesquisadas: no inglês, *omniscience* (1612); no francês, *omniscience* (1734); no italiano, *onniscienza* (séc. XVIII); e no espanhol, *omnisciencia* (s.d.).

O latim medieval documenta o substantivo *omniscientia* e o particípio *omniciens* (LPLR).

- **Ordenança**

Como étimo da palavra *ordenança* (séc. XIV), o Dicionário Houaiss aponta o verbo *ordenar* (séc. XIII) e cita como influência o francês, *ordenance* (séc. XII), e o espanhol, *ordenanza* (1295).

A pesquisa mostrou que *ordenance*, no francês, foi uma forma utilizada nessa língua desde 1180; a partir de 1380, a forma passou a ser *ordonnance*. No espanhol, o substantivo *ordenanza* é documentado em 1100, na forma antiga *ordenança* (DCECH).

- **Persistência**

O verbo *persistir* (1672) é dado como derivante de *persistência* (1702), no Houaiss. No entanto, a pesquisa apontou a existência de *persistentia* no latim medieval (GLL).

- **Precedência**

*Precedência* (1566), para o Houaiss, é derivado de *preceder* (séc. XIV). Mas o substantivo *praecedentia* já existia no latim clássico (DLF).

- **Predominância**

O Dicionário Houaiss registra o verbo *predominar* (1587) como étimo de *predominância* (1735) e admite a influência do francês. O substantivo *prédominance* é datado do séc. XVI (LPR).

- **Preponderância**

Para o Houaiss, o substantivo *preponderância* (1858) deriva de *preponderar* (1671). Entretanto, *preponderanza* é palavra documentada no italiano, desde 1667 (DELI).

- **Presidência**

O substantivo *presidência* e o verbo *presidir* estão presentes no português desde o séc. XV, e o Dicionário Houaiss fornece o segundo como derivante do primeiro. Na língua francesa, documenta-se *présidence* desde 1372 (LPR), anterior ao latim medieval, no qual consta *presidentia* (LPLR).

- **Procedência**

O Dicionário Houaiss menciona para *procedência* (1672) o verbo *proceder* (1369) como étimo. No espanhol, o substantivo *procedencia* é datado de 1220-1250 (DCECH).

- **Proficiência**

Para o Houaiss, *proficiência* (1873) seria um substantivo criado a partir de *proficiente* (1615). No inglês, a palavra *proficiency* registra-se em 1413 (OED).

- **Recorrência**

O Dicionário Houaiss informa o verbo *recorrer* (séc. XIV) como origem da palavra *recorrência* (1877). Conforme nossa pesquisa, o substantivo *ricorrenza* é documentado no italiano desde 1640 (DELI).

- **Referência**

No Dicionário Houaiss, encontramos duas entradas para o substantivo *referência*; apenas uma delas é datada de 1858, sobre a qual o dicionário fornece a origem do latim, *referentia*. A outra entrada possui o significado de “nota informativa de remissão em uma publicação”, e o dicionário aponta a procedência do inglês *reference*.

Não encontramos o vocábulo em nenhuma das obras em latim pesquisadas. Por outro lado, a palavra está presente: no francês, *référence* (1820); no italiano, *referenza* (séc. XIX); no espanhol, *referencia* (séc. XIX). No inglês, documenta-se o substantivo *reference* 1589 (OED).

Importante citar que em todas as línguas em que foi encontrado o substantivo, a palavra possui significado idêntico ao do inglês, inclusive o português. Sendo assim, não encontramos justificativa para o procedimento de estabelecer duas entradas para o verbete, no Dicionário Houaiss.

- **Regência**

De acordo com o Houaiss, o substantivo *regência* (1667-1680) foi criado a partir de *reger* (séc. XIII), por influência do francês *régence*. No francês, o vocábulo encontra-se datado de 1403 (LPR).

- **Relutância**

*Relutar* (séc. XV), para o Houaiss, é o derivante de *relutância* (1629). Entretanto, encontramos *relutance*, de 1546, no inglês (OED).

- **Residência**

A palavra *residência* (séc. XV), para o Houaiss, provém de *residir* (1435). A palavra *residentia* existia no latim medieval (LPLR). A datação do francês é a mais antiga das neolatinas, *residence* é de 1271; contudo, no francês a palavra se teria originado no latim medieval (LPR).

- **Saliência**

No Dicionário Houaiss, o adjetivo *saliante* (1759) é dado como étimo da palavra *saliência* (1899). Entretanto, encontramos o substantivo *salience*, no inglês, datado de 1836 (OED).

- **Segurança**

*Segurança* (1391), para o Houaiss, é procedente de *segurar* (séc. XIII). No francês, registra-se o vocábulo *assurance* no séc. XII (LPR), que originou também no espanhol a antiga forma, supostamente decalcada, *aseguranza*, de 1250.

- **Sobrevivência**

No Houaiss, *sobreviver* (1720) é a origem do substantivo *sobrevivência*, de mesma data. No italiano, somente, encontramos *sopravivenza*, datada de 1644 (DELI).

- **Subserviência**

O substantivo *subserviência* (1877), no Houaiss, procede de *subservir*, vocábulo não registrado pelo dicionário, que contém *subserviente*, de 1690. No inglês, a palavra *subservience* é datada de 1676 (OED).

- **Subsistência**

No Dicionário Houaiss, *subsistir* (séc. XV) é a origem de *subsistência* (1679). Contudo, encontramos *subsistentia* já no latim clássico (DFL), que se trata de palavra formada por decalque do grego *hypóstasis*, com a utilização do sufixo *-ntia*.

- **Superintendência**

O Dicionário Houaiss aponta *superintender* (1696) como étimo da palavra *superintendência* (1688), o que não é possível, pois derivado deve ser sempre posterior ao derivante: *superintendentia* encontra-se no latim medieval (LPLR).

- **Tangência**

No Houaiss, *tangência* (1881) procede de *tangente* (1446), e o dicionário menciona a necessidade de comparar a palavra com o francês *tangence*, de 1815. No italiano, o substantivo *tangenza* é datado de 1681 (DELI).



- **Tendência**

O adjetivo *tendente* (séc. XV), para o Houaiss, é a origem de *tendência* (1690). Entretanto, na língua francesa, registra-se *tendance* desde o séc. XIII (LPR).

- **Transferência**

O Dicionário Houaiss menciona como derivante de *transferência* (1652) o verbo *transferir* (1595). Encontramos, no espanhol, o vocábulo *transferencia* em 1335 (DCECH).

- **Transparência**

No Houaiss, o vocábulo *transparência* (1721) procede de verbo, datado posteriormente ao substantivo, *transparecer*, de 1813; o dicionário ainda informa ser necessária a comparação com o francês, *transparence*. No francês, é citada a data de 1380 para a origem do vocábulo naquela língua (LPR).

- **Vidência**

O adjetivo *vidente* (1561) é dado como étimo de *vidência* (1899), no Houaiss. Entretanto, na língua francesa, encontramos *voyance*, de 1829 (LPR). Portanto, a palavra, no português, trata-se de um decalque do francês.

- **Vingança**

Para o Houaiss, de *vingar* deriva-se *vingança*, vocábulos de mesma data, séc. XIII. Nas línguas pesquisadas, o substantivo é antigo: no espanhol, *venganza* (1220-1250); no inglês, *vengeance* (1297); no italiano, *vengianza* (séc. XIII). A

datação mais antiga encontra-se no francês, cuja forma, em 1080, era *vejance*, se alterou para *vengeance* no séc. XV (LPR).

- **Vizinhança**

No Dicionário Houaiss, o substantivo *vizinho* unido ao sufixo *-ança* originou a palavra *vizinhança*, do séc. XIII. No italiano, documenta-se *vicinanza* no séc. XIII (DEI). Apenas o português e o italiano possuem o substantivo, dentre as línguas pesquisadas.

No que diz respeito ao nosso *corpus*, do latim clássico provieram 126 palavras (50,4%); e do latim medieval, 25 (10%). No português, formaram-se apenas 14 palavras (5,6%), número menor que os vocábulos obtidos por empréstimo, que totalizam 67 palavras (26,8%). Do total de empréstimos, 26 palavras procederam do francês: 8 do francês antigo (842-1300); 6 do francês medieval (1300-1600); 13 do francês moderno (após 1600); do italiano, 16 palavras; do espanhol, 15 ; e do inglês, 9 palavras.

#### **4.3. Casos de etimologia opaca**

Em 18 palavras (7,2%), não foi possível apontar com segurança a etimologia, por motivos diversos, os quais explanaremos oportunamente em cada vocábulo. Tal fato não prejudicou os resultados posteriores de nossa pesquisa, pois, em todos os casos, havia equívoco quanto ao apontamento feito pelo Dicionário Houaiss. A verificação etimológica constitui-se um dos fundamentos que permitem avaliar se uma palavra possui, ao mesmo tempo, motivação morfológica e semântica, com a qual se pode falar em derivação sufixal.

- **Adimplência**

O Dicionário Houaiss registra *adimplência*, séc. XX, *inadimplência*, séc. XX, *adimplir* e *adimplente*, ambas com a data de 1949. Para *adimplência*, fornece

*adimplir* como étimo, entretanto, a falta de especificação das datas gera a dúvida do que vem antes e do que vem depois, no português. Ao consultarmos outras línguas, apenas o italiano possui *adempienza*, mas os dicionários consultados não trazem a data do vocábulo.

No séc. XIII, no italiano, já havia *adempiere*, do latim *adimplere*. Apenas no século XIX formou-se *inadempienza*, em que há prefixo e sufixo. O percurso formativo parece-nos excêntrico, apesar de possível: de *adempiere* formou-se *inadempienza* e desta última *adempienza*. Isso porque não há registro nas outras línguas consultadas, a não ser *adimpletion*, no inglês, datada de 1650, sobre a qual afirma-se ser rara (OED).

No português, pode ter ocorrido processo semelhante ao italiano, ou seja, a palavra prefixada ter gerado a outra sem prefixo. Do mesmo modo, *adimplência* pode ter vindo do italiano assim como ocorre com *inadimplência*, porém, o dicionário italiano não fornece data para o vocábulo.

- **Antecedência**

A pesquisa da palavra proporcionou reunir uma série de informações discordantes. No português, o Dicionário Houaiss informa ser *anteceder* (1550) a origem de *antecedência* (1665), no entanto, o registro de *antecedente* é mais antigo do que o do verbo e o do substantivo, séc. XIV. Além disso, todas as outras línguas pesquisadas possuem a palavra e fornecem datação anterior à do português.

Em (DEI), afirma-se que *antecedenza* ocorre no italiano desde o séc. XIV, que seria a data mais antiga, mas não apontam a origem do substantivo ; já em (DELI) afirmam que a palavra existe desde 1604 e informam que o substantivo foi passado ao italiano da filosofia medieval, isto é, no latim medieval existiria “*antecedentia*”. Obras de referência do latim medieval não atestam a existência do vocábulo.

Na língua inglesa, aponta-se 1535 a data de *antecedence*, cuja origem seria o francês. Em (LPR), sobre o vocábulo informa-se ser originário de *antécédent* (1361), porém com data posterior a do inglês, 1576. Resta-nos o espanhol, mas o dicionário não informa nem data nem origem da palavra.

- **Ardência**

No português, *arder* e *ardente* encontram-se, segundo o Dicionário Houaiss, desde o séc. XIII. *Ardência* é datada em 1699 e para sua etimologia registra-se *arder*. Mas sabemos que sua etimologia é dada, pelo dicionário, conforme o que se supõe do sufixo, isto é, ser formador de substantivos deverbais. O adjetivo pode ter sido a origem do substantivo tanto quanto o verbo.

Encontramos a palavra em outra línguas: no inglês, *ardency*, de 1549, para o qual não se fornece etimologia; informam apenas que *ardent*, palavra da língua inglesa, tem como origem o francês antigo. Em (LPR), *ardent* proveio do latim clássico *ardens*, mas registra-se *ardeur*, do latim *ardor*, no lugar de um suposto “*ardence*”.

No italiano, encontramos *ardenza*, datada do séc. XVI (DEI), mas com significado literário de “força de afeto ou de desejo” ou com o sentido de “candura”. No português, esses significados existem, mas são secundários, obtidos pelo desdobramento do sentido figurado.

- **Ascendência**

Contraditórias as informações encontradas a respeito da palavra no Dicionário Houaiss, para o qual *ascendência*, 1663, originou-se de *ascender*, séc. XIV; porém o mesmo dicionário registra para a base latina –*scend* o exemplo de *ascendentia*. De acordo com o que é mencionado, fica a impressão de ter havido *ascendentia* no latim, mas o português, coincidentemente, criou *ascendência* a partir do verbo. Além disso, há o cognato adjetivo *ascendente*, também do séc.

XIV, que pode ter gerado o substantivo. A palavra ocorre em todas as línguas pesquisadas.

No italiano, em (DEI) fornecem a datação do séc. XVI para a palavra, cujo étimo seria o latim medieval *ascendentia*. Em (DELI), a data inicial da palavra seria 1761.

No espanhol, informam o séc. XVII como registro inicial (DCECH), mas não indicam a etimologia. Em (OED), menciona-se o séc. XVIII e aponta-se o francês como origem, o que nos parece autêntico, devido à influência da língua francesa no inglês e o fato de o francês registrar o séc. XVII como datação. Mas isso não significa, como apontado em (LPR), que o vocábulo tenha se criado no francês, já que há registro de datas anteriores no italiano.

- **Coincidência**

O Dicionário Houaiss aponta *coincidir*, 1674, para a origem de *coincidência*, 1836, e sugere a influência do francês, *coïncidence*, de 1464. Para *coincidente*, também de 1836, menciona o latim medieval *coincidens*, apesar de haver no francês o adjetivo *coïncident*, que poderia, da mesma forma, ter influenciado o português.

No francês, é registrado *coïncider* (1370), do latim medieval *coincidere*, como origem de *coïncidence* (LPR). Ao checarmos o latim medieval, encontramos o registro de *coincidentia*, apenas em obra de referência do período renascentista (LPLR). Como sabemos, o Renascimento ocorre aproximadamente desde 1420 até 1520, o que promove a sincronia de datas com o francês, e o latim medieval também reflete a fala das línguas românicas.

Dicionários consultados do italiano, do espanhol e do inglês não mencionam a etimologia. Embora inexato, é possível admitir que o francês tenha emprestado a palavra a outras línguas, devido a sua forte influência cultural. No caso do português, o vocábulo foi incorporado ao léxico no séc. XIX, período no

qual os estrangeirismos abundam em nosso idioma. Assim teríamos dúvida quanto à origem do vocábulo, mas não quanto a sua disseminação: no italiano, a palavra é registrada no séc. XVI; no inglês, séc. XVII; e no espanhol, séc. XVIII.

- **Convivência**

As palavras *convivência* e *conviver* possuem registro de data idêntico, 1769, no Dicionário Houaiss, o qual fornece a segunda como étimo da primeira. *Convivência* ocorre apenas no português, no italiano e no espanhol, e as obras consultadas dessas línguas apontam o respectivo verbo como origem do substantivo. No italiano, a data é posterior a do português, séc. XIX (DEI). No espanhol, a palavra é datada do séc. XVIII (DCECH).

- **Criança**

A palavra, cuja origem sempre foi muito polêmica, tem seu étimo registrado pelo Dicionário Houaiss de acordo com o critério já mencionado: *-ança* trata-se de sufixo formador de substantivos deverbais; conseqüentemente *criança* vem de *criar*. Neste trabalho, já mencionamos o fato de *-ança* ser um sufixo mais popular e portanto mais acessível a formações irregulares, tais como *amigança* (séc. XIV), *tardança* (séc. XIII), nas quais o sufixo se juntou a outras classes gramáticas diferentes de verbos, especialmente no português arcaico.

Desse modo, torna-se importante verificar o léxico condizente ao período de registro inicial da palavra. *Criança* é datada do séc. XIII, período no qual sincronicamente já havia a palavra *cria* (1276), que designa ‘animal recém-nascido e/ou que ainda mama’. Por analogia a essa acepção, segundo o próprio Dicionário Houaiss, no uso informal, a palavra é usada como sinônimo de “criança”. Assim, é possível que *cria* tenha gerado *criança*, para discernir o que é humano do que é animal, de forma coerente com os tipos de formação ocorrentes no português arcaico.

- **Descendência**

O Dicionário Houaiss menciona como origem de *descendência* (1583) o verbo *descender* (1278), coerente com a regra dos substantivos deverbais. Mas o vocábulo existe no inglês desde 1599, no espanhol desde o séc. XV e no francês desde 1283.

Em (OED) e (DCECH), é citado o latim medieval, *descendentia*. Por outro lado, em (LPR), *descendance* originou-se de *descendre*, sendo, portanto, uma criação da língua francesa. Novamente nos deparamos com a questão de o latim medieval ter também reflexos da fala românica; assim, a palavra pode ter entrado para o latim medieval posteriormente à origem no francês.

- **Desistência**

O Dicionário Houaiss aponta *desistir* (séc. XV) como derivante de *desistência* (1660). Nossa pesquisa mostrou que a origem da palavra é obscura, pois a palavra está presente em todas as línguas pesquisadas, mas em nenhuma foi apontada com precisão a origem do vocábulo.

Em (OED), indica-se *desistency* (1615) como sendo oriunda do francês antigo *desistance*. No francês, não se encontra o verbete no dicionário atual, porém o glossário elaborado por Malkiel (1945:95) menciona *desestance* no francês antigo, como sinônimo de desacordo, significado distante do usual. Afora o mencionado, a data mais antiga é a do espanhol, do séc. XV, *desistencia*.

- **Dormência**

No português, segundo o Dicionário Houaiss, *dormência* (1958) teria vindo de *dormir* (séc. XIII), porém *dormente* (séc. XIV) também é anterior ao substantivo. A pesquisa em outras línguas mostrou a existência da palavra somente no inglês e no francês.

No inglês, registra-se o vocábulo *dormancy* com a data de 1789 e menciona-se o francês antigo como sua origem. No entanto, em (LPR), aponta-se 1951 para *dormance*, proveniente de *dormant*, além de se registrar um significado específico para o termo. *Dormance*, no francês, seria um período de repouso pertinente a certas plantas cujo crescimento é interrompido. A etimologia da palavra em português, portanto, permanece opaca.

- **Equivalência**

O Dicionário Houaiss menciona o verbo *équivaler* (1635-1688) como étimo de *equivalência* (séc. XV), fato improvável, já que o derivante precisa existir antes do derivado. A pesquisa em outras línguas mostrou o francês como a datação mais antiga, *équivalence* (1361). Em (LPR), aponta-se o latim medieval *aequivalentia*, porém das obras consultadas não constava a palavra.

- **Esperança**

Datada do séc. XIII, no português, a palavra suscita controvérsias a respeito de sua origem. O Dicionário Houaiss compartilhando a opinião de Antenor Nascentes, afirma que havia um latim tardio *sperantia*, mas prefere mencionar a origem deverbal, de *esperar* (séc. XIII). A origem deverbal parece-nos a menos provável.

A palavra é comum a todas as línguas românicas; dentre as pesquisadas, a datação mais antiga, 1120, é do francês, cujo dicionário cita *espérer* como étimo da palavra. Apesar disso, as demais obras consultadas citam a origem do latim tardio, *sperantia*, em consonância com a opinião de Antenor Nascentes.



- **Falência**

Não há registro de data para *falência*, no Dicionário Houaiss, que aponta o baixo-latim como origem da palavra. Afora o francês, que usa *faillite*, o vocábulo está presente em todas as línguas pesquisadas.

No inglês, datada de 1603, *fallency*, em desuso, possui a origem do latim medieval *fallentia*. No espanhol e no italiano, respectivamente *fallenza* e *falencia*, a palavra encontra-se desde o séc. XIII. No espanhol, não apontam sua origem. Em (DEI), menciona-se o provençal *falhensa*.

Se a origem da palavra permanece obscura, é possível supor que o vocábulo tenha entrado para o português através do espanhol, pois se trata de termo relacionado ao comércio.

- **Florescência**

A palavra *florescência* é encontrada no português desde 1799, segundo registros do Dicionário Houaiss, que menciona haver *florescentia* no latim científico.

No inglês, *florescence* é datada de 1793, e se afirma que a palavra é oriunda do latim medieval (OED). Já em (DCECH), registram *florescencia* desde 1330, sem mencionar sua origem. O latim científico pode ter criado *florescentia* para designar o termo grego *ánthesis* (floração), com base no particípio *florens*, -*tis*, existente no latim clássico.

- **Gerência**

De acordo com os registros do Dicionário Houaiss, a palavra *gerência* teria vindo de *gerir*, no entanto a datação mencionada pelo próprio dicionário contradiz

a informação etimológica: gerência é de 1542 e gerir de 1890. Mesmo o adjetivo data-se posteriormente, pois *gerente* é de 1873.

O espanhol, o inglês e o francês datam a palavra no séc. XIX, isto é, posteriormente à datação no português. Como étimo, em (DCECH) nada mencionam; em (DELI), citam o francês como a língua de empréstimo ao italiano; em (LPR), aponta-se a criação no francês, *gérance* (1843) de *gérant* (1787). Como podemos perceber, nenhuma obra se refere à existência do vocábulo no latim, portanto, a datação mais antiga é a do português.

- **Incumbência**

O Dicionário Houaiss aponta o verbo *incumbir* (1616) como base de criação do substantivo *incumbência* (1724). Contudo, a pesquisa mostrou que a palavra já existia em outras línguas. No italiano, o surgimento ocorre no séc. XIV e no espanhol, em 1585, ambos antecedentes; no inglês, é posterior, 1677.

Embora haja a menção das datas, nenhuma obra consultada apontou a etimologia da palavra. Entretanto, não se pode afirmar que se trata de uma criação do português, como o quer o Dicionário Houaiss, já que o vocábulo se encontra anteriormente lexicalizado em outras línguas.

- **Inferência**

O vocábulo *inferência* (1643), para o Dicionário Houaiss, vem de *inferir* (1540). Apesar da menção, o dicionário faz referência às opiniões de José Pedro Machado e Antônio Geraldo da Cunha, segundo os quais houve influxo do francês *inférence* (1609), e à opinião de Antenor Nascentes, para o qual teria existido *inferentia* no latim.

Nossa pesquisa permitiu averiguar a existência anterior do vocábulo em outras línguas. A data mais antiga é a do espanhol, *inferencia* (1440); no inglês,

*inference* é de 1594; seguida do francês, em que a data correta é 1606. Em (OED), compartilha-se da opinião de Nascentes, pois menciona a existência de *inferentia* no latim medieval.

- **Pendência**

O verbo *pender* é apontado como base de formação do vocábulo *pendência* (1569), no Dicionário Houaiss. Os respectivos verbo e adjetivo também são antigos no português, *pender* (séc. XIII) e *pendente* (1266). Em outras línguas, as datas são posteriores a do português: no italiano, *pendenza* (1618); no inglês, *pendence* (1624); o espanhol não menciona a data. No inglês, aponta-se o francês antigo *pendance* como étimo, mas não encontramos registro da palavra no francês.

Vale ressaltar que a busca desenvolvida baseou-se em corpus lexicográfico, critério por nós adotado e seguido como método de pesquisa. A inexatidão etimológica das palavras acima analisadas só poderia ser superada mediante a pesquisa em *corpora* compostos de diversos gêneros textuais da língua portuguesa e de línguas estrangeiras<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Existem recursos disponibilizados na *internet* de varreduras eletrônicas que facultam a pesquisa morfológica. Dentre eles, podemos citar os sítios: [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org) e [www.corpusdelespanol.org](http://www.corpusdelespanol.org), os quais reúnem obras literárias, técnicas, científicas, etc. Embora a importância desses sítios seja indiscutível para a presente pesquisa, por questões de tempo, não pudemos utilizar esses *corpora* no presente trabalho.

## 5. ANÁLISE SEMÂNTICO-CATEGORIAL DOS SUFIXOS – ANÇAI-ENÇA, -ÂNCIAI-ÊNCIA

### 5.1. As classes semântico-categoriais

Muito se tem discutido até aqui a respeito dos equívocos que uma análise estritamente sincrônica pode cometer, porque nos remete apenas a regras de formação de palavras e, como tal, não contempla a complexidade da realidade morfológica. Ao incorporarmos os subsídios históricos, concernentes à investigação diacrônica, não descartamos os princípios de identificação das regularidades derivacionais de uma língua, mas sim exaltamos a necessidade de haver uma confluência entre os pontos de vista sincrônico e diacrônico, de modo a entender o estudo da formação de palavras como uma investigação dos processos que permeiam o fenômeno da linguagem.

Desse modo, o Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP), cadastrado no CNPQ e liderado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, não se vinculando a nenhum modelo teórico específico, lança as bases de uma análise multifacetada e coerente com os objetivos do grupo de pesquisa. Delineiam-se, dessa maneira, os propósitos, dentre outros, de seus integrantes: a) inventariar palavras do português atual formadas por sufixação; b) estabelecer a classificação semântica dos significados presentes nos sufixos; c) do ponto de vista diacrônico, discorrer as operações derivacionais no português; d) precisar a datação de palavras derivadas e suas acepções, tomando por base a organização de *corpora* sistematizados; e) associar a produtividade de palavras derivadas tendo em vista a inserção do português nas línguas românicas; f) apurar o papel do estrangeirismo no que se refere à criação de modelos de palavras derivadas por sufixação no português.

Como dissemos, embora a finalidade do grupo não se fundamente em um modelo teórico singular, o trabalho desenvolvido por Rio-Torto (1998) fornece subsídios sistemáticos de análise semântica de palavras derivadas, procedimento

descrito no item b do parágrafo anterior. Atendendo ao conceito segundo o qual a derivação sufixal é um processo aditivo de formação lexical, estabelece-se o levantamento das regularidades derivacionais observáveis entre produtos e seus constituintes. Assim, as conclusões posteriormente expostas não se tratam de simples aplicação teórica, dada pela autora, mas sim da reformulação de seus princípios.

Quanto à categoria relacionada ao sufixo, é preciso considerar que o processo de derivação sufixal pode ou não envolver a alteração da classe gramatical. Rio-Torto (1998:88) chama de *sufixação isocategorial* as operações nas quais a base e seu produto possuem a mesma categoria gramatical; por sua vez, intitula *sufixação heterocategorial* as derivações em que o produto pertence a uma categoria gramatical diferente da base. De acordo com a nossa proposta, apontar a transformação categorial proporcionada pelo sufixo significa considerar o momento de formação da palavra, seja o latim, a língua estrangeira ou o próprio português.

Por ora nos interessa a classificação semântica dos sufixos *-ançal-ença*, *-âncial-ência*, que formam exclusivamente substantivos, independentemente da base. Assim, nosso objetivo trata-se de verificar, em cada palavra derivada, as nuances assumidas pelos sufixos no processo derivacional. Esse processo, que inclui a alteração categorial, conduz os sufixos a uma *classe semântico-categorial*, assim chamada, porque, de acordo com Rio-Torto (1998:72), a formação de palavras “(...) *tem afinidades com a morfossintaxe e com a semântica, desde logo porque (...) se define pela combinatória de elementos. Mas porque também os produtos derivacionais são marcados por determinada categoria sintático-semântica, e porque as operações/os operadores derivacionais têm poderes de categorização e de subcategorização, chegando mesmo a alterar a estrutura argumental das bases*”.

A indicação das classes semânticas a que pertence o sufixo é feita em forma de paráfrases. As paráfrases são obtidas através do significado inicial e estendido da palavra e sobre a língua de origem e representam, de maneira simplificada, as acepções que os dicionários fornecem a respeito das palavras.

Cada paráfrase pertence a uma determinada classe semântico-categorial, a qual, convencionalmente é indicada por um código trilitere, inspirado no trabalho de Rio-Torto (1998: 83-132).

Importante salientar que, neste momento, importa-nos o *significado do sufixo*, que é distinto do *significado da palavra*. Para os sufixos estudados neste trabalho, após extraída a paráfrase de cada vocábulo que compõe nosso *corpus*, inferimos que os sufixos *-anca/-ença*, *-âncial/-ência* formam palavras que podem ser classificadas em classes relacionais, classes de ação e valores avaliativos, que explanaremos a seguir, salientando as paráfrases pertinentes ao nosso objeto de estudo.

A classe relacional **QNT**, possui o significado primeiro de *quantidade*, e engloba os coletivos e outros *nomina quantitatis*. Uma subespecificação do sentido de quantidade é designada pela paráfrase “coletivo de x”, em que x expressa a base da qual se formou a palavra derivada. A palavra *vizinhança* é um empréstimo do italiano, que criou o derivado a partir do adjetivo latino *vicinus*. Dentre outras acepções, tanto no italiano quanto no português, o substantivo possui o significado de “conjunto das pessoas que moram próximo a alguém”. Assim, o sufixo *-ança* expressa, nesse substantivo, o sentido de “conjunto de pessoas”, ou “coletivo de x”, e a base *vicinus*, simbolizada por x, designa ‘pessoa que mora próxima a alguém’. Resultado análogo obtemos com as palavras: *subsistência*, ‘conjunto das coisas essenciais à manutenção da vida’; e *seqüência*, ‘quantidade de coisas ou eventos consecutivos no espaço e no tempo’.

A classe **ESS**, também relacional, ocupa-se dos *nomina essendi*, cujo significado primitivo expressa qualidade. Constitui-se de substantivos abstratos, em que os sufixos representam as paráfrases “que é X” e “propriedade de ser X”. Podemos citar os seguintes exemplos para a paráfrase “**que é x**”: *aventurança*: palavra formada no português, a partir do substantivo *aventura*, e que significa ‘ventura, destino, fado’; *ciência*: palavra formada no latim *scientia*, que designa “conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa”; e para a paráfrase “**propriedade de ser x**”: *semelhança*: palavra formada no português, cuja base pode ter sido *semelhar* ou *semelhante*, designa ‘qualidade de semelhante’;

*diferença*: palavra advinda do latim *differentia*, que designa ‘qualidade do que é diferente’ ou ‘característica do que é vário’; *elegância*: palavra formada no latim, *elegantia*, que significa ‘qualidade, virtude ou manifestação do gosto que se realiza na opção do vestuário e na maneira requintada e discreta de usá-lo’.

A classe de ação, ou *nomina actionis*, **LCA** abrange os substantivos locativos que resguardam valores verbais, isto é, a ação verbal está expressa na base e o sufixo se presta a designar o local. Representa-se com a paráfrase “lugar onde se x<sup>v</sup>”. O substantivo *estância*, criado no espanhol a partir do latim *stare*, significa, no português: ‘lugar onde se passa uma temporada’; ou no espanhol, “*estanca donde alguno está*”. Ou a palavra *agência*, formada no italiano, com o sentido de “*impresa che tratta affari altrui*”; e no português, designa ‘estabelecimento que se destina a prestar serviços’.

A classe de ação **TRS** é constituída de *nomina actionis*, cuja natureza semântica é transitiva. Abrange, para os sufixos estudados, as paráfrases “ação de X<sup>v</sup>” e “processo de X<sup>v</sup>”, em que x expressa praticar, exercer, executar a ação designada por V (verbo). Dessa forma, o sufixo representa a paráfrase “ação de X<sup>v</sup>” quando, por exemplo, o substantivo *nascença*, do latim *nascentia*, significa ‘ato de nascer’; em *poupança*, palavra formada no português, possui o sentido de ‘ato de deixar de consumir ou de gastar’; em *presidência*, palavra advinda do francês, designa ‘ação de presidir’. A paráfrase “processo de X<sup>v</sup>”, encontra-se nos sufixos formadores dos substantivos: *abstinência*, que significa ‘privação de certos alimentos e bebidas em cumprimento de preceitos religiosos ou outros’; *vigilância*, em que uma das acepções é ‘estado de quem permanece em alerta’; *crença*, que designa ‘estado ou processo mental de quem acredita em pessoa ou coisa’.

A classe de ação **RES** é outro *nomina actionis*, cuja peculiaridade semântica expressa o resultado de uma ação. Encontramos somente a paráfrase “estado decorrente de X<sup>v</sup>”, em que x significa o resultado da ação designada por V. É o caso do substantivo *vingança*, formado no francês *vengeance*, que significa ‘efeito de vingar-se’; *obediência*, significa ‘efeito de obedecer’; e *concordância*, que possui o sentido de ‘efeito de concordar’.

Há ainda a classe dos valores avaliativos, que expressam uma apreciação ou interpretação de natureza qualitativa ou quantitativa<sup>11</sup>. Os sufixos por nós analisados apresentaram particularidades da classe **RES+**, designativa de ação intensa ou de ação freqüente, subespecificadas pelas paráfrases “que é ou tem grande x”, em que x representa a base, e “que X<sup>V</sup> com freqüência/repetidamente”, na qual V representa a ação verbal realizada por X. Assim, o substantivo *comilança*, formado no português, possui o sentido de ‘ato de comer sofregamente ou muito’, do qual se deduz para o sufixo a paráfrase “que X<sup>V</sup> com freqüência/repetidamente”. A palavra *festança*, do italiano *festanza*, designa ‘grande festa’, assegurada pelo sufixo que representa a paráfrase “que é ou tem grande x”.

Da maneira como foi exposto, averiguamos, de cada palavra derivada, as acepções que comporiam as paráfrases. Muitas palavras, polissêmicas, assim o são por extensão de sentido, metafórico ou metonímico, o que pode ou não gerar mudança de significado do sufixo. É o caso, por exemplo, da palavra *aliança*, cujo sentido “pacto ou tratado entre indivíduos, partidos, povos ou governos para determinada finalidade” compõe a paráfrase “que é x”. Já para a acepção de “anel que simboliza noivado ou casamento”, concreta, reconheceríamos “objeto que simboliza x”.

Não apenas os casos de mais de um sentido, sendo um abstrato e outro concreto, produzem alteração no significado do sufixo. Um exemplo disso é a palavra *vizinhaça*. Se atentarmos para a acepção “qualidade ou estado de estar próximo de alguém; proximidade”, temos, para o sufixo, o sentido de “propriedade de ser x”; caso adotemos a acepção “conjunto das pessoas que moram próximo a alguém”, entendemos o sufixo como “coletivo de x”.

Para os sufixos estudados, a paráfrase “objeto que simboliza x” não foi encontrada em nenhuma outra palavra, portanto percebemos que a extensão de sentido pertence ao vocábulo *aliança*, ou seja, houve mudança no sentido da

---

<sup>11</sup> Wierzbicka (1996:44-45), ao estudar os quantificadores universais, cita que os conceitos de quantidade e de intensidade se misturam, em certas línguas, ao utilizarem apenas uma palavra designativa para os dois conceitos. Como exemplo, podemos citar as palavras do inglês *many* e *much* que, traduzidas para o português, resumem-se unicamente na palavra *muito*.



palavra e não no do sufixo. Por outro lado, a noção "coletivo de x" estende-se a outros vocábulos, por isso a reconhecemos como um dos valores do sufixo. Ainda, percebemos pelas diversas acepções analisadas que o sufixo, num mesmo vocábulo, pode apresentar mais de um sentido. Sendo assim, a palavra pertencerá a mais de uma classe semântico-categorial.

O Dicionário Houaiss propõe as acepções das palavras da mais antiga às mais recentes. Não pretendemos especificar a datação das acepções dos vocábulos, pois tal indicação só seria possível a partir da investigação de *corpus* específico para cada século. Nesse ponto de nossa pesquisa, a análise e posterior explanação dos resultados tratam da genealogia semântica do sufixo, apreendida pela interseção entre a etimologia e as paráfrases encontradas através de análise dos significados das palavras. A separação por séculos, por nós exposta, é feita com base nos dados do Houaiss. Exemplos de palavras surgidas em cada século serão fornecidos ao comentarmos as classes semântico-categoriais, das quais nos utilizamos, com suas respectivas paráfrases e abreviações.

### **5.1.2. Classe ESS (*nomina essendi*)**

Classe numerosa, já que 227 vocábulos lhe pertencem, sendo 121 palavras exclusivas de sua categoria, os sufixos constituem-se de traços semânticos de adjetivo nominalizado. São, portanto, o resultado da perda do valor verbal que ocorreu, desde o latim, no emprego dos participios.

Como as palavras abrangem mais de um significado, acrescentamos às listadas abaixo as seguintes combinações de classe semântico-categoriais: ESS.TRs, ESS.LCA, ESS.QNT, ESS.RES e ESS.RES+. Ao separarmos por data, extraída do Dicionário Houaiss, as palavras que lhe compõem, observamos que o valor semântico ESS propaga-se ao longo dos séculos:

s.d.: *errância, militância; contundência, fremência, valência, variância.*

XII: *fiança.*

Séc. XIII: *andança, confiança, criança, esperança, herança, semelhança, vizinhança; abundância, estância, ganância; avença, crença, doença, licença, presença, sentença; abstinência, consciência, continência, diligência, indulgência, obediência, penitência, reverência, veemência.*

Séc. XIV: *aventurança, ordenança, perseverança, segurança, temperança; ignorância, instância, substância; diferença; adolescência, ciência, excelência, experiência, inocência, inteligência, negligência, paciência, pestilência, providência, prudência, violência.*

Séc. XV: *aliança, lembrança; arrogância, circunstância, constância, distância, observância, repugnância; aparência, ausência, beneficiência, benevolência, circunferência, clemência, concupiscência, conseqüência, conveniência, eloqüência, equivalência, essência, existência, influência, insuficiência, magnificência, onipotência, potência, presidência, reminiscência, residência, resistência, seqüência, suficiência.*

Séc. XVI: *finança, pujança; concomitância, consonância, discrepância, elegância, exorbitância, fragrância, importância, infância, intolerância, redundância, vigilância; aderência, advertência, agência, carência, competência, complacência, confiança, contingência, corpulência, decência, dependência, descendência, emergência, eminência, evidência, gerência, iminência, imponência, insipiência, irreverência, jurisprudência, opulência, pendência, precedência, turbulência.*

Séc. XVII: *concordância, extravagância, flagrância, implicância, relutância, ressonância, tolerância; antecedência, apetência, ardência, ascendência, coerência, condescendência, consistência, deficiência, demência, desistência, displicência, excrescência, fraudulência, independência, inferência, insistência, insolência, minudência, ocorrência, permanência, pertinência, previdência, procedência, regência, reincidência, repetência, reticência, sonolência, subsistência, superintendência, tendência, transcendência, transferência, truculência, urgência, virulência.*

Séc. XVIII: *exuberância, mendicância, petulância, predominância, relevância; indiferença; confluência, conivência, deferência, divergência, eficiência, exigência, incidência, inconfidência, incongruência, incumbência, inerência, maledicência, malevolência, persistência, preferência, prepotência, sobrevivência, transparência.*

Séc. XIX: *cobrança, poupança; alternância, ambulância, assonância, culminância, preponderância, protuberância, sindicância; candência, coincidência, convergência, desinência, dissidência, fluência, fosforescência, interferência, onisciência, prevalência, proficiência, recorrência, referência, repelência, saliência, subserviência, tangência, transigência, vidência.*

Séc. XX: *clarividência, delinqüência, docência, dormência, vigência, vivência.*

### **5.1.3. Classes TRS e RES (*nomina actionis*)**

Os vocábulos pertencentes a classe TRS tratam-se de palavras cujos sufixos guardam em seu sentido valores verbais. Importante lembrar que o valor verbal desses sufixos possuem o atributo do aspecto inconcluso, herdado do participio presente latino.

Vocábulos exclusivos dessa classe são escassos; ocorre apenas haver palavras em que os sufixos guardam valores verbais e nominais, ou aliam-se a outros valores, os quais comentaremos mais adiante. Por ora, separamos, por século, aquelas que pertencem unicamente à classe TRS e às seguintes classes combinadas: TRS.ESS, TRS.QNT e TRS.LCA.

Séc. XII: *fiança*

Séc. XIII: *esperança, herança; crença, nascença; estância; abstinência, continência.*

Séc. XIV: *ordenança; ignorância, instância; adolescência, audiência.*

Séc. XV: *governança; observância; ausência, beneficência, existência, reminiscência, residência.*

Séc. XVI: *infância; cadência, carência, confiança, dependência, turbulência.*

Séc. XVII: *flagrância, implicância, ressonância; ascendência, independência, permanência, sonolência, subsistência, truculência.*

Séc. XVIII: *conivência, florescência, maledicência, preferência.*

Séc. XIX: *poupança; dissidência, fluorescência, fosforescência, subserviência.*

Séc. XX: *docência, dormência, vigência, vivência.*

A classe RES também traz em si valores verbais e nominais integrados. Entretanto, a nominalização obtida será sempre um resultado da ação que lhe condiz. Vejamos alguns exemplos esclarecedores. A palavra *aliança* significa ato de aliar-se ("ação de x<sup>v</sup>", classe TRS), união ("que é x", classe ESS), ou efeito de aliar-se ("estado decorrente de x<sup>v</sup>", classe RES); *delinqüência* significa ato de delinqüir ("ação de x<sup>v</sup>", classe TRS), desobediência a leis ("que é x", classe ESS), ou efeito de delinqüir ("estado decorrente de x<sup>v</sup>", classe RES); *experiência* significa ato de experimentar ("ação de x<sup>v</sup>", classe TRS), forma de conhecimento ("que é x", classe ESS), ou efeito de experimentar ("estado decorrente de x<sup>v</sup>", classe RES).

Vocábulos que fazem parte da classe RES pertencem majoritariamente à classe RES e TRS combinadas, exceto em *indiferença* e *circunstância* (RES.ESS). Interessante notar a polissemia do sufixo mesmo em se tratando de bases idênticas, ou seja, como o sufixo possibilita a utilização da mesma palavra a qual possuirá significados distintos de acordo com a necessidade do uso.

s.d.: *falência*

Séc. XIII: *vingança.*

Séc. XIV: *mudança, segurança.*

Séc. XV: *circunstância; freqüência, presidência, seqüência.*

Séc. XVI: *assistência, concorrência, conferência, correspondência.*

Séc. XVII: *decadência, procedência, superintendência.*

Séc. XVIII: *indiferença; mendicância; convivência.*

Séc. XIX: *degenerescência.*

Séc. XX: *adimplência, decorrência, inadimplência.*

#### **5.1.4. Simultaneidade das Classes TRS, RES e ESS**

A combinação dessas classes resulta em vocábulos cujos sufixos resguardam as origens da junção entre a desinência do particípio presente e o sufixo *-ia*. O sufixo, nesses casos, pode apresentar valores estritamente verbais ou prestarem-se à nominalização de verbos.

A concorrência com outros sufixos, citada anteriormente, deve ser responsável pela quantidade de palavras que possuem essa combinação, pois 20% de nosso *corpus* nos proporcionaram esse resultado, de acordo com o significado apresentado pelo dicionário. Isso significa que esses valores semânticos mesclados, prototípicos, sofreram redução com o tempo.

À combinação TRS.RES.ESS acrescentamos as classes: LCA, QNT e RES+, separando por século.

Século XIII: *andança; avença; obediência.*

Século XIV: *segurança; experiência, violência.*

Século XV: *aliança, lembrança; arrogância, distância; influência, presidência, resistência, seqüência.*

Século XVI: *consonância, vigilância; aderência, advertência, afluência, complacência, emergência, gerência.*

Século XVII: *concordância, relutância, tolerância; antecedência, condescendência, desistência, inferência, insistência, procedência, regência, reincidência, repetência, superintendência, transferência.*

Século XVIII: *exigência, incidência, incumbência, sobrevivência.*

Século XIX: *cobrança; alternância, culminância; coincidência, convergência, interferência, referência, transigência.*

Século XX: *delinqüência.*

#### **5.1.5. Classe LCA**

O valor locativo encontrado para os sufixos estudados neste trabalho não era previsto, pois transporta o substantivo de abstrato a concreto. Ocorre raramente, sempre combinado a outros valores, os quais, por sua vez, mantêm o caráter abstrato da palavra. Portanto, é de se esperar que o valor locativo não seja uma herança clássica, já que a primazia do emprego latino era o caráter abstrato.

A verificação da etimologia das palavras foi de suma importância para a análise do fato. Do *corpus* examinado, apenas 10 vocábulos possuem o valor locativo. Desses 10 vocábulos, três deles procedem do latim medieval, *assistência, residência e superintendência*; entretanto, não possuíam, naquela língua, o sentido concreto. No que diz respeito aos empréstimos das línguas neolatinas, no espanhol, formaram-se dois vocábulos, *estância e procedência*. No italiano, outros dois, *vizinhança e agência*. No francês, *ambulância*. O francês, o italiano e o espanhol registram o sentido locativo para os vocábulos em questão, portanto se pode deduzir que o sentido concreto foi acrescido ao sufixo e, no português, entraram por via do empréstimo. Uma vez adquirido, o sentido locativo passou a compor a polissemia dos vocábulos: *audiência, presidência e residência*.

Séc. XIII: *vizinhança, estância.*

Séc. XIV: *audiência.*

Séc. XV: *presidência, residência.*

Séc. XVI: *agência, assistência.*

Séc. XVII: *procedência, superintendência*.

Séc. XIX: *ambulância*.

#### 5.1.6. Classe QNT (*nomina quantitatis*)

O sentido de coletividade, encontrado para os sufixos estudados neste trabalho, foi apontado apenas por Laudelino Freire (1940), no qual cita como exemplo as palavras *vizinhança* e *mestrança*. Em nossa pesquisa, investigamos somente *vizinhança*, por se tratar de palavra freqüente, conforme critério já explicitado no capítulo IV, embora *mestrança*, criada no séc. XIII, tenha registro no Dicionário Houaiss, o qual informa que o vocábulo, em acepção antiga, possuía o sentido de "conjunto do mestres, contramestres e mandadores nas oficinas dos arsenais de marinha".

O latim clássico nos reservou as palavras *jurisprudência, seqüência e subsistência*, sobre as quais não registra o significado coletivo encontrado nas línguas modernas. No latim medieval, foi criada *assistência*, que, da mesma forma, significava em princípio somente a ação nominalizada. O vocábulo *vizinhança* ocorre no italiano e no português e, em ambas, possui o sentido coletivo; resta saber se o possuía desde a criação no séc. XIII, o que só poderia ser atestado com base em *corpus* específico. Entretanto, não podemos deixar de observar que todos os outros vocábulos nos quais se encontra o sentido coletivo são posteriores às palavras *vizinhança* e *mestrança*. O sentido de coletividade pode não ter sido produtivo, devido à concorrência entre os sufixos abordados e o sufixo *-mento* (*armamento, guiamento, aviamento*<sup>12</sup>).

Séc. XIII: *vizinhança, consciência*.

Séc. XIV: *segurança; instância; audiência, inteligência*.

Séc. XV: *seqüência, freqüência, suficiência*.

---

<sup>12</sup> O sufixo *-mento* é estudado pela pesquisadora do GMHP Érica Santos Soares de Freitas, que gentilmente cedeu os exemplos mencionados.

Séc. XVI: *assistência, concorrência, conferência, correspondência, descendência, jurisprudência*.

Séc. XVII: *subsistência*.

### 5.1.7. Classe RES+

O sentido de quantidade/intensidade parece ter tido fôlego em dois momentos distintos da história desses sufixos. Primeiro, no latim clássico, em que a base de palavras como *corpulência* e *opulência* associam-se ao sufixo *-ência* designando a este a função de acrescer o sentido de quantidade ou intensidade. Em outro momento, o português empresta do italiano, no séc. XIX, o vocábulo *festança* e, por analogia, cria *comilança*, palavras de mesmo campo semântico.

Ao verificarmos outros vocábulos afora os do *corpus*, outras palavras, não freqüentes, possuem as mesmas características: no séc. XIII, *usança* 'uso freqüente'; no séc. XIV, *abastança* 'excesso de provimentos', *matança* 'massacre de muitas pessoas'; no séc. XV, *trigança* 'grande afã'. O sentido, assim como o uso do sufixo *-ança*, não se firmou, devido à concorrência com outros sufixos, específicos para designar ações intensas ou freqüentes, tais como *-ada* (*barulhada, chuvarada, temporada*<sup>13</sup>).

Séc. XIII: *significância; veemência*.

Séc. XV: *freqüência*.

Séc. XVI: *corpulência, opulência*.

Séc. XIX: *festança*.

Séc. XX: *comilança*.

### 5.2. A genealogia semântica dos sufixos

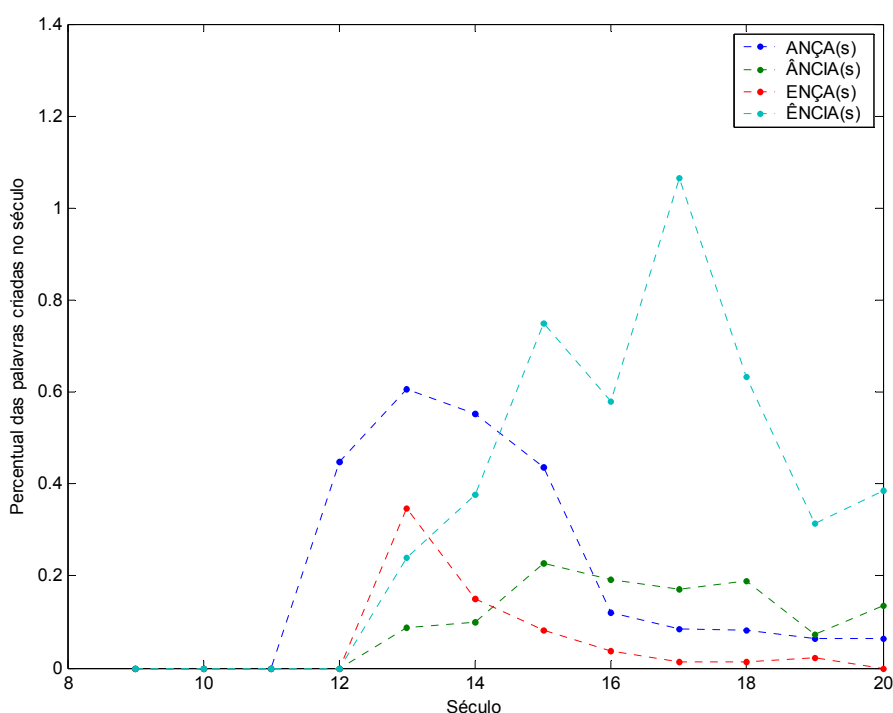
Em relação ao português, consideram-se populares as formas *-ança/-ença* e eruditas ou semi-eruditas as formas *-ância/-ência*. Na língua corrente, os

---

<sup>13</sup> Mônica Yuriko Takahashi (GMHP) forneceu os exemplos mencionados para o sufixo *-ada*.



vocábulos com a terminação *-ança* e *-ência* são mais numerosos em relação a *-ância* e *-ença*. Essas afirmações são feitas com base em levantamento das palavras cuja terminação é *-ança/-ença*; *-ância/-ência*, encontradas no Dicionário Houaiss. Totalizam 1049 vocábulos, sendo 202 em *-ança*; 53 em *-ença*; 192 em *-ância*; e 602 em *-ência*. Pesquisadores<sup>14</sup>, integrantes do Grupo de Morfologia Histórica do Português, de acordo com a datação dada pelo Dicionário Houaiss, elaboraram um gráfico que mostra a oscilação do surgimento de palavras com cada sufixo, ao longo dos séculos.

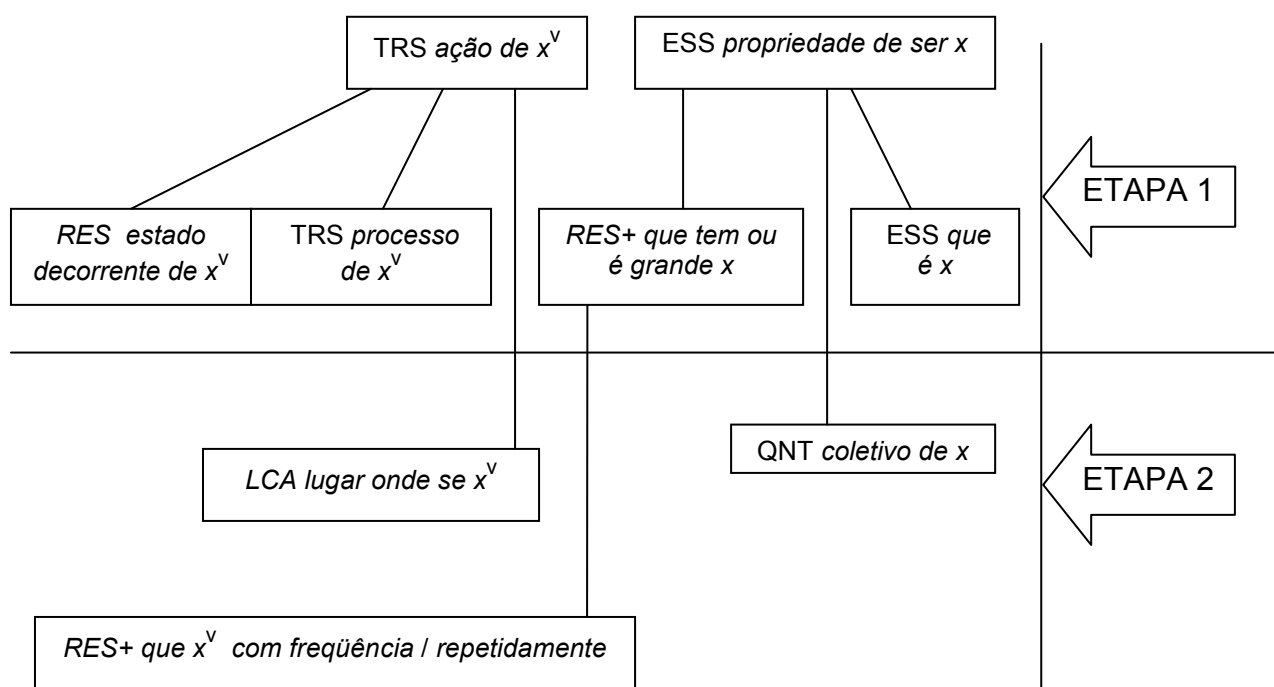


Como podemos observar, vocábulos com o sufixo *-ança* são a primeira herança latina, ocorrendo já no séc. XI. Entre os séculos XV e XVI, época do Renascimento, existe acentuada queda do número de vocábulos originados por esse sufixo, o qual mantém estável sua produtividade entre os séculos XVIII e XX. No caso de *-ença*, aparecem vocábulos apenas do séc. XII em diante, assim como ocorre com os demais sufixos em questão. Sua produtividade sofre queda entre os séculos XV e XVI e encontra-se propensa à diminuição a partir do séc.

<sup>14</sup> Gráfico elaborado por Zwinglio O. Guimarães-Filho e Leandro Mariano do Instituto de Física da Universidade de São Paulo.

XIX. A produtividade de *-ância* tem seu apogeu no séc. XV; até o séc. XVIII mantém certa estabilidade, porém sofre queda no séc. XIX e, curiosamente, possui tendência a crescer no decorrer do séc. XX. Finalmente, o sufixo *-ência* é responsável pela criação de um grande número de vocábulos no séc. XV; entretanto, seu ápice se dá por volta do séc. XVII, apresentando acentuado declínio no séc. XIX. Enfaticamente superior em relação aos outros, no que se refere ao número de palavras formadas, assim como sucede com *-ância*, revela propensão ao crescimento no séc. XX.

A partir do corpus analisado, entrevimos outras nuances para os sufixos em questão, ainda não apontadas pelas gramáticas. Para isso, a verificação da etimologia foi de extrema importância, pois sem essa informação não temos a base de formação do núcleo sólido dos termos. Observamos a recorrência de significados naquele período que permanecem nos dias atuais, tais como os pertencentes às classes ESS (*nomina essendi*) e TRS (*nomina actionis*). Outros significados, concernentes das classes RES, LCA, QNT e RES+, foram acrescentados ao longo do tempo, embora não tenham sido tão produtivos, dentro da limitação de nosso *corpus*. Então, podemos proceder a seguinte árvore genealógica semântica:



Dissemos, no início deste capítulo, que a extração das paráfrases se baseou no significado inicial da palavra e sobre a língua de origem. Entretanto, não poderíamos ocultar o processo semântico pelo qual perpassa o vocábulo, no que se refere ao seus usos metafórico e metonímico. No que diz respeito aos sufixos estudados neste trabalho, a análise das classes semântico-categoriais a que pertence a palavra possibilitou inferir que a derivação de sentido de certos vocábulos são possíveis devido à polissemia do sufixo a que se agregam. Exemplo dessa afirmativa é a palavra *presidência*. Vejamos como proceder a apreensão dos significados prototípicos e ulteriores de um sufixo e a maneira pela qual ele faculta essa expansão de valores semânticos pertinentes ao vocábulo.

A palavra *presidência* possui diversos significados, os quais são dispostos, pelo Houaiss, de acordo com o critério da acepção mais antiga à mais recente. O sentido primeiro do vocábulo é “ação ou resultado de presidir”, do qual, para o sufixo se extraem as respectivas paráfrases “ação de x<sup>v</sup>” (TRS) e “estado decorrente de x<sup>v</sup>” (RES). A árvore genealógica semântica, acima exposta, mostra que esses significados pertencem à primeira etapa derivacional dos sufixos.

Quanto aos sentidos metonímicos, *presidência* designa também “o gabinete ou local de trabalho do presidente”, significado do qual se obtém, para o sufixo, a paráfrase “lugar onde se x<sup>v</sup>” (LCA), que se trata de classe semântica posterior. Além disso, o substantivo pode significar “tempo de exercício nas funções de presidente”, em que temos “processo de x<sup>v</sup>”, valor semântico resgatado da primeira etapa do sufixo na derivação de sentido.

O substantivo *audiência* é outro exemplo de emprego do sufixo nos processos metonímicos. Significa: “ato de ouvir ou de dar atenção àquele que fala” (ação de x<sup>v</sup>/ TRS); e em derivação por metonímia: “local em que é realizada essa sessão” (lugar onde se x<sup>v</sup>/ LCA) e “conjunto das pessoas presentes a essa sessão” (coletivo de x/ QNT).

Em 2.3, discorreremos sobre o fenômeno da *irradiação*, citado por Bréal, que trata da propagação de certas nuances adquiridas pelo sufixo em seu processo derivacional e em seu percurso histórico. Uma vez adquirido, certo valor semântico marca presença na consciência lingüística do falante que, em vez de recorrer à criação de palavras, faz uso do recurso da polissemia, para atender às solicitações do extralingüístico.

## 6. O PROCESSO DERIVACIONAL NO LATIM E NO PORTUGUÊS

### 6.1. A cognação entre verbos, adjetivos e substantivos no latim

Os sufixos *-ançal-ença*, *-âncial-ência* preservam valores verbais e adjetivais, porque provêm do acréscimo do sufixo *-ia* ao tema do particípio presente latino, o qual exercia função de verbo e de nome. Vimos, no capítulo III deste trabalho, que no latim clássico já havia a tendência de reduzir o particípio presente a adjetivos e substantivos, o que resulta a perda do valor verbal nas línguas românicas. Dessa forma, o sufixo *-ntia* ganha existência independente dos particípios-adjetivos.

Tekavčić (1972: 63-64), ao estudar os sufixos *-anza/-enza* no italiano, revelou que, nessa língua, nem sempre havia a tríade verbo/ adjetivo/ substantivo cognatos, mas que existiam outros tipos de derivação tirante a mencionada acima. No caso de existirem verbos, adjetivos e substantivos cognatos, de motivação morfológica e semântica, o autor afirma que podemos considerar os substantivos derivados como deverbais ou deadjetivais, pois a referência a ambos, verbo e adjetivo, é igualmente forte e presente na consciência lingüística dos falantes.

Diante de suas observações, recorreremos ao latim clássico para averiguar se essas mesmas derivações ocorriam na origem das línguas românicas. Conduzidos pela seleção de substantivos feita para este estudo, separamos aqueles que se originaram do latim clássico (50,4% do *corpus*), de modo a verificar quais possuíam verbos e adjetivos cognatos naquela língua. Para essa consulta, utilizamos a obra de Gaffiot (1934).

A tríade verbo/particípio-adjetivo/substantivo é realmente a mais numerosa, portanto, diante da existência de verbo e adjetivo, no latim clássico, podemos considerar os substantivos como sendo deverbais ou deadjetivais. Do *corpus* analisado, 61,11% dos substantivos relacionam-se a verbos e adjetivos no latim

clássico: *abstinentia, abundantia, adhaerentia, adolescentia, adfluentia, appetentia, adrogantia, audientia, absentia, candentia, scientia, circumferentia, cohaerentia, competentia, concupiscentia, confidentia, confluentia, consequentia, consonantia, constantia, continentia, convenientia, decentia, deficientia, dementia, differentia, diligentia, discrepantia, dolentia, efficientia, elegantia, eloquentia, eminentia, errantia, evidentia, excellentia, experientia, exuberantia, flagrantia, fluentia, fragrantia, frequentia, ignorantia, imminetia, incongruentia, indifferentia, indulgentia, insipientia, insolentia, instantia, insufficientia, intellegentia, intolerantia, irreverentia, licentia, maledicentia, neglegentia, oboedientia, observantia, opulentia, patientia, perseverantia, petulantia, potentia, praesentia, praevalentia, providentia, prudentia, redundantia, reverentia, sequentia, significantia, sufficientia, temperantia, tolerantia, valentia, vigilantia.*

Tekavčić aponta que, no italiano, em certos casos há o verbo e o substantivo em *-anza/-enza*, porém falta o adjetivo em *-nte*: *sperare / (sperante) / speranza*; o adjetivo permanece no sistema virtual da língua, e os derivados são deverbais. Em latim clássico, 28,57% dos substantivos estabelecem relação apenas com verbos: *apparentia, advenientia, beneficentia, circumstantia, complacentia, conferentia, conscientia, contingentia, delinquentia, displicentia, dissidentia, distantia, divergentia, essentia, excrescentia, exigentia, existentia, fraudulentia, imponentia, magnificentia, nascentia, praecedentia, praevidentia, reminiscentia, repentia, resistentia, resonantia, reticentia, sententia, somnolentia, subsistentia, substantia, transcendentia, turbulentia, variantia, virulentia.*<sup>15</sup>

Em outro grupo, o autor apontou que, no italiano, os substantivos são derivados de adjetivos em *-nte*, cujo grupo não possui o verbo. Dessa forma, os substantivos são deadjetivais: *assente / assenza; clemente / clemenza*. Há casos também no latim clássico, que somam 12,69% do total avaliado: *beneficentia, benevolentia, clementia, corpulentia, infantia, innocentia, magnificentia, malevolentia, omnipotentia, pestilentia, praepotentia, somnolentia, truculentia, vehementia, violentia, virulentia*. É importante acrescentar que, mesmo diante da

---

<sup>15</sup> Vide anexo III no final deste trabalho.

observação do autor, segundo o qual devemos considerar deadjetivais tais substantivos, no latim, o particípio presente atuava ora como adjetivo ora como verbo. Portanto, na consciência lingüística do falante, ambos os valores semânticos mantinham-se presentes, o que resulta na falta de justificativa para afirmar que se trata apenas de substantivos deadjetivais.

Tekavčić também distinguiu a ausência de verbo e de adjetivo em *-nte*, casos em que o derivante é um puro adjetivo ou um substantivo: *cittadino/ cittadinanza*; *lontano/ lontanza*. No latim clássico, também encontramos recorrências desse grupo, reunidas em menor número (3,12%), já que não há verbo ou particípio cognatos: *beneficentia, magnificentia, somnolentia, virulentia*. Esses substantivos, no latim, derivaram diretamente dos adjetivos em *-entus*.

O autor (1992:66) ainda discute que só se pode falar em derivação e, por conseguinte, nos sufixos *-anza/-enza* nos casos em que o substantivo é derivado do verbo ou do particípio-adjetivo e em que a motivação tenha sido, ao mesmo tempo, morfêmica e semântica. Quando a base é constituída de um verbo ou de particípio-adjetivo distantes semanticamente do derivado, ou quando se constitui de um adjetivo, o autor fala em transcategorização, de adjetivo a substantivo abstrato, e não de uma derivação sufixal.

Embora sejam de grande valia os estudos de Tekavčić, que renovam a abordagem morfológica do léxico italiano, considerando pontos históricos importantes, a opinião do autor é um tanto polêmica ao afirmar que, em certas derivações, não podemos considerar como sufixo a terminação de certas palavras, exceto quando o resultado provém da junção do sufixo à base verbal (verbo ou particípio-adjetivo). A independência do sufixo em relação a suas bases, verbal ou adjetival, atesta-se no latim clássico.

## **6.2. A independência dos sufixos em relação a verbos e adjetivos**

Ao proceder a abordagem semântica do corpus extraído para este trabalho, mencionamos que os sufixos *-ança/-ença, -ância/-ência* se revestem, em sua maioria, de significados provenientes das classes ESS (*nomina essendi*), que se

constitui de traços de adjetivo nominalizado, e TRS (*nomina actionis*), que possui valores verbais, além da classe RES (*nomina actionis*), que da mesma forma resguarda traços verbais. Vocábulo constituído da fusão dos valores semânticos dessas classes também se mostraram fecundos. Além disso, tais valores semânticos são herança direta do latim, como vimos, pois as demais classes foram agregadas no percurso das línguas românicas.

Dessa maneira, realizamos um cruzamento de dados, com base apenas no latim clássico. Levantamos os substantivos latinos provenientes de bases verbais e averiguamos se, no uso atual da língua portuguesa, os sufixos formadores desses substantivos guardariam apenas valores verbais, isto é, pertenceriam tão-somente à classe *nomina actionis*. O mesmo procedimento foi adotado em relação a palavras advindas de um particípio-adjetivo: verificar se o sufixo permaneceria com valores de adjetivo nominalizado, ou seja, se a palavra, no português atual, pertenceria à classe *nomina essendi*.

Surpreende o fato de que palavras, cujo significado as transporta exclusivamente à classe ESS, possuam seu étimo em substantivos latinos deverbais, por não se relacionarem a participios empregados como adjetivos, tais como: *aparência, contingência, displicência, divergência, essência, excrescência, fraudulência, imponência, precedência, previdência, reticência, setença, substância, transcendência, variância*. Isso não quer dizer que, no latim, os vocábulos não possuíssem o traço verbal em seu emprego, mas que esse traço, se existiu, foi perdido no português atual, no caso desses substantivos.

Por outro lado, vocábulos latinos que não possuíam relação com verbos são a origem de palavras, no português, que resguardam dentre outros, valores verbais, tais como: *beneficência*, “ato de fazer o bem”; *truculência*, “ato de crueldade”; *violência*, “ação ou efeito de violentar”. Daí se pode induzir que a nuance verbal, no português, foi adquirida com o uso da palavra. Encontramos ainda palavras, no latim, que não possuíam nem verbo nem particípio-adjetivo, citadas acima, nas quais a base de formação era um puro adjetivo.



Quanto à regularidade derivacional, no latim, percebemos que o sufixo *-ntia* possuía uma tendência a se juntar a bases verbais ou relacionadas a verbos, o que constitui 86,50% dos casos. Os demais casos não se tratam de terminação análoga ao sufixo, são autênticas derivações sufixais. Conseqüentemente, a tendência não se constitui uma regra, pois a derivação possível com outras bases mostrou sua capacidade de preservar seus valores semânticos, característica que assegura seu estatuto de sufixo.

A associação do exposto confirma o postulado, segundo o qual os valores semânticos dos sufixos, uma vez adquiridos, propagam-se e não se perdem, ficando resguardados em certos vocábulos que, em certa circunstância, podem penetrar na consciência lingüística do falante e ser a base analógica para representação de novos conceitos. Esse processo é empírico e espontâneo, portanto não se restringe a regras de formação; submetem-se apenas à produtividade derivacional do sufixo que, em certos momentos, depara-se com a concorrência de outros sufixos que se prestam a representar com maior precisão o conteúdo semântico desejado.

### **6.3. A cognação entre verbos, adjetivos e substantivos no português**

As substâncias semânticas herdadas pelos sufixos *-ança/-ença*, *-ância/-ência* relacionam seus produtos a verbos e adjetivos que, no português, assumiram a forma *-nte*. Já foi citado neste trabalho que não se pode falar de um sufixo *-ns* em latim, já que seu emprego como sufixo originou-se no Romance. Considerando que o sufixo *-ntia* morfologicamente se tornou independente do particípio presente latino, podemos falar que os vocábulos derivados dos sufixos *-ança/-ença*, *-ância/-ência* e as palavras formadas pelo sufixo *-nte* mantêm uma relação de cognação entre suas bases, mas não que há dependência formativa entre seus produtos.

Sobre esse paradigma, se confrontarmos todos os vocábulos formados pelos sufixos estudados neste trabalho ao léxico da língua portuguesa, verificaremos que 86% deles possuem uma correlação com um adjetivo em *-nte*. Exemplos dessa asserção são: a) em *-ência*: *aparência*, *aparente*; *cadência*,

*cadente; ausência, ausente; consciência, consciente; displicência, displicente; paciência, paciente; b) em –ância: distância, distante; elegância, elegante; ignorância, ignorante; intolerância, intolerante; c) em –ença: doença, doente; indiferença, indiferente; nascença, nascente; presença, presente; d) em –ança: confiança, confiante; pujança, pujante; semelhança, semelhante.*

Dessa forma, a criação de substantivos obedece ao processo citado anteriormente, segundo o qual a sufixação permite o uso do conceito de uma palavra em uma outra classe gramatical, além de acrescentar um sentido a uma significação lexical<sup>16</sup>. Assim, o sufixo equivale a uma expressão de nível frástico<sup>17</sup>. Para compreender o funcionamento de um sufixo como uma realização frástica, façamos algumas transformações:

a) A confiança de um homem. (substantivado)

\*um homem que confia (verbalizado)

\*um homem confiante (adjetivado)

b) A crença da mulher. (substantivado)

\* uma mulher que crê (verbalizado)

\* uma mulher crente (adjetivado)

c) A predominância do ódio. (substantivado)

\* o ódio que predomina. (verbalizado)

\* o ódio predominante. (adjetivado)

d) A dependência do país. (substantivado)

\* O país que depende... (verbalizado)

\* O país dependente. (adjetivado)

---

<sup>16</sup> Cf. com capítulo 1.2. deste trabalho.

<sup>17</sup> Cf. com capítulo 2.4 deste trabalho.

Obviamente, não é possível essa transformação de todos os sintagmas, nem de sua maioria, nos quais há substantivos formados por esses sufixos. E é justamente por não ser possível a transformação que existe a necessidade de criação do substantivo. Com isso, pretendemos mostrar a permanência de traços semânticos relativos a verbos e a adjetivos em substantivos cognatos de certos termos.

Ainda, podemos também supor que *não há necessidade de haver cognação, isto é, a existência, no léxico, de um verbo, de um adjetivo e de um substantivo de mesma base*. Tanto é verdade que, em muitos casos, não encontramos, no português atual, adjetivos oriundos de uma base comum, por exemplo, *criança*, *estância* (no sentido de estrofe). Ou quando encontramos o adjetivo, a derivação ocorreu através de um sufixo concorrente de *-nte*:

- a) em *-adol-ido*, *advertência/ advertido*, *aliança/ aliado*, *avença/ avençado*, *falência/ falido*, *lembrança/ lembrado*, *licença/ licenciado*, *liderança/ liderado*, *ordenança/ ordenado*, *segurança/ segurado*, *sentença/ sentenciado*, *substância/ substanciado*;
- b) em *-or*, *cobrança/ cobrador*, *fiança/ fiador*, *poupança/ poupador*;
- c) em *-eiro*, *aventurança/ aventureiro*, *festança/ festeiro*, *finança/ financeiro*, *herança/ herdeiro*;
- d) em *-oso*, *esperança/ esperançoso*, *ganância/ ganancioso*;
- e) em *-al*, *essência/ essencial*;
- f) em *-ão*, *comilança/ comilão*.

Além de derivações sufixais, existem adjetivos cognatos vindos diretamente do latim *-entus*: *corpulência/ corpulento*, *fraudulência/ fraudulento*, *opulência/ opulento*, *pestilência/ pestilento*, *sonolência/ sonolento*, *truculência/ truculento*, *turbulência/ turbulento*, *violência/ violento*, *virulência/ virulento*.

No que se refere a verbos, de nosso *corpus*, 23,2% dos substantivos formados por *-ança/-ença*, *-ância/-ência* não possuem um cognato verbal, no português atual, tais como: *fragrância*, *infância*, *ciência*, *displícência*, *inocência*, *magnificência*, entre outros. Esse número, no latim, é reduzido para 12,69%, ou seja, muitos verbos latinos não foram transmitidos ao português.

#### 6.4. A função semântico-categorial dos sufixos

A concorrência entre sufixos ou a ausência de uma classe gramatical entre cognatos são vistas pelas atuais teorias de caráter sincrônico como processos de lexicalidade, condizentes à competência lingüística do falante, que promove e privilegia o uso de certas formas em detrimento de outras. Segundo as premissas citadas no capítulo II deste trabalho, constituem-se regras de produtividade lexical e, as criações, por exemplo, de adjetivos em *-nte*, nos casos de *criança* / *\*criante*, *herança* / *\*herdante*, *transferencial* / *\*transferente*, são bloqueadas no sistema, porque seriam uma insubordinação a essas regras.

No entanto, ao nosso ver, a concorrência entre sufixos ou a ausência de palavras não resultam no privilégio de uma dada forma por obediência a uma regra. Regras são criações teóricas, formuladas *a posteriori*. Se nos basearmos em regras para procurar compreender o léxico de uma língua, estaremos ignorando as exceções, que não são insubordinações, como comumente se aponta. As exceções são fatos. Desses fatos, resgatados ao longo da história, podemos descrever a origem, a produtividade e os valores semânticos prototípicos e ulteriores dos sufixos.

*Comilança*, palavra criada no português, associa-se ao adjetivo *comilão*, não porque *\*comilante* seria “estranho” ou “*forma complexa*”<sup>18</sup> ou há concorrência semântica entre *-ão* e *-nte*, argumentos fundados por algumas correntes da lingüística. A análise semântica realizada neste trabalho mostra que *-ança*, no caso desse substantivo, acrescenta à base a idéia de quantidade/intensidade, portanto, os valores semânticos do sufixo *-ão* prestam-se com maior precisão a transmitir o conteúdo desejado para o adjetivo. Dessa forma, ao procedermos a

---

<sup>18</sup> Cf. Capítulo 2.3 deste trabalho.

análise das condições de formação de uma palavra, é preciso olhar o objeto de estudo de vários ângulos, caso contrário, qualquer afinamento trará resultados equivocados.

Um exemplo desse equívoco é apontar a característica de os sufixos – *ança/-ença*, *-ância/-ência* se juntarem a verbos como regra. Esse procedimento se mescla à informação etimológica fornecida pelo Dicionário Houaiss, para não se citar em menções dos livros de gramática, pois, afora os casos de empréstimo já citados neste trabalho, há os de palavras formadas no português, sobre as quais, por regra, se dá um verbo como étimo.

Dentre o nosso *corpus*, substantivos formados no português que possuem cognação de verbos e adjetivos em *-nte* podem tanto ter procedido de base verbal quanto adjetival, pois a derivação bilateral é confirmada pela história dos sufixos. Assim, *contundência* (s.d), pode ter partido de *contundir* (1692) ou de *contundente* (1836); *culminância* (1899) relaciona-se a *culminar* (1836) da mesma maneira que com *culminante* (1677), entre outros. Importante destacar que as datações fornecidas para as palavras devem permitir a possibilidade de derivação deverbal ou deadjetival, para não se perder a noção de derivar (o que vem antes e o que vem depois). Daí, relacionados a verbos e adjetivos em *-nte*, temos: *fremência* (s.d), *fremir* (1572), *fremente* (1789); *relevância* (1720), *relevante* (1686); *semelhança* (séc. XIII), *semelhar* (séc. XIII), *semelhante* (séc. XIII); *transigência* (1881), *transigir* (1789), *transigente* (1881).

Mesmo quando não se trata de adjetivos em *-nte*, outras bases podem servir para a derivação de substantivos formados pelos sufixos em questão. Vejamos *liderança* (séc. XX), segundo o Houaiss, procedente de *liderar* (séc. XX), mas que se associa, pelo significado, mais a *líder* (1900), já que *liderança* possui o sentido de “função, posição, caráter de líder” ou “espírito de chefia, autoridade, ascendência”. Ou *comilança* (1917), que pode ter origem em *comer* (séc. XIII) ou em *comilão* (1603), adjetivo com características morfêmicas e semânticas mais propícias à formação do substantivo derivado.

Levando em conta o que foi discutido até aqui, chegamos a um impasse: avaliar qual seria a função dos sufixos *ança/-ença*, *-ância/-ência*, já que não se constitui uma regra criar substantivos abstratos<sup>19</sup> deverbais. Podemos, então, inferir que uma de suas funções seria a de transportar um conceito de uma dada classe gramatical a um substantivo. A dada classe gramatical não será, necessariamente, um verbo, apesar de isso ocorrer com maior frequência. Assim, teríamos uma tendência processual formativa e não uma “regra”.

A função primeira do sufixo é, a partir de um signo já existente, a de criar um outro signo lingüístico com o qual se expressa um conceito, operação possível pelos valores semânticos acrescidos - de acordo com as necessidades dos falantes inseridos numa determinada época. A transcategorização permanece na consciência lingüística do falante, que a usa segundo as circunstâncias. Dessa maneira, o sufixo possuiria as características de: a) criar um signo, necessário para a expressão de certo conceito; b) transpor, em certos casos, a classe gramatical de um vocábulo, de verbo a substantivo (*mudar / mudança*), de adjetivo a substantivo (*comilão / comilança*), de advérbio a substantivo (*tarde / tardança*); c) acrescentar um núcleo semântico, variável em seu percurso diacrônico, que podem ser valores verbais ou nominais. Se a base para formação de *semelhança*, *transigência* e *relevância* foram verbos ou adjetivos, constitui-se um problema de ordem etimológica e não morfológica.

Forjar a derivação de verbos, no caso desses sufixos, é não admitir os limites de uma aplicação teórica. Sobre isso, Malkiel (1945:78) afirma“(...) *Yet such numerous exceptions belie the validity of any too sweeping statement that one is forced to recognize the limitations of morphological research and modestly admit the correctness of the old saying that each word has a history of its own*”<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> Lembremos que esses sufixos também formam substantivos concretos, como *ambulância*, *estância*, *agência*, *superintendência*, etc.

<sup>20</sup> Ainda tantas numerosas exceções escondem a validade de qualquer afirmação muito enfática, pois somos forçados a reconhecer as limitações da pesquisa morfológica e modestamente admitir a correção de uma frase sempre frequente que diz que cada palavra tem sua própria história. (tradução nossa)

## CONCLUSÕES

Ainda que tenhamos optado pela seleção de vocábulos formados pelos sufixos estudados neste trabalho e não pela sua totalidade, os resultados desta pesquisa proporcionaram alguns dados bastante inovadores no campo da morfologia. Em geral, obras de referência que tratam da derivação sufixal e, em especial, dos sufixos *-ançal/-ença*, *-âncial/-ência*, abordam o assunto de maneira superficial, ou porque rechaçam os estudos diacrônicos, ou porque ficam estritamente presas a regras de formação de palavras, ou, ainda, porque ignoram a polissemia dos sufixos. Sem a alteração dessas perspectivas, não há como engendrar pesquisas morfológicas fidedignas.

A associação de nossas considerações permite-nos expor que, ao contrário do que é afirmado nos livros de gramática, os sufixos em português *-ança*, *-ença*, *-ância*, *-ência* possuem outros significados que não apenas 'estado' ou 'ação' ou 'resultado de ação'. Nessas obras, fica a impressão de que os sufixos se prestam somente a alterar a classe gramatical de uma palavra, de verbo a substantivo, e que acrescentam à base um significado superficial, já que se mantém a idéia do verbo: ação ou resultado, estado.

Sobre os traços semânticos dos sufixos abordados, é comum depararmo-nos com discrepantes opiniões a respeito de se eles possuem ou não significado, chegando a haver informações contraditórias dentro de uma mesma obra. É mais comum apontarem os prefixos como possuidores de significado, enquanto os sufixos são vistos como meros constituintes formais. Quanto a sua função, é lugar-comum os gramáticos mencionarem que os substantivos formados por *-ançal/-ença*, *-âncial/-ência* são deverbais, mas não explicam a inexistência de verbos cognatos a esses substantivos no português.

Teorias recentes a respeito da Morfologia já superaram as afirmações feitas nos livros de gramática, pois apontam os sufixos como

portadores de significado e lhes confirmam a função de transpor uma classe gramatical em outra. Acrescentam que a alteração gramatical pode não ocorrer.

Os dicionários podem ser fontes de consulta bastante profícuas a respeito dos sufixos e de palavras derivadas, já que se prestam a investigar o léxico de uma dada língua e fornecer as definições de inúmeras palavras. Ao contrário das gramáticas, apresentam uma maior proximidade da realidade lingüística. Vimos que, mesmo com limitações, dicionaristas apontaram a relação desses sufixos com o particípio presente latino e com adjetivos terminados em *-nte*. Ainda, registraram sobre os sufixos acepções diferentes das que são encontradas nas gramáticas.

Em dicionários da língua portuguesa, vimos que já havia conhecimento sobre a formação do sufixo *-ntia* latino, como Caldas Aulete, e outros apontavam novos significados para os sufixos no português, como Laudelino Freire, que anota "aumento" e "coletividade".

Entretanto, mesmo diante de tantos exemplos, continua-se a afirmar que os sufixos possuem o significado de ação ou resultado e estado e que são formadores de substantivos deverbais, mesmo quando do substantivo não há nenhum verbo cognato.

O Estruturalismo e, posteriormente, o Gerativismo trouxeram contribuições importantes aos estudos morfológicos, ao apontar com veemência a polissemia dos sufixos. Porém, revestidos pela idéia de que toda palavra pode ser segmentada, de que o falante tem consciência da língua que fala e de que estudos diacrônicos não poderiam se mesclar ao sincrônicos, já que isso comprometeria a teoria, criaram uma espécie de fórmula de verificação do léxico. Pois o método permitiria apontar, por exemplo, que um determinado sufixo criava uma certa classe gramatical a partir de outra classe gramatical. Assim, tudo o que não se encaixava era ignorado e colocado no cerne das pesquisas históricas, portanto se referia à diacronia.



No caso dos sufixos estudados, muitos substantivos por eles formados eram anteriores ao verbo, na língua portuguesa, portanto não haveria como apontar a derivação, apenas a cognação entre substantivos e verbos, de mesma base. A visão teórica, dessa forma, fica limitada pela abordagem sincrônica: tanto em casos cujas bases de criação são legítimos morfemas latinos, extraídos de verbos inexistentes no português, quanto em casos nos quais substantivos não encontram cognatos verbais no português.

Em sua origem, o sufixo, em sua forma *-ia*, formava substantivos abstratos deverbais, a partir do particípio presente latino, que possuía a função de atuar ora como verbo, ora como nome. Dessa união, provieram os valores semânticos verbais e adjetivais. Na consciência lingüística do falante do latim, toda a extensão *-ntia* passa a ser reconhecida como sufixo, o particípio presente revela propensão de perda do valor verbal e *-ntia* adquire existência autônoma dos particípios, agregando-se excepcionalmente a adjetivos em *-us*. A forma *-entia* sempre foi mais numerosa que *-antia*, porque *-entia* remonta a verbos latinos de 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> conjugações, especiais para a formação do particípio presente e pela analogia do sufixo a adjetivos latinos em *-(ul)entus*. Confirmado pela existência de vocábulos no romeno, o sufixo *-ntia* permanece no latim vulgar, com emprego idêntico ao da língua clássica e de autores arcaicos.

Quanto ao português, Malkiel já havia apontado os dialetos regionais como responsáveis pelo acréscimo de significado aos sufixos, que adquiriram o sentido de coletividade. Além disso, notou sua junção a outras classes gramaticais que não verbos, como em *pajelança*.

Os dados históricos acima apontados põem em xeque modelos gerativistas, porque nem sempre o substantivo formado é deverbal, já que o sufixo se agrega a outras classes gramaticais ou não há verbos cognatos.

O Dicionário Houaiss é obra lexicográfica de língua portuguesa a se preocupar com a datação dos verbetes e a organização das definições quanto à aceção mais antiga e as que ocorreram por derivação semântica. Em relação à etimologia, os autores se propuseram a mencionar o étimo imediato de cada palavra. A preocupação dos organizadores do Houaiss é há muito encontrada na obra de lexicógrafos ingleses, franceses e italianos, por isso a publicação de uma obra como a de Villar & Houaiss é, sem dúvida, uma conquista para os estudos de língua portuguesa.

Entretanto, a verificação de nosso *corpus* mostrou, em muitos verbetes, alguns reflexos de modelos teóricos que não auxiliam a investigação etimológica, pois sem se preocuparem com a data referida pela própria obra, informam palavras registradas posteriormente como étimo de palavras mais antigas. Em outras situações, é como se, no português, a criação de uma palavra tivesse, pura e simplesmente, tomado por base uma palavra latina, feitas as eventuais adaptações gráficas. Dessa forma, ignora-se tanto o percurso do sufixo, desde o latim até as línguas românicas, quanto a influência de outras culturas.

Sendo assim, a consulta em obras de línguas neolatinas ou de forte influência cultural no português, como o inglês, mostrou-se bastante elucidativa e, se não forneceu a resposta definitiva para o étimo de uma palavra, ao menos evidenciou o equívoco de se registrar a criação no português de certas palavras. Dessa forma, seria mais verdadeira, no campo etimológico do dicionário, a menção da palavra com sua respectiva datação em outras línguas, quando não for possível referir-se o étimo.

A pesquisa etimológica é de suma importância para resolver a questão de quando há dúvida se o vocábulo se trata de uma derivação sufixal ou apenas possui terminação homófona ao sufixo. Contribuí também para a apreensão do significado inicial de um sufixo e os que vieram *a posteriori*, de modo que foi possível compor uma genealogia semântica adquirida em seu percurso.

As classes semântico-categoriais prototípicas dos sufixos analisados são ESS e TRS; a partir delas, outros sentidos foram acrescidos para os sufixos e não se tratam de simples subespecificações, pois concernem às necessidades extralingüísticas, que determinam a criação de palavras e orientam o acréscimo de certos sentidos. Dessa maneira, reforçamos a necessidade de estudar os sufixos também numa perspectiva diacrônica, como auxiliar na apreensão do que ocorre sincronicamente. Caso contrário, sempre haverá lacunas e a criação de palavras será entendida como regra e não como processo.

No que se refere ao português, grande número de substantivos possui um adjetivo cognato em *-nte*, assim como com verbos, o que constrói um conjunto de relações semânticas que fazem o substantivo ter a característica de procedência tanto do verbo quanto do adjetivo. Ao se falar em derivação, não se pode perder de vista que seu processo é necessário para criação de um signo que expresse determinado conceito. Parte do conteúdo semântico desse conceito é preexistente, ponto de partida para a junção de um constituinte morfemático, que lhe agregará novas propriedades semânticas. O signo, resultante desse processo, é, em dado momento histórico, um neologismo, que entrará para o léxico da língua, de acordo com as condições de sua lexicalidade, que se pautam pelas necessidades comunicativas, independentes de regras.

Uma proposta para se tratar o assunto nos referidos livros de gramática seria o de apontar a tendência para os sufixos como formadores de substantivos deverbais ou deadjetivas, abstratos em sua grande maioria, mas que assumem um significado concreto em certas palavras, por indicarem o lugar onde ocorre a ação, como nos casos de *agência*, *superintendência*, *estância*, *vizinhança*. Ainda, que a indicação só seja possível devido à polissemia do sufixo.

Se quisermos acrescentar informações históricas, podemos apontar o fato de o sufixo, pelos seus traços semânticos, ter a propriedade de se juntar a outras classes gramaticais, tais como substantivo, advérbio e que

isso só não é produtivo por questões extralingüísticas, mas plenamente possível: *\*beijança* poderia significar a ação contínua de beijar (substantivo deverbal), assim como um beijo demorado (substantivo denominal). Poderia-se criar também *\*friorência* e *\*peçonhência*, por analogia a *friorento* e *peçonhento*, ou ainda *\*dignificância* e *\*obliterância*, de *dignificante* e *obliterante*, que seriam derivações deadjetivais. De verbos, poderíamos compor *\*envelhecência* e *\*acariciância*, respectivamente de *envelhecer* e *acariciar*, ou *\*emagrecença* e *\*anoitecença*, de *emagrecer* e *anoitecer*. Adjetivos e verbos permitem regularidades derivacionais; se essas palavras não existem no português, o motivo certamente não é por obediência a regras. Todavia, é objeto de estudos da Estilística.

Com isso, consideramos ter conseguido apresentar dados inéditos, de modo a contribuir para com os estudos morfológicos. No entanto, para apresentar argumentações definitivas, seria necessária uma descrição exaustiva de todas as palavras formadas por esses sufixos no léxico da língua portuguesa: apontar as ocorrências de seus valores semânticos ao longo dos séculos, mediante o estudo em *corpora* específicos; indicar a etimologia em definitivo; bem como cruzar os resultados com aqueles de sufixos concorrentes, para compreender a maior ou menor produtividade de um e de outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Bibliografia geral

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo - Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. "Aspectos criativos da linguagem: a neologia lexical". In: Valente, A. (org.) *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo, Edusp, 2001.

CÂMARA Jr., J.M. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

HEGENBERG, Leônidas. *Definições. Termos Teóricos e Significado*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1974.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The Chicago University Press, 1980.

RIO-TORTO, Graça Maria (org.). *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Almedina, 2004.

TESSYER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

ULLMAN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1977.

VIARO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras. Manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2003.

WIERZBICKA, Anna. *Semantics: primes and universals*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 1996.

### **Bibliografia Específica**

ALVAR, Manuel & POTTIER, Bernard. *Morfología histórica del español*. Madrid: Gredos, 1983.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BATTISTI, Carlo & ALESSIO, Giovanni. *Dizionario etimologico italiano*. Firenze: Barbèra, 1950.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário portuguez e latino*. Coimbra-Lisboa: Colégio das Artes, 1712-1728.

BRADLEY, H., CRAIGIE, W. A. & ONIONS, C.T. *The Oxford English Dictionary - Introduction, supplement and bibliography of a new english dictionary on historical principles*. Oxford: at the Clarendon, 1933.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. Trad. Eduardo Guimarães. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1944.
- COROMINAS, Juan & PASCUAL, José A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispanico*. Madrid:Gredos, 1991.
- CORTELAZZO, Manlio & ZOLLI, Paolo. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1988.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Noite, 1940.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1. São Paulo: Objetiva, 2001. CD/ROM.
- HOVEN, René. *Lexique de la prose latine de la Renaissance*. Leiden/ New York: Brill, 1994.
- REY-DEBOVE & REY (org.). *Nouveau Petit Robert: Dictionnaire analogique et alphabétique de la langue française*. Version 1.3. Paris: Dictionnaires Le Robert; 1996-97. CD/ROM.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1962.

MACHADO, José Pedro. *Grande Dicionário da Língua portuguesa*. Lisboa: Amigos do Livro, 1980.

MALKIEL, Yakov. *Development of the latin suffixes –antia and –entia in the romance languages, with special regard to ibero-romance*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1945.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *A unidade da România ocidental*. São Paulo: Cadeira de Filologia Românica, 1951.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bloch Editores S/A, 1976.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia Derivacional: Teoria e aplicação ao Português*. Porto Codex: Porto Editora, 1998.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo/Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.

SANDMAN, José. Antonio. *Competência lexical*. Curitiba: UFPR, 1991.

\_\_\_\_\_. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: UFRP, 1996.

SILVA, Antonio de Moraes e. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Confluencia, 1813.

SOUTER, Alexander. *Glossary of a later latin*. Oxford: at the Clarendon, 1957.



- STELTEN, Leo F. *Dictionary of ecclesiastical latin*. Peabody: Hendrickson, 1995.
- TEKAVČIĆ, Pavao. *Grammatica storica dell'italiano*. Bologna: il Mulino, 1972.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Trad. Carrión, Manuel. Madrid: Gredos, 1985.
- VIARO, Mário. *Para um estudo de semântica sincrônica dos sufixos derivacionais do português no século XIII*. Estudos Lingüísticos, Taubaté: UNITAU, 2003. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/Mviaro021.pdf> . Acesso em: 23.05.2004.
- VIEIRA, Frei Domingos. *Grande dicionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*. Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-74.
- VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

# ANEXO I

Lista de palavras com as respectivas datações em cada língua e destaque da data mais antiga.

português		italiano		inglês		espanhol		francês		I.medieval	I.clássico
advertência	1535	avventenza	s.d.	<b>advertence</b>	<b>1370</b>	advertencia	1575			advertentia	
agência	1589	<b>agenzia</b>	<b>XIV</b>	agence	1631	agencia	1609	agence	1653		
alternância	1871	<b>alternanza</b>	<b>XIV</b>	alternancy	1731			alternance	1830		
andança	s.d.					<b>andanza</b>	<b>1220-50</b>				
cobrança	1672-93					<b>cobranza</b>	<b>1275</b>				
concomitância	1585	concomitanza	XIV	concomitance	1535	concomitancia	1596	concomitance	XIV	<b>concomitantia</b>	
concordância	1650	concordanza	XIII	concordance	1387			<b>concordance</b>	<b>1160</b>		
concorrência	1562	concorrenza	XV	concurrency	1525	concurrencia	1625	<b>concurrance</b>	<b>1370</b>	concurrentia	
condescendência	1698	condiscendenza	XVII	condescendence	1638	<b>condescendencia</b>	<b>1493-95</b>	condescendance	1609		
conferência	1538	conferenza	XIV	conference	1538	conferencia	1611	conférence	1346		<b>conferentia</b>
confiança	XIII					confianza	1400	<b>confiance</b>	<b>XV</b>		
consistência	1661	<b>consistenza</b>	<b>XIV</b>	consistence	1598	consistencia	1884	consistance	XV	consistentia	
convergência	1836	<b>convergenza</b>	<b>1632</b>	convergence	1713	convergenca	1709	convergence	1671		
correspondência	1542	corrispondenza	XIV	correspondence	1413	correspondencia	1438	<b>correspondance</b>	<b>XIV</b>	correspondentia	
decorrência	1958	<b>decorrenza</b>	<b>1812</b>								
dependência	1550	dipendenza	XVI	dependence	1535	dependencia	XV	<b>dépendance</b>	<b>1339</b>	dependentia	
divergência	1783	divergenza	XVIII	divergence	1656	divergencia	1726-39	divergence	1626		<b>devergentia</b>
docência	1916	docenza	XIV			docencia	1936			<b>docentia</b>	
estância	XIII	stanza	XIII			<b>estancia</b>	<b>1251</b>	estancia	1838		
estância	XVI	<b>stanza</b>	<b>1525</b>					stance	1550		
exorbitância	1543	esorbitanza	XVI	exorbitance	1611	exorbitancia	1578-90	exorbitance	1455	<b>exorbitantia</b>	

português		italiano		inglês		espanhol		francês		I. medieval	I. clássico
festança	1858	<b>festanza</b>	<b>XIII</b>								
fiança	1181	fidanza	XIII	fiance	1340	<b>fianza</b>	<b>1095</b>	fiance	1100		
governança	XV			governance	1693	<b>gobernanza</b>	<b>XIV</b>	gouvernance	1478		
implicância	1635-88	<b>implicanza</b>	<b>XVI</b>	implicancy	1638	implicancia	XVII				
importância	1501	importanza	XV	importance	1508	importancia	XIV	<b>importance</b>	<b>1361</b>	importantia	
inadimplência	XX	<b>inadempienza</b>	<b>XIX</b>								
incidência	1789	incidenza	XIV	incidence	1423	incidencia	1591	<b>incidence</b>	<b>XIII</b>	incidentia	
inconfidência	1705	inconfidenza	XVI	inconfidence	1626					<b>inconfidentia</b>	
independência	1660	indipendenza	XVII	independence	1640	independencia	XVII	<b>indépendance</b>	<b>1610</b>		
inerência	1713	inerenza	XVII	inherence	1577	inherencia	1726-39	<b>inhérence</b>	<b>1377</b>	inhaerentia	
insistência	1646	insistenza	XVIII	insistence	1611	insistencia	1499	insistance	1556	<b>insistentia</b>	
lembrança	1437	membranza	XIII			<b>membranza</b>	<b>1220-50</b>				
mendicância	1772	<b>mendicanza</b>	<b>XIV</b>	mendicancy	1790						
militância	s.d.			<b>militancy</b>	<b>1648</b>			militance	1938		
ocorrência	1682			occurrence	1539	ocurrencia	XVII	<b>occurrence</b>	<b>1440</b>		
onisciência	1858	onniscienza	XVIII	ominiscience	1612	omnisciencia	s.d.	omniscience	1734	<b>ominiscientia</b>	
ordenança	XIV					<b>ordenanza</b>	<b>1100</b>	ordonnance	1180		
persistência	1702	persistenza	a1750	persistence	1546	persistencia	1607	persistance	1460	<b>persistentia</b>	
precedência	1566	precedenza	a1562	precedence	1681	precedencia	1440				<b>praecedentia</b>
predominância	1735	predominanza	a1877	predominance	1780	predominancia	s.d.	<b>prédominance</b>	<b>XVI</b>		
preponderância	1858	<b>preponderanza</b>	<b>1667</b>	preponderance	1840	preponderancia	XVII	préponderance	1752		
presidência	XV	presidenza	XIV	presidency	1432-50	presidencia	1493-95	<b>présidence</b>	<b>1372</b>	presidentia	
procedência	1672	procedenza	XVIII			<b>procedencia</b>	<b>1220-50</b>				
proficiência	1873			<b>proficiency</b>	<b>1413</b>						
recorrência	1877	<b>ricurrenza</b>	<b>1640</b>	recurrence	1840			réurrence	1842		

<b>português</b>		<b>italiano</b>		<b>inglês</b>		<b>espanhol</b>		<b>francês</b>		<b>I. medieval</b>	<b>I. clássico</b>
referência	1858	referenza	XIX	<b>reference</b>	<b>1589</b>	referencia	XIX	référence	1820		
regência	1667-80	reggenza	a1630	regency	1562	regencia	1611	<b>régence</b>	<b>1403</b>		
relutância	1629	reluttanza	XIX	<b>relutance</b>	<b>1546</b>			réluctance	1904		
residência	XV	residenza	XIII	residence	1297	residencia	1493-95	résidence	1271	<b>residentia</b>	
saliência	1899	salianza	a1939	<b>salience</b>	<b>1836</b>						
segurança	1391			securance	1642	seguranza	1250	<b>assurance</b>	<b>XII</b>		
sobrevivência	1720	<b>sopravivenza</b>	<b>1644</b>								
subserviência	1877			<b>subservience</b>	<b>1676</b>						
subsistência	1679	sussistenza	XIII	subsistence	1432-50	subsistencia	1687	subsistance	XII		<b>subsistentia</b>
superintendência	1688			superintendence	1578	superintendencia	XVII			<b>superintendentia</b>	
tangência	1881	<b>tangenza</b>	<b>1681</b>	tangence	1840	tangencia	s.d.	tangence	1815		
tendência	1690	tendenza	XVIII	tendance	1627	tendencia	1726-39	<b>tendance</b>	<b>XIII</b>		
transferência	1652			transference	1681	<b>transferencia</b>	<b>1335</b>				
transparência	1721	trasparenza	XVI	transparence	1594	transparencia	XVI	<b>transparence</b>	<b>1380</b>	transparentia	
vidência	1899							<b>voyance</b>	<b>1829</b>		
vingança	XIII	vengianza	XIII	vengeance	1297	venganza	1220-50	<b>vengeance</b>	<b>1080</b>		
vizinhança	XIII	<b>vicinanza</b>	<b>XIII</b>								

## ANEXO II

### Palavras com suas respectivas paráfrases e classe semântico-categoriais

<b>Vocábulo</b>	<b>Paráfrases</b>	<b>Classes</b>
abstinência	ação de x / processo de x/ que é x	TRS.ESS
abundância	propriedade de ser x	ESS
aderência	ação de x / estado decorrente de x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
adimplência	ação de x / processo de x / estado decorrente de x	TRS.RES
adolescência	processo de x / propriedade de ser x	TRS.ESS
advertência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
afluência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
agência	propriedade de ser x/ lugar onde se x	ESS.LCA
aliança	ação de x / estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
alternância	ação de x / estado decorrente de x / que é x	TRS.RES.ESS
ambulância	que é x / lugar onde se x	ESS.LCA
andança	ação de x / estado decorrente de x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
antecedência	ação de x/ estado decorrente de x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
aparência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
apetência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
ardência	propriedade de ser x	ESS
arrogância	ação de x / estado decorrente de x / propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
ascendência	ação de x/ que é x	TRS.ESS
assistência	ação de x/ estado decorrente de x/ coletivo de x/ lugar onde se x	TRS.RES.QNT.LCA
assonância	propriedade de ser x	ESS
audiência	ação de x/ processo de x/ coletivo de x/ lugar onde se x	TRS.QNT.LCA
ausência	processo de x/ que é x / propriedade de ser x	TRS.ESS
avença	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
aventurança	que é x	ESS
beneficência	ação de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
benevolência	propriedade de ser x	ESS
cadência	processo de x	TRS
candência	propriedade de ser x	ESS
carência	processo de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS

<b>Vocábulo</b>	<b>Paráfrases</b>	<b>Classes</b>
ciência	que é x	ESS
circunferência	que é x	ESS
circunstância	processo de x / propriedade de ser x / coletivo de x	RES.ESS.QNT
clarividência	propriedade de ser x	ESS
clemência	propriedade de ser x	ESS
cobrança	ação de x / estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
coerência	propriedade de ser x	ESS
coincidência	ação de x/ estado decorrente de x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
comilança	que x com frequência/repetidamente	RES+
competência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
complacência	ação de x/ estado decorrente de x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
concomitância	propriedade de ser x	ESS
concordância	ação de x / estado decorrente de x / propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
concorrência	ação de x/ processo de x/ estado decorrente de x/ coletivo de x	TRS.RES.QNT
concupiscência	propriedade de ser x	ESS
condescendência	ação de x/ estado decorrente de x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
conferência	ação de x/ processo de x/ estado decorrente de x/ coletivo de x	TRS.RES.QNT
confiança	que é x / propriedade de ser x	ESS
confidência	ação de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
confluência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
convivência	ação de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
consciência	propriedade de ser x/ coletivo de x	ESS.QNT
conseqüência	que é x	ESS
consistência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
consonância	ação de x / estado decorrente de x / propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
constância	que é x / propriedade de ser x	ESS
continência	processo de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
contingência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
contundência	propriedade de ser x	ESS
conveniência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
convergência	ação de x/ estado decorrente de x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
convivência	ação de x/ processo de x/ estado decorrente de x	TRS.RES
corpulência	propriedade de ser x/ que tem ou é grande x	ESS.RES+
correspondência	ação de x/ processo de x/ estado decorrente de x/ coletivo de x	TRS.RES.QNT
crença	processo de x / que é x/ propriedade de ser x	TRS.ESS

<b>Vocábulo</b>	<b>Paráfrases</b>	<b>Classes</b>
criança	propriedade de ser x	ESS
culminância	ação de x / estado decorrente de x / que é x	TRS.RES.ESS
decadência	ação de x/ processo de x/ estado decorrente de x	TRS.RES
decência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
decorrência	ação de x/ estado decorrente de x	TRS.RES
deferência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
deficiência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
degenerescência	ação de x/ processo de x/ estado decorrente de x	TRS.RES
delinqüência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
demência	propriedade de ser x	ESS
dependência	processo de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
descendência	que é x/ coletivo de x	ESS.QNT
desinência	que é x	ESS
desistência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
diferença	que é x / propriedade de ser x	ESS
diligência	propriedade de ser x	ESS
discrepância	que é x / propriedade de ser x	ESS
displícência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
dissidência	ação de x/ que é x	TRS.ESS
distância	ação de x / estado decorrente de x / propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
divergência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
docência	ação de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
doença	propriedade de ser x	ESS
dormência	processo de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
eficiência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
elegância	que é x / propriedade de ser x	ESS
eloqüência	propriedade de ser x	ESS
emergência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
eminência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
equivalência	propriedade de ser x	ESS
errância	propriedade de ser x	ESS
esperança	processo de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
essência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
estância	que é x	ESS
estância	ação de x/ que é x/ lugar onde se x	TRS.ESS.LCA

<b>Vocábulo</b>	<b>Paráfrases</b>	<b>Classes</b>
evidência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
excelência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
excrescência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
exigência	ação de x/ estado decorrente de x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
existência	processo de x/ que é x	TRS.ESS
exorbitância	que é x / propriedade de ser x	ESS
experiência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
extravagância	propriedade de ser x	ESS
exuberância	propriedade de ser x	ESS
falência	ação de x/ processo de x/ estado decorrente de x	TRS.RES
festança	que é ou tem grande x	RES+
fiança	ação de x / que é x	TRS.ESS
finança	que é x	ESS
flagrância	processo de x / propriedade de ser x	TRS.ESS
florescência	processo de x	TRS
fluência	propriedade de ser x	ESS
fluorescência	processo de x	TRS
fosforescência	processo de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
fragrância	propriedade de ser x	ESS
fraudulência	propriedade de ser x	ESS
fremência	propriedade de ser x	ESS
freqüência	ação de x/ estado decorrente de x/ coletivo de x/que x com freqüência/repetidamente	TRS.RES.QNT.RES+
ganância	propriedade de ser x	ESS
gerência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
governança	ação de x	TRS
herança	ação de x / que é x	TRS.ESS
ignorância	processo de x / propriedade de ser x	TRS.ESS
iminência	propriedade de ser x	ESS
implicância	ação de x / propriedade de ser x	TRS.ESS
imponência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
importância	que é x / propriedade de ser x	ESS
inadimplência	ação de x/ processo de x/ estado decorrente de x	TRS.RES
incidência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
inconfidência	que é x	ESS
incongruência	que é x/ propriedade de ser x	ESS



<b>Vocábulo</b>	<b>Paráfrases</b>	<b>Classes</b>
incumbência	ação de x / estado decorrente de x / que é x	TRS.RES.ESS
independência	processo de x / propriedade de ser x	TRS.ESS
indiferença	estado decorrente de x / propriedade de ser x	RES.ESS
indulgência	que é x / propriedade de ser x	ESS
inerência	propriedade de ser x	ESS
infância	processo de x / propriedade de ser x	TRS.ESS
inferência	ação de x / estado decorrente de x / que é x	TRS.RES.ESS
influência	ação de x / estado decorrente de x / que é x / propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
inocência	que é x / propriedade de ser x	ESS
insipiência	propriedade de ser x	ESS
insistência	ação de x / estado decorrente de x / que é x	TRS.RES.ESS
insolência	que é x / propriedade de ser x	ESS
instância	ação de x / propriedade de ser x / coletivo de x	TRS.ESS.QNT
insuficiência	que é x / propriedade de ser x	ESS
inteligência	que é x / propriedade de ser x / coletivo de x	ESS.QNT
interferência	ação de x / estado decorrente de x / que é x	TRS.RES.ESS
intolerância	que é x / propriedade de ser x	ESS
irreverência	que é x / propriedade de ser x	ESS
jurisprudência	que é x / coletivo de x	ESS.QNT
lembrança	ação de x / estado decorrente de x / propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
licença	que é x / propriedade de ser x	ESS
liderança	que é x / propriedade de ser x	ESS
magnificência	que é x / propriedade de ser x	ESS
maledicência	ação de x / que é x / propriedade de ser x	TRS.ESS
malevolência	propriedade de ser x	ESS
mendicância	ação de x / estado decorrente de x / propriedade de ser x / coletivo de x	TRS.RES.ESS.QNT
militância	que é x	ESS
minudência	que é x	ESS
mudança	ação de x / estado decorrente de x	TRS.RES
nascença	processo de x	TRS
negligência	propriedade de ser x	ESS
obediência	ação de x / estado decorrente de x / propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
observância	processo de x / que é x / propriedade de ser x	TRS.ESS
ocorrência	que é x	ESS
onipotência	que é x / propriedade de ser x	ESS

<b>Vocábulo</b>	<b>Paráfrases</b>	<b>Classes</b>
onisciência	que é x / propriedade de ser x	ESS
opulência	propriedade de ser x/ que tem ou é grande x	ESS.RES+
ordenação	ação de x / que é x	TRS.ESS
paciência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
pendência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
penitência	que é x / propriedade de ser x	ESS
permanência	ação de x/ processo de x/ que é x	TRS.ESS
perseverança	que é x / propriedade de ser x	ESS
persistência	que é x / propriedade de ser x	ESS
pertinência	que é x / propriedade de ser x	ESS
pestilência	que é x	ESS
petulância	propriedade de ser x	ESS
potência	que é x / propriedade de ser x	ESS
poupança	ação de x / propriedade de ser x	TRS.ESS
precedência	propriedade de ser x	ESS
predominância	propriedade de ser x	ESS
preferência	ação de x/ que é x	TRS.ESS
preponderância	propriedade de ser x	ESS
prepotência	que é x / propriedade de ser x	ESS
presença	que é x / propriedade de ser x	ESS
presidência	ação de x/ processo de x/ estado decorrente de x/ que é x / lugar onde se x	TRS.RES.ESS.LCA
prevalência	que é x / propriedade de ser x	ESS
previdência	propriedade de ser x	ESS
procedência	ação de x/ estado decorrente de x/ propriedade de ser x/ lugar onde se x	TRS.RES.ESS.LCA
proficiência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
protuberância	que é x / propriedade de ser x	ESS
providência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
prudência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
pujança	propriedade de ser x	ESS
recorrência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
redundância	propriedade de ser x	ESS
referência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
regência	ação de x/ processo de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
reincidência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
relevância	propriedade de ser x	ESS

<b>Vocábulo</b>	<b>Paráfrases</b>	<b>Classes</b>
relutância	ação de x / estado decorrente de x / propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
reminiscência	processo de x/ que é x	TRS.ESS
repelência	propriedade de ser x	ESS
repetência	ação de x/ estado decorrente de x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
repugnância	propriedade de ser x	ESS
residência	processo de x/ que é x/ lugar onde se x	TRS.ESS.LCA
resistência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
ressonância	processo de x / propriedade de ser x	TRS.ESS
reticência	que é x	ESS
reverência	que é x	ESS
saliência	que é x / propriedade de ser x	ESS
segurança	ação de x / estado decorrente de x/ propriedade de ser x / coletivo de x	TRS.RES.ESS.QNT
semelhança	propriedade de ser x	ESS
sentença	que é x	ESS
seqüência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x/ coletivo de x	TRS.RES.ESS.QNT
significância	que tem ou é grande x	RES+
sindicância	que é x / coletivo de x	ESS.QNT
sobrevivência	ação de x/ estado decorrente de x/ propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
sonolência	processo de x/ que é x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
subserviência	ação de x/ que é x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
subsistência	processo de x/ propriedade de ser x/ coletivo de x	TRS.ESS.QNT
substância	propriedade de ser x	ESS
suficiência	que é x / propriedade de ser x/ coletivo de x	ESS.QNT
superintendência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x/ lugar onde se x	TRS.RES.ESS.LCA
tangência	que é x	ESS
temperança	propriedade de ser x	ESS
tendência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
tolerância	ação de x / estado decorrente de x / propriedade de ser x	TRS.RES.ESS
transcendência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
transferência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
transigência	ação de x/ estado decorrente de x/ que é x	TRS.RES.ESS
transparência	que é x/ propriedade de ser x	ESS
truculência	ação de x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
turbulência	ação de x/ que é x/ propriedade de ser x	TRS.ESS
urgência	que é x/ propriedade de ser x	ESS

**Vocábulo**

valência  
variância  
veemência  
vidência  
vigência  
vigilância  
vingança  
violência  
virulência  
vivência  
vizinhança

**Paráfrases**

que é x/ propriedade de ser x  
que é x  
que é x/ propriedade de ser x/ que tem ou é grande x  
que é x/ propriedade de ser x  
processo de x/ propriedade de ser x  
ação de x / processo de x / estado decorrente de x / propriedade de ser x  
ação de x/ estado decorrente de x  
ação de x/ estado decorrente de x/ que é x/ propriedade de ser x  
que é x / propriedade de ser x  
processo de x/ que é x / propriedade de ser x  
propriedade de ser x / local onde se x / coletivo de x

**Classes**

ESS  
ESS  
ESS.RES+  
ESS  
TRS.ESS  
TRS.RES.ESS  
TRS.RES  
TRS.RES.ESS  
ESS  
TRS.ESS  
ESS.LCA.QNT

## ANEXO III

Verbos, participios com valor adjetivo alterado semanticamente com relação à base e substantivos correspondentes, no latim clássico.

<b>Vocábulo</b>	<b>Verbo</b>	<b>Particípio-adjetivo</b>	<b>Substantivo</b>
abstinência	<i>abstineo, -ere</i>	<i>abstinens, -tis</i>	<i>abstinentia</i>
abundância	<i>abundo, -are</i>	<i>abundans, -tis</i>	<i>abundantia</i>
aderência	<i>adhaereo, -ere</i>	<i>adhaerens, -tis</i>	<i>adhaerentia</i>
adolescência	<i>adolesco, -ere</i>	<i>adolescens, -tis</i>	<i>adolescentia</i>
afluência	<i>adfluo, -ere</i>	<i>adfluens, -tis</i>	<i>adfluentia</i>
aparência	<i>appareo, -ere</i>		<i>apparentia</i>
apetência	<i>appeto, -ere</i>	<i>appetens, -tis</i>	<i>appetentia</i>
arrogância	<i>adrogo, -are</i>	<i>adrogans, -tis</i>	<i>adrogantia</i>
audiência	<i>audio, -ire</i>	<i>audiens, -ntis</i>	<i>audientia</i>
ausência	<i>absento, -are</i>	<i>absens, -tis</i>	<i>absentia</i>
avença	<i>advenio, -ire</i>		<i>advenientia</i>
beneficência			<i>beneficentia</i>
benevolência		<i>benevolens, -tis</i>	<i>benevolentia</i>
candência	<i>candeo, -ere</i>	<i>candens, -tis</i>	<i>candentia</i>
ciência	<i>scio, -ire</i>	<i>sciens, -tis</i>	<i>scientia</i>
circunferência	<i>circumfero, -ferre</i>	<i>circumferens, -tis</i>	<i>circumferentia</i>
circunstância	<i>circumsto, -are</i>		<i>circumstantia</i>
clemência		<i>clemens, -tis</i>	<i>clementia</i>
coerência	<i>cohaereo, -ere</i>	<i>cohaerens, -tis</i>	<i>cohaerentia</i>
competência	<i>competo, -ere</i>	<i>competens, -tis</i>	<i>competentia</i>
complacência	<i>complaceo, -ere</i>		<i>complacentia</i>
concupiscência	<i>concupisco, -ere</i>	<i>concupiens, -tis</i>	<i>concupiscentia</i>
conferência	<i>confero, -ferre</i>		<i>conferentia</i>
confidência	<i>confido, -ere</i>	<i>confidens, -ntis</i>	<i>confidentia</i>
confluência	<i>confluo, -ere</i>	<i>confluens, -tis</i>	<i>confluentia</i>
consciência	<i>conscio, -ire</i>		<i>conscientia</i>
consequência	<i>consequor, -i</i>	<i>consequens, -ntis</i>	<i>consequentia</i>
consonância	<i>consono, -are</i>	<i>consonans, -tis</i>	<i>consonantia</i>
constância	<i>consto, -are</i>	<i>constans, -tis</i>	<i>constantia</i>
continência	<i>contineo, -ere</i>	<i>continens, -tis</i>	<i>continentia</i>
contingência	<i>contingo, -ere</i>		<i>contingentia</i>
conveniência	<i>convenio, -ire</i>	<i>conveniens, -tis</i>	<i>convenientia</i>
corpulência		<i>corpulens, -tis</i>	<i>corpulentia</i>
decência	<i>deceat, -ere</i>	<i>decens, -tis</i>	<i>decentia</i>

<b>Vocábulo</b>	<b>Verbo</b>	<b>Particípio-adjetivo</b>	<b>Substantivo</b>
deficiência	<i>deficio, -ere</i>	<i>deficiens, -tis</i>	<i>deficientia</i>
delinqüência	<i>delinquo, -ere</i>		<i>delinquentia</i>
demência	<i>demento, -are</i>	<i>demens, -tis</i>	<i>dementia</i>
diferença	<i>differo, -ferre</i>	<i>differens, -tis</i>	<i>differentia, ae</i>
diligência	<i>diligo, -ere</i>	<i>diligens, -ntis</i>	<i>diligentia</i>
discrepância	<i>discrepo, -are</i>	<i>discrepans, -tis</i>	<i>discrepantia</i>
displicência	<i>displiceo, -ere</i>		<i>displicentia</i>
dissidência	<i>dissideo, -ere</i>		<i>dissidentia</i>
distância	<i>disto, -are</i>		<i>distantia</i>
divergência	<i>devergo, ere</i>		<i>devergentia</i>
doença	<i>doleo, -ere</i>	<i>dolens, -tis</i>	<i>dolentia</i>
eficiência	<i>efficio, -ere</i>	<i>efficiens, -tis</i>	<i>efficientia</i>
elegância	<i>eligo, -ere</i>	<i>elegans, -tis</i>	<i>elegantia</i>
eloqüência	<i>eloquor, -qui</i>	<i>eloquens, -tis</i>	<i>eloquentia</i>
eminência	<i>emineo, -ere</i>	<i>eminens, -tis</i>	<i>eminentia</i>
errância	<i>erro, -are</i>	<i>errans, -tis</i>	<i>errantia</i>
essência	<i>esse</i>		<i>essentia</i>
evidência	<i>video, -ere</i>	<i>evidens, -tis</i>	<i>evidentia</i>
excelência	<i>excello, -ere</i>	<i>excellens, -tis</i>	<i>excellentia</i>
excrescência	<i>exresco, -ere</i>		<i>exrescentia</i>
exigência	<i>exigo, -ere</i>		<i>exigentia</i>
existência	<i>exsisto, -ere</i>		<i>exsistentia</i>
experiência	<i>experior, -iri</i>	<i>experiens, -tis</i>	<i>experientia</i>
exuberância	<i>exubero, -are</i>	<i>exuberans, -tis</i>	<i>exuberantia</i>
flagrância	<i>flagro, -are</i>	<i>flagrans, -tis</i>	<i>flagrantia</i>
fluência	<i>fluo, -ere</i>	<i>fluens, -ntis</i>	<i>fluentia</i>
fragrância	<i>frago, are</i>	<i>fragrans, -tis</i>	<i>fragrantia</i>
fraudulência	<i>fraudo, -are</i>		<i>fraudentia</i>
freqüência	<i>frequento, -ere</i>	<i>frequens, -ntis</i>	<i>frequentia</i>
ignorância	<i>ignoro, -are</i>	<i>ignorans, -tis</i>	<i>ignorantia</i>
iminência	<i>immineo, -ere</i>	<i>imminens, -tis</i>	<i>imminentia</i>
imponência	<i>impono, -ere</i>		<i>imponentia</i>
incongruência	<i>congruo, -ere</i>	<i>incongruens, -tis</i>	<i>incongruentia</i>
indiferença	<i>differo, -ferre</i>	<i>indifferens, -tis</i>	<i>indifferentia</i>
indulgência	<i>indulgeo, -ere</i>	<i>indulgens, -tis</i>	<i>indulgentia</i>
infância		<i>infans, -tis</i>	<i>infantia</i>
inocência		<i>innocens, -tis</i>	<i>innocentia</i>
insipiência	<i>insipio, -ere</i>	<i>insipiens, -tis</i>	<i>insipientia</i>

<b>Vocábulo</b>	<b>Verbo</b>	<b>Particípio-adjetivo</b>	<b>Substantivo</b>
insolência	<i>insolesco, -ere</i>	<i>insolens, -tis</i>	<i>insolentia</i>
instância	<i>insto, -are</i>	<i>instans, -tis</i>	<i>instantia</i>
insuficiência	<i>sufficio, -ere</i>	<i>insufficiens, -tis</i>	<i>insufficientia</i>
inteligência	<i>intellego, -ere</i>	<i>intellegens, -tis</i>	<i>intellegentia</i>
intolerância	<i>intolero, -are</i>	<i>intolerans, -tis</i>	<i>intolerantia</i>
irreverência	<i>revereor, -eri</i>	<i>irreverens, -tis</i>	<i>irreverentia</i>
licença	<i>licet, -ere</i>	<i>licens, -tis</i>	<i>licentia</i>
magnificência			<i>magnificentia</i>
maledicência	<i>maledico, -ere</i>	<i>maledicens, -tis</i>	<i>maledicentia</i>
malevolência		<i>malevolens, -tis</i>	<i>malevolentia</i>
nascença	<i>nascor, nasci</i>		<i>nascentia</i>
negligência	<i>neglego, -ere</i>	<i>neglegens, -tis</i>	<i>neglegentia</i>
obediência	<i>oboedio, -ire</i>	<i>oboediens, -tis</i>	<i>oboedientia</i>
observância	<i>observo, -are</i>	<i>observans, -tis</i>	<i>observantia</i>
onipotência		<i>omnipotens, -tis</i>	<i>omnipotentia</i>
opulência	<i>opulento, -are</i>	<i>opulens, -tis</i>	<i>opulentia</i>
paciência	<i>patior, -i</i>	<i>patiens, -tis</i>	<i>patientia</i>
perseverança	<i>persevero, -are</i>	<i>perseverans, -tis</i>	<i>perseverantia</i>
pestilência		<i>pestilens, -tis</i>	<i>pestilentia</i>
petulância	<i>peto, -ere</i>	<i>petulans, -tis</i>	<i>petulantia</i>
potência	<i>possum, posse</i>	<i>potens, -tis</i>	<i>potentia</i>
precedência	<i>praecedo, -ere</i>		<i>praecedentia</i>
prepotência		<i>praepotens, -tis</i>	<i>praepotentia</i>
presença	<i>praesum, praeesse</i>	<i>praesens, -ntis</i>	<i>praesentia</i>
prevalência	<i>praevaleo, -ere</i>	<i>praevalens, -tis</i>	<i>praevalentia</i>
previdência	<i>praevideo, -ere</i>		<i>praevidentia</i>
providência	<i>provideo, -ere</i>	<i>providens, -tis</i>	<i>providentia</i>
prudência	<i>provideo, -ere</i>	<i>prudens, -tis</i>	<i>prudentia</i>
redundância	<i>redundo, -are</i>	<i>redundans, -tis</i>	<i>redundantia</i>
reminiscência	<i>reminiscor, -i</i>		<i>reminiscentia</i>
repetência	<i>repeto, -ere</i>		<i>repetentia</i>
resistência	<i>resisto, -ere</i>		<i>resistentia</i>
ressonância	<i>resono, -are</i>		<i>resonantia</i>
reticência	<i>reticeo, -ere</i>		<i>reticentia</i>
reverência	<i>revereor, -eri</i>	<i>reverens, -tis</i>	<i>reverentia</i>
sentença	<i>sentio, -ire</i>		<i>sententia</i>
seqüência	<i>sequor, -i</i>	<i>sequens, -tis</i>	<i>sequentia</i>
significância	<i>significo, -are</i>	<i>significans, -tis</i>	<i>significantia</i>

<b>Vocábulo</b>	<b>Verbo</b>	<b>Particípio-adjetivo</b>	<b>Substantivo</b>
sonolência			<i>somnolentia</i>
subsistência	<i>subsisto, -ere</i>		<i>subsistentia</i>
substância	<i>substo, -are</i>		<i>substantia</i>
suficiência	<i>sufficio, -ere</i>	<i>sufficiens, -tis</i>	<i>sufficientia</i>
temperança	<i>tempero, -are</i>	<i>temperans, -tis</i>	<i>temperantia</i>
tolerância	<i>tolero, -are</i>	<i>tolerans, -tis</i>	<i>tolerantia</i>
transcendência	<i>transcendo, -ere</i>		<i>transcendentia</i>
truculência		<i>truculens, -tis</i>	<i>truculentia</i>
turbulência	<i>turbulento, -are</i>		<i>turbulentia</i>
valência	<i>valeo, -ere</i>	<i>valens, -tis</i>	<i>valentia</i>
variância	<i>vario, -are</i>		<i>variantia</i>
veemência		<i>vehemens, -tis</i>	<i>vehementia</i>
vigilância	<i>vigilo, -are</i>	<i>vigilans, -tis</i>	<i>vigilantia</i>
violência		<i>violens, -tis</i>	<i>violentia</i>
virulência			<i>virulentia</i>



## ANEXO IV

Lista de substantivos, adjetivos e verbos cognatos no português.

<b>Substantivo</b>	<b>Adjetivo</b>	<b>Verbo</b>
abstinência	abstinente	abster
abundância	abundante	abundar
aderência	aderente	aderir
adimplência	adimplente	adimplir
adolescência	adolescente	adolescer
advertência		advertir
afluência	afluente	afluir
agência	agente	agir
aliança		aliar
alternância	alternante	alternar
ambulância	ambulante	ambular
andança	andante	andar
antecedência	antecedente	anteceder
aparência	aparente	aparecer
apetência	apetente	apetecer
ardência	ardente	arder
arrogância	arrogante	arrogar
ascendência	ascendente	ascender
assistência	assistente	assistir
assonância	assonante	assonar
audiência		ouvir
ausência	ausente	ausentar
avença		avir
aventurança		aventurar
beneficência	beneficente	beneficiar
benevolência	benevolente	
cadência	cadente	cair
candência	candente	
carência	carente	carecer
ciência	ciente	
circunferência	circunferente	
circunstância	circunstante	circunstar
clarividência	clarividente	

<b>Substantivo</b>	<b>Adjetivo</b>	<b>Verbo</b>
clemência	clemente	
cobrança		cobrar
coerência	coerente	coerir
coincidência	coincidente	coincidir
comilança		comer
competência	competente	competir
complacência	complacente	comprazer
concomitância	concomitante	
concordância	concordante	concordar
concorrência	concorrente	concorrer
concupiscência	concupiscente	
condescendência	condescendente	condescender
conferência	conferente	conferir
confiança	confiante	confiar
confidência	confidente	confidenciar
confluência	confluente	confluir
conivência	conivente	
consciência	consciente	
conseqüência	conseqüente	conseguir
consistência	consistente	consistir
consonância	consonante	consonar
constância	constante	constar
continência	continente	conter
contingência	contingente	contingenciar
contundência	contundente	contundir
conveniência	conveniente	convir
convergência	convergente	convergir
convivência	convivente	conviver
corpulência	<b>corpulento</b>	
correspondência	correspondente	corresponder
crença	crente	crer
criança		criar
culminância	culminante	culminar
decadência	decadente	decair
decência	decente	
decorrência	decorrente	decorrer
deferência	deferente	deferir

<b>Substantivo</b>	<b>Adjetivo</b>	<b>Verbo</b>
deficiência	deficiente	
degenerescência	degenerescente	degenerar
delinqüência	delinqüente	delinqüir
demência	demente	
dependência	dependente	depende
descendência	descendente	descender
desinência	desinente	
desistência	desistente	desistir
diferença	diferente	diferir
diligência	diligente	
discrepância	discrepante	discrepar
displicência	displicente	
dissidência	dissidente	
distância	distante	distar
divergência	divergente	divergir
docência	docente	
doença	doente	doer
dormência	dormente	dormir
eficiência	eficiente	
elegância	elegante	eleger
eloqüência	eloqüente	
emergência	emergente	emergir
eminência	eminente	
equivalência	equivalente	equivaler
errância	errante	errar
esperança		esperar
essência		
estância <sup>1</sup>	estante	estar
estância <sup>2</sup>		estar
evidência	evidente	evidenciar
excelência	excelente	
excrescência	excrescente	excrescer
exigência	exigente	exigir
existência	existente	existir
exorbitância	exorbitante	exorbitar
experiência	experiente	
extravagância	extravagante	extravagar

<b>Substantivo</b>	<b>Adjetivo</b>	<b>Verbo</b>
exuberância	exuberante	exuberar
falência		falir
festança		festejar
fiança		fiar
finança		finar
flagrância	flagrante	flagrar
florescência	florescente	florescer
fluência	fluente	fluir
fluorescência	fluorescente	fluorescer
fosforescência	fosforescente	fosforescer
fragrância	fragrante	
fraudulência	<b>fraudulento</b>	
fremência	fremente	fremir
freqüência	freqüente	freqüentar
ganância	<b>ganancioso</b>	gananciar
gerência	gerente	gerir
governança	governante	governar
herança		herdar
ignorância	ignorante	ignorar
iminência	iminente	
implicância	implicante	implicar
imponência	imponente	impor
importância	importante	importar
inadimplência	inadimplente	inadimplir
incidência	incidente	incidir
inconfidência	inconfidente	
incongruência	incongruente	
incumbência	incumbente	incumbir
independência	independente	independer
indiferença	indiferente	
indulgência	indulgente	indulgenciar
inerência	inerente	inerir
infância	infante	
inferência	inferente	
influência	influyente	influir
inocência	inocente	inocentar
insipiência	insipiente	

<b>Substantivo</b>	<b>Adjetivo</b>	<b>Verbo</b>
insistência	insistente	insistir
insolência	insolente	
instância	instante	instar
insuficiência	insuficiente	
inteligência	inteligente	entender
interferência	interferente	interferir
intolerância	intolerante	
irreverência	irreverente	
jurisprudência	jurisprudente	
lembrança		lembrar
licença		licenciar (post)
liderança		liderar
magnificência	magnificante	
maledicência	maledicente	maldizer
malevolência	malevolente	
mendicância	mendicante	mendigar
militância	militante	militar
minudência	minudente	diminuir
mudança	mutante	mudar
nascença	nascente	nascer
negligência	negligente	negligenciar
obediência	obediente	obedecer
observância	observante	observar
ocorrência	ocorrente	ocorrer
onipotência	onipotente	
onisciência	onisciente	
opulência	<b>opulento</b>	
ordenação		ordenar
paciência	paciente	pacientar
pendência	pendente	pende
penitência	penitente	penitenciar
permanência	permanente	permanecer
perseverança	perseverante	perseverar
persistência	persistente	persistir
pertinência	pertinente	pertencer
pestilência	<b>pestilente/pestilento</b>	
petulância	petulante	

<b>Substantivo</b>	<b>Adjetivo</b>	<b>Verbo</b>
potência	potente	potenciar
poupança		poupar
precedência	precedente	preceder
predominância	predominante	predominar
preferência	preferente	preferir
preponderância	preponderante	preponderar
prepotência	prepotente	
presença	presente	presenciar
presidência	presidente	presidir
prevalência	prevalente	prevalecer
previdência	previdente	prever
procedência	procedente	proceder
proficiência	proficiente	
protuberância	protuberante	protuberar
providência	providente	provir
prudência	prudente	prudenciar
pujança	pujante	pujar
recorrência	recorrente	recorrer
redundância	redundante	redundar
referência	referente	referir
regência	regente	reger
reincidência	reincidente	reincidir
relevância	relevante	relevar
relutância	relutante	relutar
reminiscência	reminiscente	
repelência	repelente	repelir
repetência	repetente	repetir
repugnância	repugnante	repugnar
residência	residente	residir
resistência	resistente	resistir
ressonância	ressonante	ressoar/ressonar
reticência	reticente	
reverência	reverente	reverenciar
saliência	saliente	sair
segurança		segurar
semelhança	semelhante	semelhar
sentença		sentenciar

<b>Substantivo</b>	<b>Adjetivo</b>	<b>Verbo</b>
seqüência	seqüente	seqüenciar
significância	significante	significar
sindicância	sindicante	sindicar
sobrevivência	sobrevivente	sobreviver
sonolência	<b>sonolento</b>	
subserviência	subserviente	
subsistência	subsistente	subsistir
substância		consubstanciar
suficiência	suficiente	
superintendência	superintendente	superintender
tangência	tangente	tanger
temperança	temperante	temperar
tendência	tendente	tender
tolerância	tolerante	tolerar
transcendência	transcendente	transcender
transferência		transferir
transigência	transigente	transigir
transparência	transparente	transparecer
truculência	<b>truculento</b>	
turbulência	<b>turbulento</b>	
urgência	urgente	urgir
valência	valente	valer
variância	variante	variari
veemência	veemente	
vidência	vidente	ver
vigência	vigente	viger
vigilância	vigilante	vigiar / vigilar
vingança	vindicante	vingar
violência	<b>violento</b>	violentar
virulência	<b>virulento</b>	
vivência	vivente	viver
vizinhança		vizinhar